

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23285

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 19 JULHO 90 70\$00

Água: consumo recorde em Lisboa

O calor fez subir em flecha não só os termómetros, mas também o consumo de todos os líquidos, especialmente o da água, que atingiu níveis históricos

Não há memória de um dia em que Lisboa tenha, como ontem, consumido tanta água: a Epal tratou e distribuiu 687 mil metros cúbicos, o maior valor de sempre. A vaga de calor que assola o País faz com que

outros bens de consumo atinjam níveis de procura recorde. A maior produtora de gelados nacional espera alcançar o mais elevado índice de vendas conhecido, com 3,25 litros *per capita* em 1990, contra 3 litros no ano

passado. O consumo de águas minerais também continua a subir e, no final do mês, os portugueses deverão ter bebido cerca de 37 milhões de litros.

Pág. 13

Miguel Beleza ao DL

Não é fácil executar o orçamento dos outros

O ministro das Finanças admitiu ao «DL» que o Orçamento de Estado em execução, caso fosse de sua autoria, seria diferente.

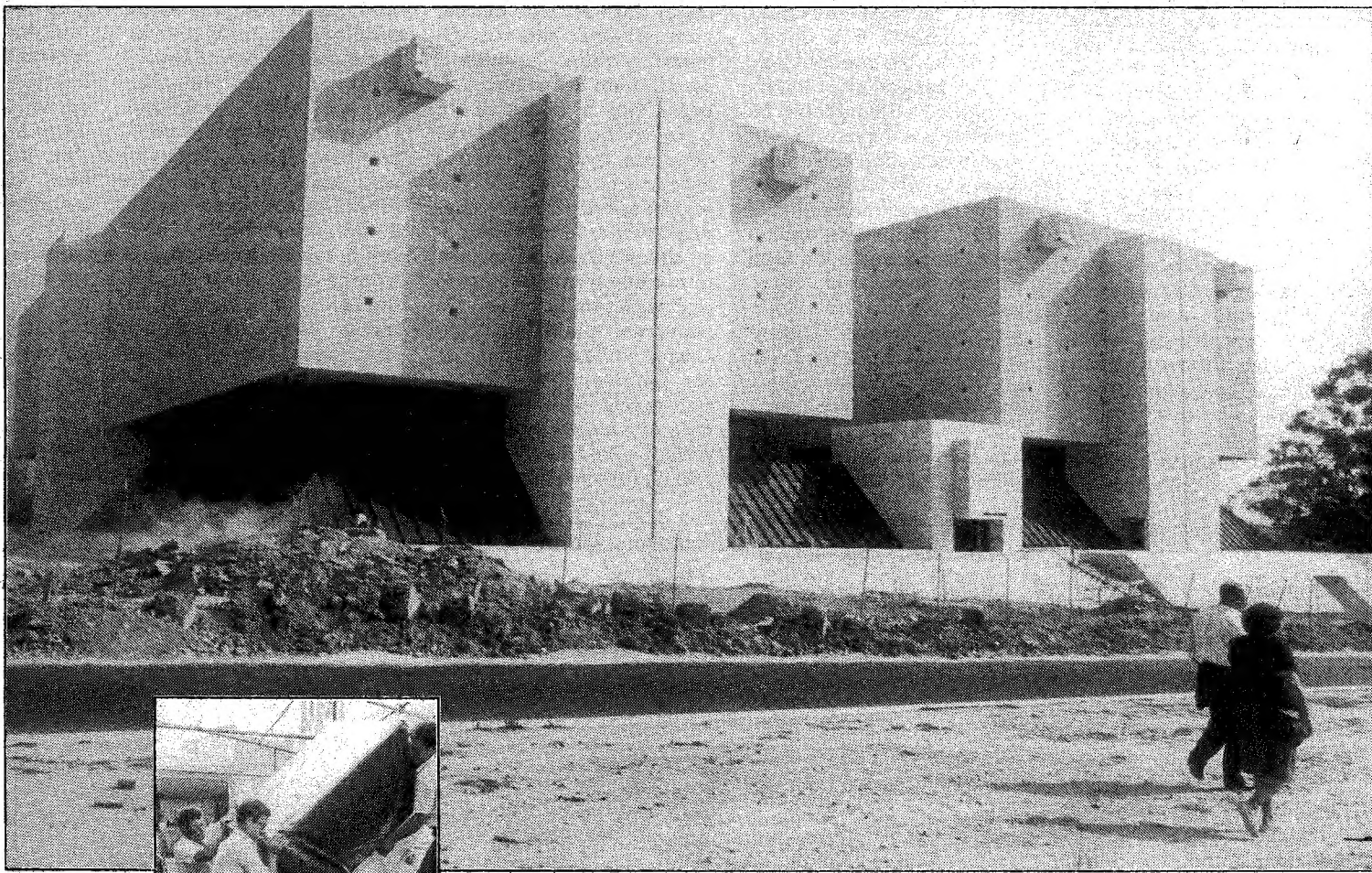
Miguel Beleza, que ontem expôs à Comissão Parlamentar de Economia e Finanças as áreas em que é necessário «cortar», para reduzir as despesas correntes em 45 milhões de contos, afirmou ser mais fácil actuar com um Orçamento próprio que dos outros.

Aquele governante negou ainda que os salários estivessem a baixar, cotejados com o actual nível de inflação, que em Junho não subiu.

Pág. 5

Torre do Tombo

A crise da abundância



Rui Vasco

Em Portugal, país de carências, eis que nos deparamos com uma crise de abundância: o espaço do novo edifício da Torre do Tombo, onde há cem quilómetros de estantes livres. A questão está em saber o que é que se vai seleccionar para lá meter. A polémica surgiu e não é pacífica. Que fazer dos arquivos que até agora não estavam na Torre do Tombo porque não cabiam lá? Como diz o nosso colaborador Adriano Duarte Rodrigues, eis-nos perante um problema crucial. Entretanto, a mudança da Torre do Tombo começou hoje e vai durar até ao fim do ano.

Págs. 10 e 20

Portugal não protege privacidade dos cidadãos

Pág. 6

Remédio contra a Sida

Cientistas soviéticos descobriram uma substância capaz de matar periodicamente a forma activa do vírus

Um importante passo no combate à sida acaba de ser dado por geneticistas soviéticos, que descobriram uma nova substância, a partir das toxinas contidas nas membranas envolventes do vírus, que o destrói na sua forma activa.

A administração periódica do *toxinreceptor* permitirá evitar a morte dos doentes. Prosseguindo na mesma linha de investigação, os cientistas de Moscovo esperam poder também tratar a forma latente da sida.

Pág. 13



PORTE
PAGO

A corrupção em balanço pela Alta Autoridade

Pág. 7

Festas de Lisboa: polémica em tempo de rescaldo Págs. 2, 3 e 4

Hoje: Suplemento Literário

Duas semanas depois começa a ser tempo para um balanço das Festas de Lisboa, este ano com uma novidade: a nova Câmara de esquerda acrescentou-lhes uma dinâmica rejuvenescida. As apreciações são no geral positivas, mas numa iniciativa que primou pelo excesso de boas intenções não poderiam deixar de acontecer falhas

Ganhos, percas e pontos de polémica

GRANDE ANGULAR

Junho é, desde há muitos anos, o mês em que Lisboa surge mais ou menos engalanada para festejar a contento o seu santo padroeiro. Pede-se o proverbial tostãozinho, assam-se sardinhas no carvão e erguem-se altares ao Santo António, não o brilhante teólogo de Pádua mas esse rapaz folião que quebrava as bilhas às moças nos chafarizes de Lisboa. O novo executivo camarário surgido das eleições autárquicas de Dezembro último associou-se aos festejos e continuou as habituais Festas da Cidade. Manteve o que havia, como as marchas lisboetas, propôs-se o inédito com a vinda dos Rolling Stones para um megaconcerto e avançou com um programa de animação urbana.

De Junho passam duas semanas, inicia-se já amanhã uma nova agenda de espectáculos que se prolongarão até ao dia 3 de Agosto, e agora que, apesar de todas as diferenças relativamente ao «reinado» de Abecasis, sabemos ainda distante uma *movida* alfacinha (pois nem sempre a realidade se coíbe com as

boas intenções, e a Câmara teve-as talvez em demasia), é tempo para um balanço, com a indispensável avaliação de ganhos (são bem visíveis e ainda bem), percas (algumas) e pontos de polémica, que os houve e a doer.

A vinda do grupo de Mick Jagger foi o sucesso que se viu, mas a Câmara teve o dissabor da anulação do concerto dos Stone Roses, e se é de não esquecer que os programadores das Festas de Lisboa tiveram a coragem de convidar para a animação de rua músicos que estão habitualmente fora do alcance do grande público, houve zangas e protestos devido à desorganização geral ou por desacordo com as atitudes adoptadas pelos responsáveis designados para operarem no terreno. É sabido, igualmente, que o povo comemorou os seus santos populares como sempre o pôde fazer, mas muitos lisboetas lamentaram-se que neste ponto em particular o município de esquerda não tivesse sabido distinguir-se do populismo camarário dos últimos anos.

Pouco importa, porque de

uma forma geral, enquanto vistas como um todo, as Festas caíram como ouro sobre azul. Os responsáveis mostram-se satisfeitos e assumem uma ou outra lacuna com a intenção de, na próxima vez (que vai ser já, com a cantora Ute Lemper a interpretar Kurt Weill no São. Luiz - *ver caixa*), corrigirem o que esteve mal.

Uma vitória

Vítor Costa, vereador do Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, ainda não recebeu o relatório do coordenador das Festas de Lisboa, nem o seu balanço financeiro, que só lhe chegará às mãos em Setembro, mas pensa que a iniciativa foi uma vitória da edilidade. «Por um lado - afirmou à reportagem do «DL» - conseguiu-se criar um novo figurino para as festas, criando-se coisas novas, ao mesmo tempo que se mantiveram as realizações tradicionais.» De resto, na opinião de Vítor Costa, também não deixa de ser representativo o envolvimento de entidades como a Associação de Comerciantes, o Hot Clube e o Ritz Clube, tal como a adesão

do público a iniciativas tão diversas como as marchas bairristas, os espectáculos de animação nalgumas das artérias principais da Baixa da cidade ou os concertos realizados dentro de salas prestigiadas, como foi o caso do Tivoli, encerrado enquanto cinema. O vereador salientar-nos-ia ainda o facto de a Câmara não se ter acomodado à mera compra de espectáculos: «Ao contrário dos outros anos, não nos limitámos a passar cheques.»

Consciente das dificuldades, a edilidade viu-se pouco apetrechada para levar a cabo a iniciativa. Procuraram-se alternativas. Segundo Vítor Costa, «não houve sobrecarga da estrutura da Câmara, criou-se uma outra de produção específica, com gente nova e muito entusiasmada». Apesar de tais considerandos, o autarca do PCP não deixou de referir a ocorrência de falhas «que podiam ser evitáveis». Aludiu sobretudo às «falhas da promoção, resultantes da descoordenação, com consequências negativas, entre os responsáveis pela promoção

e os que dirigiram a produção». Por vezes, referiu ainda Vítor Costa, «anunciava-se um espectáculo e aparecia outro», mas, como também disse ao nosso jornal, «isso é o inevitável fruto de alguma inexperiência».

As dificuldades parecem óbvias: pouco tempo de preparação e um orçamento limitado. «Tivemos de angariar patrocínios, quando as empresas já os tinham definido no princípio do ano», declarou-nos a propósito. Miguel Portas, assessor de Jorge Sampaio para a Cultura, referiu-se, também ele, aos prós e aos contras de cada componente das Festas. No que diz respeito à programação de espectáculos propriamente dita, considerou que o concerto dos Rolling Stones, «independentemente de ter sido o primeiro megaconcerto que se fez em Portugal, permitiu que surgisse um acordo entre três partes (Câmara, um produtor privado e o Montepio) que é uma base para o futuro e que, se se quiser, permitirá a realização de três a quatro megaconcertos por ano no nosso país».

Para Miguel Portas, o momento alto destas festas foi precisamente a vinda da banda inglesa. «O Montepio garantiu o risco financeiro, na perspectiva de o poder recuperar, o produtor assegurou todo o trabalho de produção propriamente dito, enquanto a Câmara, mais do que o dinheiro avançado para o espectáculo, proporcionou a redução dos custos de produção e a diminuição dos preços de bilheteira», disse-nos. Miguel Portas não deixaria de sublinhar, igualmente, o papel que o município desempenharia para o desbloqueio de determinadas situações que, a todo o momento, poderiam comprometer a realização do concerto.

O contraponto a esta euforia foi a não concretização do projectado espectáculo dos Stone Roses, até agora mal explicado pelas entidades nele envolvidas, a começar, precisamente, pela autarquia. Razões? Segundo Miguel Portas, «eles não vieram porque fizeram exigências técnicas incapazes de serem satisfeitas no tempo que estava disponível». A resposta, lacónica, não esclarece alguns dados que entretanto vieram a lume na Imprensa. Terão acontecido outras peripécias, agora omitidas nos discursos «oficiais»...

Mais festas em Lisboa

Terminadas as Festas da Cidade, inicia-se agora uma série de espectáculos a que se deu a designação de Lisboa/90. Os concertos agendados prolongar-se-ão até ao próximo dia 3 de Agosto, tomando como palcos espaços tão diferentes como o Teatro São. Luiz, a Praça do Comércio, a Aula Magna, o Claustro dos Jerónimos, a Torre de Belém e o Convento do Beato.

Tal como Miguel Portas referiu ao «DL», esta é uma iniciativa que abrange diversas áreas do espectáculo, a preços de bilheteira que não se ficam pelo simbolismo porque, se o fizessem, prejudicariam o mercado do género, mas que não atingem também os níveis da produção privada.

Ao organizar este con-



Els Comediants, um dos espectáculos que se seguem

junto de concertos, a edilidade tem em mente conjugá-lo com a existência de diversos festivais, a realizar na mesma época do ano, nos

chamados arredores da cidade. São os casos paradigmáticos do Festival da Costa do Estoril e dos Capuchos, que todos os anos pro-

curam atrair os veraneantes para outras práticas de turismo.

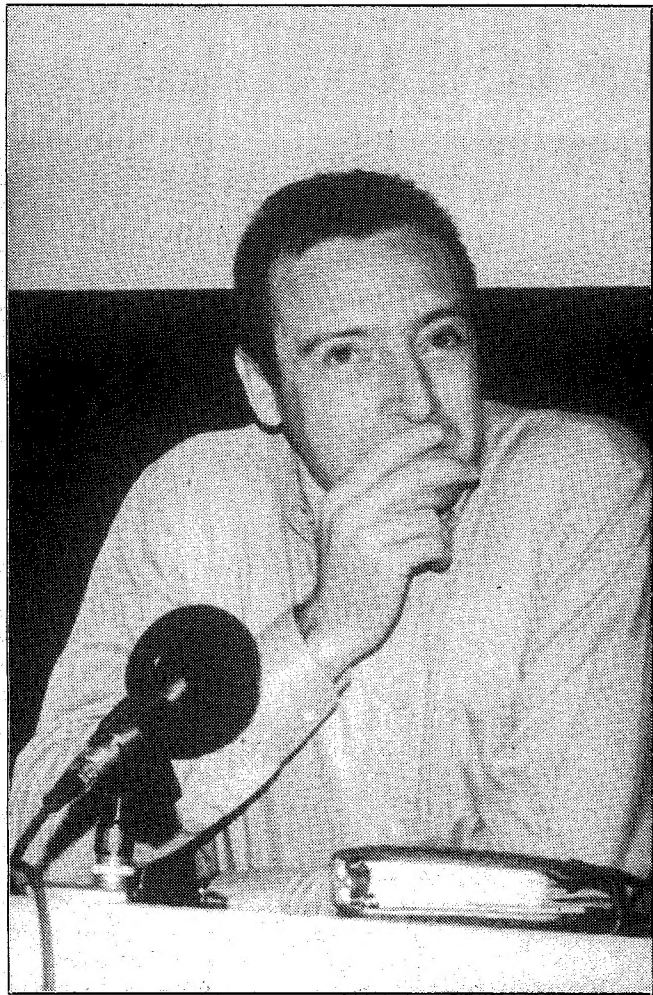
É assim que já amanhã, pelas 22 horas, a cantora Ute

vai até à Torre de Belém. Tudo acaba no dia 3 com O Bando a representar a peça «Bichos» no Beato.

M.J.M.

Manter as velhas tradições

As comemorações tradicionais dos santos de gosto popular não foram negligenciadas. No que respeita às marchas «procurou-se reduzir os tempos mortos em termos de televisão». Nada mais. «Elas são uma realidade demasiado complexa, em termos de regras, para as quisermos modificar» - justificou Miguel Portas a continuação do nível populista que Krus Abecasis apadrinhara. A área privilegiada neste campo foi, pois, a dos arraiais, e nesse campo é que os organizadores pretendiam introduzir modificações mais substanciais. «As alterações foram discutidas com as juntas de freguesia das zonas históricas da cidade (Alfama, Mouraria, Castelo, Bica) que podiam participar, desde que associadas a colectividades que tivessem a ver com o lugar.» Foi assim que se candidataram ao subsídio camarário cerca de setenta arraiais, dos quais cinquenta vieram a ser apoiados com uma verba que em média rondava os 450 mil escudos



Miguel Portas: o assessor de Jorge Sampaio para a Cultura que se diz exigente consigo mesmo



Vítor Costa, vereador do Turismo, faz um balanço positivo das Festas

(mais cem do que no ano passado).

Onde as colectividades locais não tomaram a iniciativa, a Câmara dialogou directamente com as populações. Foi o que aconteceu em Alfama, onde a edilidade «atribuiu cem contos, garantiu um palanque e um mínimo de programação durante nove noites, com música ao vivo e ilusionismo». Como parecia aconselhável, as populações encarregaram-se de tudo o que respeitava à decoração do bairro.

Que critérios presidiram à atribuição de subsídios a determinados locais em detrimento de outros? Miguel Portas explicou: «Demos maior apoio aos premiados de anos anteriores para suscitar a competitividade entre arraiais de qualidade. Por outro lado, procuram-se criar hábitos de fixação em lugares onde as condições são poucas, por prevalecerem problemas sociais graves.» De referir ainda que as verbas variavam, pelo que nos foi afirmado, consoante o número de colectividades associadas para a realização de um mesmo arraial, ou ainda consoante a sua localização. Na ânsia de desconcentrar a zona histórica, verdadeiramente intransitável nestes dias de festa, as periferias foram encorajadas com um subsídio 10% mais elevado do que o recebido pelas restantes áreas. Para além disso, os arraiais tiveram de assumir carácter público e reduzir tanto quanto possível a sua componente comercial.

Os resultados foram, no dizer de Miguel Portas, amplamente compensatórios e houve até surpresas. Como a «partida» que a Ajuda pregou à Câmara. No ano passado, este bairro da zona ocidental da cidade

apresentara um arraial que foi considerado muito fraco, não oferecendo as condições indispensáveis para obter o subsídio camarário correspondente ao ano em curso. Não se deixaram derrotar. Sem dinheiros municipais, o Bairro da Ajuda deu mostras de uma perseverança e de uma criatividade ímpares, apresentando um belíssimo arraial pelo qual arrebatou um prémio.

A animação urbana

A animação urbana, outra componente destas festas da cidade, conheceu momentos altos, mas também outros que não podiam ter corrido pior. Para os altos contribuíram os Dixie Land com um cheirinho das *brass bands* de New Orleans, os Leões de Macau ou a noite de fados de Coimbra no Largo da Igreja de São Vicente. Algo contestada foi a fórmula dos camiões que serviram de palco, em locais como a Avenida da Liberdade ou a Praça da Alegria, para alguns dos espectáculos, sobretudo os de música *pop/rock*. Se estes concertos, totalmente gratuitos, merecem de Miguel Portas um balanço positivo, é aqui que aparecem as reticências de fundo. Henrique Neves, coordenador das festas, desculpa o que correu mal lembrando que «foram preparados mais de trezentos espectáculos em menos de três meses», e Paulo Pulido Valente, um dos responsáveis pelo sector de animação de rua, declarou ao «DL» que «apesar de ter sido a primeira vez que organizámos uma coisa destas, foi muito positivo», ainda que se tenha em conta o seguinte: «Quando se realizam 310 espectáculos, nem tudo corre às mil maravilhas.»

Tal como Vítor Costa, Pu-

lido Valente julga que a filosofia das Festas foi concretizada. «O espectáculo do Jorge Palma, por exemplo, registou uma média de quinhentos espectadores. Os Intrépida Trupe também nunca registaram menos de trezentas pessoas. Houve, por outro lado, uma diversificação de ofertas que permitiu tornar as coisas um pouco diferentes do dia-a-dia.» E acrescentou: «Fizemos uma média de dez concertos por dia, com cinquenta grupos em quarenta e cinco locais diferentes, jogando com a surpresa das pessoas.»

Miguel Portas, mais exigente para com as capacidades da autarquia, considerou, quando contactado pelo nosso jornal, que poderiam ter sido experimentadas outras hipóteses. Porque não se articula a animação de rua com a vida nocturna de Lisboa? Porque não se preferiu a zona do Chiado, um espaço cheio de praças e lugares abertos, de referências que são autênticas chaves para a memória da capital? Foi neste âmbito, precisamente, que a polémica estalou. Francisco Trindade, um dos agentes artísticos com músicos por si representados nas Festas lisboetas, apresenta várias queixas contra Paulo Pulido Valente, conhecido no meio enquanto *manager* de alguns dos participantes na programação, como Sérgio Godinho, os Lua Extravagante de Vitorino e Janita Salomé ou Waldemar Bastos. Reclamam sobre ele, aliás, acusações de que teria beneficiado os «seus» artistas.

Trindade diria ao «DL», ao contar a sua história: «Não confundo o executivo camarário com a produção das Festas de Lisboa, falo explicitamente e só do senhor Paulo Pulido Valente.» De acordo com Francisco Trindade,

verificaram-se algumas situações que, no mínimo, lhe parecem muito estranhas. A primeira refere-se às condições técnicas com que actuaram os Netos do N'Gumbé, com Julinho da Concertina um dos dois nomes com que avançou.

«Apesar de não ter ficado explicitado no contrato se havia ou não som, após o primeiro espectáculo, no dia 1 de Junho, Paulo Pulido Valente informou-me que os outros concertos teriam instalação sonora, o que de facto aconteceu na Praça da Alegria no dia 10 e, no Largo do Chiado, no dia 12. A 16, o espectáculo estava marcado para as 16 horas e tinha-me sido garantido por Paulo Pulido Valente que seria deslocado um móvel de som para a Rua Augusta. Acontece que quando lá cheguei não havia móvel nem estava ninguém da produção para dar início ao concerto. Meia-hora depois chegou o Paulo Pulido Valente que, ao ser questionado por mim e pelos músicos sobre o som, negou-se a pô-lo no local, alegando que os microfones tinham ficado molhados no Largo do Chiado, noutro espectáculo dos guineenses», apontámos.

A este propósito, Francisco Trindade acrescentaria ainda: «Eles tocam em bidons de 25 litros de água que saltou e molhou, de facto, os microfones. Mas o mesmo já acontecera na Praça da Alegria e o técnico presente não tinha colocado qualquer problema, na medida em que os microfones não foram deteriorados.» No Chiado, as coisas não andariam tão bem. «Após o espectáculo, o técnico veio insistentemente queixar-se de que os microfones estavam molhados, querendo responsabilizar-me pelo facto. Respondi-lhe

continua na pág. 4

COMENTÁRIO

E depois, como vai ser?

Confessando-o ou não, qualquer autarquia de esquerda tem a aspiração de poder manter um programa cultural que não esteja muito longe do modelo proposto pelo *Ayuntamiento* socialista de Tierno Gálvan com a sua *movida* madrilenha. Todos o soubemos efêmero, esse *boom* que agitou tantas áreas das artes, da música, do cinema ou do teatro no país vizinho, mas também temos consciência de que alguma coisa ficou - um certo empenho autárquico e governamental, alguma adesão por parte do mecenato, um estilo sem equivalentes e uma dinâmica que, embora hoje bem mais localizada, ainda encontramos viva.

A Câmara de Lisboa resultante da maioria PS/PCP quis que as Festas de Lisboa decorridas em Junho passado fossem diferentes. Quis que fossem mais. Não se preocupou em emendar o populismo instituído pela presidência de Abecasis e provavelmente decidiu mal nesse sentido, embora seja verdade que daí não terá nenhum prejuízo. Considerou, em alternativa, que as melhores alterações a introduzir seriam as grandes estreias e os investimentos de peso, por um lado, como a multiplicação de pequenas iniciativas, pelo outro. Jogou forte e arriscou-se. Podia ter sido um fiasco, por algo que a Câmara percebeu imediatamente: não tinha capacidade suficiente para tanto. É o que transparece, agora que tudo passou, das declarações emanadas da Praça do Município. O atrevimento correu bem, ainda que as polémicas estalassem e que a satisfação não seja comum a todas as partes envolvidas. Fizeram-se erros crassos, erros que, admite-o o vereador do Turismo, podiam ter sido evitados. A aposta, no entanto, foi ganha.

Inexperiência, falta de estrutura, orçamentos limitados e demasiada confiança em peões de quem não se sabia muito bem o que esperar foram factores que, associados, não poderiam deixar de dar azo a aspectos menos positivos. O voto de confiança dado a Paulo Pulido Valente, para coordenar no terreno a animação musical de rua apesar de ser o *manager* de alguns dos artistas agendados, terá sido um tanto precipitado. Não está em causa, obviamente, a avaliação da honestidade daquele responsável - esta é uma questão formal que requeria maior cuidado, apenas isso, e é o mínimo que se pode pedir a uma instituição pública. Assim não se entendeu e dos tristes episódios que surgiram em consequência damos conta nesta Grande Angular.

O que mais interessa aos lisboetas são outras coisas. É saber, por exemplo, se a criatividade de que a Câmara deu agora provas terá continuidade, ou se decorreu apenas de um assomo ocasional. Em suma: o rico programa cultural de Junho foi concebido porque houve festa e santos a comemorar ou marcou a arrancada para um mais sério período de produções culturais? Sim, é verdade que amanhã começa o ciclo Lisboa/90, mas há que reparar num factor - o município pouco mais fará do que aproveitar a inclusão desses mesmos espectáculos nos festivais de Verão, designadamente o da Costa do Estoril e o dos Capuchos. E depois, o que vem?

Têm sido feitas à Câmara consideráveis propostas de espectáculos para Lisboa. Algumas, que à partida garantiriam o interesse do público, foram imediatamente rejeitadas, pelo que o «DL» pôde apurar. O facto preocupa-nos, mas não o estranhámos. As Festas da Cidade esgotaram, por algum tempo, as capacidades da Câmara. A *movida* alfacinha ficará para mais tarde...



Rui Eduardo Pais

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelero e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Villela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Braderode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferrelas, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo, Brito e Pedro Palma

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antoneta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

Queixas e discussões «logísticas»

continuação da pág. 3

que a responsabilidade seria da produção, porque os músicos não mergulhavam os microfones dentro de água.»

Água e litígios

Confrontado com tais queixas, Paulo Pulido Valente declarou-nos que Francisco Trindade lhe recomendara estes concertos de música africana porque dispensavam infra-estruturas de som. «São espectáculos que eles habitualmente fazem nas ruas», terá a f i r m a d o Trindade ao responsável da animação. Quanto ao fornecimento de água para uso musical dos Netos do N'Gumbé, as duas partes voltam ao litígio. Francisco Trindade refere que «foi sempre dito que era necessário água, mas a produção nunca providenciou para que ela estivesse disponível nos locais dos espectáculos». Os músicos tiveram que pedi-la aos comerciantes das redondezas, e houve quem lhes exigisse pagamento: «Quando nos queixámos ao senhor Paulo Pulido Valente, ele alegou que, neste caso, a água era um instrumento, pelo que tinham de ser os músicos a arranjar-lá», disse-nos o agente em questão.

Em resposta, Pulido Valente afirmou ao «DL» ter sido sincero desde o início: «Disse logo que era impossível garantir a água, o Francisco Trindade insistiu, mas acabou por dizer que lá se arranjariam.» O mesmo interveniente desta polémica nada exemplar, que teve como consequência o impedimento, pela Polícia, do último concerto dos Netos do N'Gumbé devido ao adiamento da hora a que estas discussões «logísticas» obrigaram, negou-nos, ainda, que tivesse beneficiado de alguma forma os artistas que agência. Assim: «Em Janeiro foi feita uma reunião com produtores de espectáculos na qual apresentei duas propostas que foram aceites, já em Fevereiro. Quando, em Abril, o Henrique Neves me convidou para este lugar, disse-lhe que tinha dois concertos contratados e que temia problemas. A Câmara aceitou a situação e toda a gente sabia o que se estava a passar. Foi um processo muito transparente.»

«De resto - acrescentou ainda - se houve alguém que não cumpriu o contrato foi o Francisco Trindade. Ficava estabelecido que os Netos do N'Gumbé teriam oito elementos e várias bailarinas. Fizeram dois espectáculos com cinco músicos e três com quatro. Quanto às bailarinas, nunca apareceram.» Questionado por nós acerca desta matéria, Miguel Portas repudiaria também as acusações sub-



Os Netos do N'Gumbé estiveram no centro da maior polémica destas Festas de Lisboa. Paulo Pulido Valente acusou-os de não cumprirem o contrato, comparecendo com cinco ou quatro elementos em vez dos oito originais. Na foto aparecem sete...

scritas por Francisco Trindade, salientando as «diferenças que existem entre espectáculos de animação urbana, semi-espontâneos, sem meios técnicos, e os espectáculos tradicionais. Todos os acordos foram feitos sem especificações relativas às condições sonoras» - afirmou-nos. E pronto: cada um a verdade diz sua.

Embora apresentando também algumas razões de queixa, a direcção do Hot Clube, que esteve ligado à animação da Praça da Alegria, vê estas últimas Festas de Lisboa como algo de muito satisfatório. De resto, «o jazz foi incluído no programa, o que foi simpático», referir-nos-ia a propósito Rui Martins. Há, no entanto, que repensar a entrada livre no Hot. Segundo Rui Martins, «este aspecto não foi tão positivo como se esperava. Os músicos queixaram-se de que o ambiente ficou a perder, porque havia bastante gente que vinha para a conversa e para a cerveja, quando o jazz é um género musical que exige entrega de parte a parte».

Vitor Costa, vereador do Turismo, não negou esta situação mas viu-a sob um melhor prisma: «De todos aqueles que foram ao Hot Clube para a cerveja, talvez tenham aparecido alguns futuros frequentadores.» Mas Rui Martins não deixaria de se debruçar igualmente sobre as falhas em matéria promocional, sobretudo no que respeitou à divulgação do concerto de Dave Liebman no Tivoli, que, esse sim, teve um som de grande qualidade. Poucos souberam da vinda do grande saxofonista de jazz a Lisboa, mas os que assistiram ao concerto foram bem

servidos.

Numa palavra: tudo está ainda em aberto. Não há moral da história, a não ser o

enunciar de prós e contras inerentes a coisas como estas, coisas que, como tudo na vida, só se aprendem a fazer,

fazendo. Começam a acontecer coisas à beira-Tejo, disso não há dúvidas...

Maria João Martins



ORQUESTRA DO PORTO

ALMADA

INCRÍVEL ALMADENSE

5.ª feira • 19 de Julho • 21.00

LISBOA

RUÍNAS DO CARMO

6.ª feira • 20 de Julho • 21.30

SANTARÉM

TEATRO SÁ DA BANDEIRA

Sábado • 21 de Julho • 17.30

HANS GRAF, Maestro

CRISPIAN STEELE-PERKINS, Trompete

W. A. MOZART — Sinfonia n.º 34 em Dó Maior, K. 338

J. HAYDN — Concerto para Trompete e Orquestra em Mi Bemol Maior

F. MENDELSSOHN — Sinfonia n.º 1 em Dó Menor, op. 11

POLÍTICA

Miguel Beleza quer poupar 45 milhões

Não é fácil executar Orçamento de outros

O ministro das Finanças admitiu ao «DL» que um orçamento da sua responsabilidade seria diferente do que está a ser executado. Ontem propôs na Assembleia da República cortes nas despesas correntes no valor de 45 milhões de contos. A reunião de trabalho que Miguel Beleza manteve com os membros da Comissão Parlamentar de Economia e Finanças não se revestiu de aspectos polémicos, ao contrário do que alguns observadores esperavam.

Apesar disso, aquele governante foi, por vezes, questionado com mais vivacidade, quer por Manuel dos Santos e Helena Torres Marques, do PS, quer por Octávio Teixeira e Carlos Lilaia, do PCP e do PRD, respectivamente.

Em causa estavam «cortes» orçamentais nas despesas correntes que, se outro efeito directo não tiverem, se repercutirão, pelo menos, no estancamento do avanço da inflação, que só no último mês se ficou pela estaca zero, isto é, deixou de crescer - adiantou Miguel Beleza ao «Diário de Lisboa» no final da reunião. O ministro frisou também não dispor de «elementos suficientes que me permitam adiantar uma previsão sobre a inflação final».

Não é fácil prever Inflação final

«Trata-se de cortar nas despesas do orçamento não essenciais e será o Estado a sofrer e não os privados», sublinhou o ministro, acrescentando que os «cortes» se



Miguel Beleza: «14º mês dispensa reforço das verbas da Segurança Social»

sentirão, em particular, na área governamental.

Octávio Teixeira manifestou-nos, não obstante, alguma relutância sobre o alcance da iniciativa, uma vez que poderá ter implicações na área do ensino. De acordo com o deputado comunista, os «cortes» afec-

tarão em cerca de 20 por cento alguns dos serviços das escolas secundárias, nomeadamente ao nível dos serviços de apoio (contínuos) e da segurança.

As medidas propostas pelo ministro das Finanças não incidem sobre investimentos nem afectam a execução do

PIDDAC (Plano de Investimentos e Desenvolvimento da Administração Central) e do Serviço Nacional de Saúde, como Beleza explicou aos jornalistas e há muito era do conhecimento dos deputados deste Comissão Parlamentar.

Menos segurança nas escolas

Em termos gerais, dez por cento do total dos 45,6 milhões de contos respeitam a diversos abonos, 20 por cento à aquisição de bens e serviços (é este «corte» que poderá reduzir a segurança das escolas secundárias), outros 20 por cento em bens de capital e 30 por cento nos transportes. Um dos membros da Comissão de Economia e Finanças disse ao «DL» que, este ano, não haverá mais carros novos para o Governo.

À reunião, que começou com uma exposição do ministro aos deputados, assistiram os secretários de Estado dos Assuntos Fiscais, Oliveira e Costa, e do Orçamento, Manuela Ferreira Leite. Oliveira e Costa prestou vários esclarecimentos a propósito do aumento das receitas da tributação directa.

O deputado socialista Manuel dos Santos denunciou entretanto o facto do Governo não ter atendido às propostas da oposição de atribuir o 14º mês aos reformados, por «razões claramente políticas», uma vez que o veio a fazer «em proveito próprio».

Júlio Rodrigues

Através de protocolos

Justiça coopera com autarquias

O Ministério da Justiça e as autarquias deverão celebrar, em breve, protocolos de cooperação nas áreas da delinquência e recuperação do parque judiciário, anunciou o presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, ANMP, Mário de Almeida que se encontrou com o ministro da Justiça, Laborinho Lúcio, para uma abordagem sobre o objectivo dos acordos.

Na área da delinquência, está prevista a elaboração de protocolos que estabeleçam o tipo de cooperação entre o Ministério da Justiça e os municípios no que diz respeito ao cumprimento de penas com trabalho a favor da comunidade, em alternativa à detenção de curta duração.

Neste âmbito, o protocolo deverá também contemplar aspectos relativos a programas de recuperação de menores.

Referindo-se ao parque judiciário, cuja recuperação é da responsabilidade do Ministério da Justiça, Mário de Almeida admitiu a colaboração das autarquias em pequenas obras, por considerar que se encontram ao serviço das populações.

Este protocolo, que poderá estender-se à construção de novos edifícios, será possível «se não implicar grandes gastos», disse o presidente da ANMP.

Mário de Almeida, que se encontrou com o ministro do Planeamento e Administração do Território, Valente de Oliveira, interrogou este responsável acerca dos critérios que vão presidir à elaboração do Orçamento de Estado de 1991. O presidente da ANMP disse que «os municípios terão de readquirir a capacidade de intervenção perdida com a diminuição dos impostos directos e o aumento dos limites de isenção, ainda não compensada, como a lei impõe».

B R E V E S

Parlamento prepara decisões sobre Timor-Leste

A Assembleia da República prepara decisões sobre o acompanhamento da questão de Timor-Leste, mas guarda para si os pormenores essenciais. A Comissão Eventual de Acompanhamento reuniu-se ontem com o ministro dos Negócios Estrangeiros, na presença do presidente da AR e dos líderes dos grupos parlamentares, devendo deste encontro resultar «consequências práticas e concretas», disse Sousa Lara. As decisões tomadas são «um assunto delicado que envolve posições de melindre», acrescentou o presidente da Comissão. Aguardam-se novidades após a próxima reunião, em 31 do corrente.

PS acusa Governo e PSD de se servirem do Estado

O PS acusa o Governo e o PSD de não se coibirem de utilizar questões de Estado para resolver os seus conflitos partidários. Assinado pelo porta-voz dos socialistas, Marques da Costa, o comunicado salienta que, «incapazes de definir a sua posição face ao estatuto político-administrativo da Madeira», Governo e PSD decidiram «impedir a votação final na respectiva Comissão Parlamentar».

Madeira não quer dois canais de televisão

A Assembleia Legislativa da Madeira rejeitou uma proposta do PS visando a criação de um segundo canal de TV na região. Os socialistas propõem uma programação integralmente preenchida pelo 1º canal nacional da RTP. O PS/Madeira pretendia o arranque desta proposta já este ano, mas na votação do documento os socialistas ficaram isolados, já que UDP, PCP e CDS votaram contra, por motivos diferentes.

PCP e PRD pretendem «afastar a direita»

PCP e PRD esboçaram os termos de uma «convergência» político-partidária de actuação visando «afastar a direita do poder». Os dois partidos reuniram-se ontem e propuseram-se «unir esforços entre si e com os restantes partidos democráticos» para derrotar o Governo em 1991. «É necessário contrariar a maioria absoluta de um só partido», afirmou, no final, Hermínio Martinho.

UNITA e Governo angolano conversam de novo em Portugal

Persistem ainda alguns «pontos de divergência entre a UNITA e o Governo angolano», mas, segundo o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Durão Barroso, que ontem à tarde regressou de Rabat, onde se encontrou com Jonas Savimbi, as conversações para a paz em Angola estão a decorrer «a bom ritmo» e tudo indica que a nova ronda de encontros entre as duas partes interessadas se realizará em território português.

Durão Barroso disse aos jornalistas que o aguardavam no aeroporto que as duas reuniões que manteve com o líder da UNITA e outros membros da organização foram «muito úteis».

No seu entender, foi dado mais um passo para se ficar a conhecer as posições do movimento de Savimbi relativamente ao processo de paz.

Evitando expressar a opinião do Governo relativamente a esta questão, o secretário de Estado preferiu destacar o

papel do Executivo português enquanto protagonista de uma missão de bons ofícios:

«Ambas as partes querem a paz só que ainda não estão de acordo como acabar a guerra. Se houver paz a responsabilidade será apenas dos angolanos», disse.

Durão Barroso, que fará chegar em breve ao Governo de Luanda os resultados dos encontros de Marrocos com Savimbi sublinhou uma vez mais a preocupação do Governo português em esclarecer «todas as ambiguidades que possam existir no processo», e em instalar um clima de «confiança e clareza».

Embora ainda se desconheça se os princípios para a instauração do cessar-fogo serão matéria de discussão na próxima ronda UNITA-Governo de Luanda, Durão Barroso disse dar-se por satisfeito se se registarem progressos.

«Não compete ao Governo português dizer se as propostas das duas partes

sobre esta questão são boas ou más. A nossa tarefa é a de aproximar posições», realçou Durão Barroso. O secretário de Estado informou ainda que levou a Savimbi uma mensagem de Cavaco Silva que apelava para «uma maior flexibilidade» nas negociações.

Entretanto, Jonas Savimbi, antes de partir de Rabat disse à agência Lusa que Portugal está a tentar ser imparcial no processo de paz em Angola.

Sobre a mediação da paz em Angola, o líder do movimento da Jamba salientou que o que mais interessa agora é a continuação do diálogo directo. Savimbi desmentiu informações veiculadas na Imprensa de que antes de vir a Marrocos teria tido conversações com o «mediador oficial» o presidente do Zaire, Mobutu, esclarecendo que se encontrou com o presidente Boigny, da Costa do Marfim.

Redacção «DL»/Lusa

POLÍTICA

Em Portugal ainda vale tudo

Privacidade do cidadão protegida pela CEE

Do nosso correspondente em Bruxelas

Portugal foi indicado ontem, em Bruxelas, como um dos cinco países que não possui legislação que proteja a privacidade do cidadão, nomeadamente quanto à divulgação de dados pessoais através dos novos sistemas de tecnologia e de informação. A Comissão europeia apresentou uma proposta de directiva tendente a impedir a divulgação de informações, designadamente as relacionadas com os dados mais «sensíveis» dos cidadãos.

Segundo o comissário Filippo Maria Pandolfi entendem-se por dados «sensíveis» os que se referem à origem racial, credo, religião, convicções políticas e saúde. Cinco países da CEE foram apontados como não possuidores de legislação que proteja os seus cidadãos: Itália, Bélgica, Espanha, Grécia e Portugal. Outros dois possuem leis mais rígidas do que as preconizadas pela Comissão: França e RFA.

Tratando-se de uma directiva que a Comissão pretende

concretizar até ao final do ano, significa que os dois países mais avançados na matéria não terão de alterar as suas leis, já que uma regra deste tipo estabelece mínimos e não máximos. As escutas telefónicas são proibidas, os chamados bancos de dados terão regras de defesa no interesse público e até a listagem das chamadas telefónicas enviadas mensalmente pelas companhias aos seus utentes terão um prazo para desaparecer. Em países como a Bélgica, o utente de um telefone recebe com a conta a discriminação dos números discados e o preço de cada chamada. Essa informação só deverá permanecer em poder da companhia durante um determinado período fixado para que o utente proceda a reclamações se for caso disso. Ultrapassado o prazo, a companhia deverá proceder à sua destruição, para que não seja possível saber quais os números que cada utente habitualmente procura.

O comissário responsável pela Ciência, Investigação, Desenvolvimento, Telecomu-

icações e Indústrias de Informação e Inovação declarou que as propostas elaboradas pela Comissão devem ser adaptadas à legislação de cada Estado-membro. Isto, obviamente, depois da aprovação da directiva. Na opinião do comissário, cada país terá liberdade para introduzir disposições complementares salvaguardando a privacidade e a segurança dos dados pessoais dos seus cidadãos.

Por outro lado, destacando o papel que caberá aos tribunais nesta matéria, o comissário europeu referiu que as propostas contemplam igualmente sanções.

Segundo Filippo Pandolfi, a tecnologia vive momentos de contínua evolução e os dados pessoais relativos aos cidadãos não estão salvaguardados como seria de elemental justiça. Acrescentou que a informação é um dos aspectos essenciais da tecnologia e do desenvolvimento mas que, por isso mesmo, envolve riscos que se subordinam a interesses incómodos e estratégicos dos utilizadores. O cidadão comu-

nitário tem de ser defendido quanto aos abusos, especialmente quanto às possibilidades de transferência de dados que as novas tecnologias permitem.

Os sete países comunitários que detêm legislação sobre a matéria — RFA, Dinamarca, França, Irlanda, Luxemburgo, Países Baixos e Reino Unido — devem igualmente efectuar um esforço de harmonização reduzindo assim as divergências legislativas. As propostas comunitárias extravassam o espaço dos Doze e, por exemplo, em termos de conversas telefónicas, pretendem ter um alcance transfronteiriço, através de acordos com países terceiros. Devido à diversidade de tecnologia existente nos diversos países, a Comissão Europeia revelou estar empenhada em conceber uma estratégia que possibilite a descoberta das soluções adequadas, integrando a segurança no desenvolvimento, mas tendo sempre em atenção o respeito pela privacidade dos cidadãos.

José Rui Cunha



A Comissão Europeia apresentou uma proposta tendente a impedir a divulgação de dados pessoais

Comunidade Europeia Maude está em Lisboa

Francis Maude, secretário de Estado britânico dos Negócios Estrangeiros encontra-se em Lisboa para conversações com o seu homólogo português para a integração europeia, Vítor Martins, sendo recebido também pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, e das Finanças, Miguel Beleza.

Maude tem igualmente previsto um encontro com elementos da direcção do Partido Socialista.

A perspectiva britânica sobre a União Económica e Monetária, a união política e a dimensão social europeia, bem como a política comercial da Comunidade e o processo de negociações do Acordo Geral de Comércio e Tarifas (GATT), são os temas das conversações.

Dado que Francis Maude tem a seu cargo a responsabilidade pelo acompanhamento dos assuntos da China e de Hong Kong.

Fontes diplomáticas admitiram a possibilidade de que estes possam ser abordados no encontro com João de Deus Pinheiro, embora não constando da agenda da reunião.

Maude será convidado de um almoço promovido pela Câmara de Comércio Luso-Britânica, durante a qual proferirá uma conferência sobre o tema «A Grã-Bretanha, a Europa e 1992».

João de Deus Pinheiro inicia no próximo sábado um périplo africano que o levará a visitar a Guiné-Bissau, S. Tomé, Moçambique e Cabo Verde. Altura oportuna para equacionar os primeiros passos da cooperação com África lusófona

Um lento reencontro de economias

Portugal continua sem conseguir ganhar plenamente um parceiro preferencial para o desenvolvimento económico, pesem embora as muitas sementes lançadas nesse sentido mas que, de frutos têm sido escassas. Esse parceiro, formado pelo conjunto dos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa, se é referencial no discurso político, em termos económicos pouco ou nada representa.

As estatísticas falam por si e mesmo que o Presidente da República advogue o regresso a África e algumas organizações de empresários tentem não só entabular contactos como motivar os portugueses a investirem naquele continente, muito está por fazer, numa altura em que, noutros países, gente de mais visão e menos complexos tem e põe em prática uma saudável agressividade.

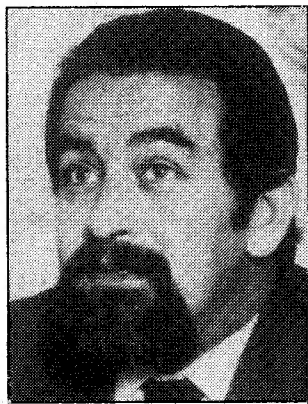
Tem sido uma constante, no discurso dos empresários portugueses e das entidades desses países africanos, a vantagem comum das afinidades culturais e linguísticas legadas pela História, o que poderia conferir a Portugal condições privilegiadas na criação, reabilitação e expansão de

empresas. Mas a realidade continua a ser outra, com a França, Itália, Espanha e o Brasil, entre outros, a tomarem a dianteira.

O argumento de falta de legislação, nos Estados africanos, que facilite e incentive o investimento é insuficiente, já que outros países que não o nosso se abalancharam em iniciativas tanto oficiais como privadas. E hoje em dia parece ser cada vez mais evidente que Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique procuram estabelecer mecanismos atraentes para o investimento.

Sente-se - e os países africanos lusófonos também o sentem - que falta aos empresários portugueses a vontade de pôr em prática uma dinâmica de mudança que conduza a um reforço da descentralização económica e dos sistemas de economia de mercado e de livre empresa. Se os poderes públicos têm muito a fazer, também as associações empresariais podem e devem ser o principal motor dessa possível potente máquina que é a cooperação económica.

O equacionamento dos problemas de desenvolvimento económico em



João de Deus Pinheiro

termos potencialmente regionalizados tem de ser feito não só em relação à África, como também a Portugal, cujo peso, na Comunidade Económica Europeia, pode ser reforçado se conseguir estabelecer o tal relacionamento preferencial com os países africanos a que está (ainda) ligado. É tempo de arregaçar as mangas e avançar no reforço da cooperação entre empresas portuguesas e entidades ou empresas dos países lusófonos, o que passa pela sinergia de interesses e aptidões mútuas, estando de um lado a potencialização dos laços tradicionais de relacionamento, em termos de inserção desses próprios

países nos respectivos mercados regionais e, de outro lado, a experiência acumulada das empresas portuguesas no relacionamento, investimento e comércio com países em vias de desenvolvimento.

A abordagem empresarial deve ser feita de forma objectiva em termos de associativismo, criação de «joint ventures» e de novas empresas e mesmo com a recuperação de outras existentes, abrangendo as áreas de produção agrícola, industrial, comercial e de serviços.

A partir do saneamento, recuperação e desenvolvimento dos grandes estruturas de base, o caminho passa pelo fomento e diversificação de pequenos projectos. Mas - e como principal processo de arranque - o reforço da cooperação, em termos proveitosos para ambas as partes, centra-se na criação de instrumentos apropriados, financeiros e não financeiros, que dê maior segurança nos investimentos, financiamento de operações, com uma definição clara e definida do enquadramento financeiro.

Mas só essas medidas não chegam já que, se Portugal de debate com falta de técnicos, os países africanos

lusófonos enfrentam uma situação mais grave, a que se juntam as carências tecnológicas. Não basta fazer uma transferência pura e simples de soluções tecnológicas, há que melhorar o que cá existe e criar e desenvolver em África, tendo presente as identidades económicas, culturais, sociais e políticas e, em conformidade com elas, adaptar as tecnologias.

Portugal europeu? Claro, embora periférico. Mas também país que se quer sem complexos, com perspectiva e saudável agressividade empresarial. Placa giratória entre África e a Europa, tem de aproveitar uma oportunidade ímpar que se lhe depara, já que, devido à Convenção de Lomé, os países africanos passaram a ver, aqui, uma porta que se abre para o Mercado Comum. As reformas económicas e políticas que estão a introduzir, dando uma dimensão alargada à liberdade de iniciativa económica, é disso prova. O sector privado tem um papel cada vez mais activo a desempenhar, interagindo no aceleramento da abertura que parece estar nos objectivos de todos.

Almida Henriques

POLÍTICA

Combater a corrupção nos tempos que correm é, «cada vez mais (...) acantoná-la e isolá-la, torná-la mais cara e menos compensadora, isto é, retirar-lhe virtualidade económica e social», conclui o Alto Comissário Costa Braz nas considerações finais do seu Relatório à Assembleia da República

Relatório de Costa Braz visa encostar a corrupção à parede

Em 173 páginas e um volume de anexos ainda maior, a Alta Autoridade Contra a Corrupção apresentou à Assembleia da República o seu Relatório, nos termos da Lei que rege aquele organismo que, como o documento em causa aborda, continua instalado na sede da Presidência do Conselho de Ministros, em vez de possuir instalações próprias mais distantes da cúpula do poder que investiga.

«No presente Relatório ficará evidenciada com especial nitidez a caracterização circunstancial do funcionamento de largos sectores da Administração Pública, o qual decorre as mais das vezes ao arrepio de intenções há muito proclamadas de os pôr a funcionar correctamente ou de os reformar», afirma o Alto Comissário logo na nota introdutória.

Ninguém escreve ao coronel?

São muitos os que se dirigem ao coronel de Artilharia sereno que volta e meia enfrenta uma campanha destinada a provar que a Alta Autoridade nem devia existir. As respostas aos seus pedidos de esclarecimento é que nem sempre são prontas ou clarificadoras.

«São sinais de irresolução, de abulia, de contemporização, se não de conivência subtil, que de alguma forma aparecem espelhados nas respostas (ou na falta de respostas) de diferentes níveis da Administração a situações que traduzem quase sempre queixas de cidadãos que vêem denegado o primado da lei, feridos os seus legítimos interesses ou negado o simples atendimento e esclarecimento, de que muito justamente se achavam credores», denuncia Costa Braz, não sem confessar, de passagem, que esse assunto até nem deveria ter cabimento num texto do género.

Mesmo assim, assinala, «crê-se oportuna a sua in-



Costa Braz: «A corrupção pretende forçar as oportunidades»

clusão, tendo em vista o recenseamento de zonas ou tipos de actividade susceptíveis de serem substancialmente reformuladas e corrigidas de molde a propiciar o reforço da eficácia e da transparência de uma Administração Pública ao serviço da comunidade e dos cidadãos».

Ora as vias da burocracia e as atitudes descritas por parte da Administração acabam por dificultar, quando não impedem, o cerco à corrupção, que o Relatório quer ver acossada. «Acantoná-la e isolá-la, torná-la mais cara e menos compensadora, isto é, retirar-lhe virtualidade económica e social» é a fórmula de ressonâncias venatórias que contém todo um programa de guerra aberta a um tipo de criminalidade que se alojou nas mentalidades e passou a ser considerado parte dos brandos cos-

tumes da Pátria.

«Untar a máquina» ou «comprar a decisão»

Denúncias de cidadãos, entre as quais algumas anónimas, iniciativas do Alto Comissário e queixas oriundas de pessoas colectivas diversas, inspecções, órgãos autárquicos, tribunais, partidos, Polícia Judiciária e Provedor de Justiça conduzem ao desencadear da acção da Alta Autoridade, que não tem a autonomia suficiente para lhe permitir, em não raros casos, ir além da comunicação a outras entidades com competência inspectiva mais lata e eficaz.

No capítulo das queixas, está escrito no Relatório, Governo e Sindicatos empatarem em 1988 e 1989: só apresentaram uma por ano. «O poder de decisão, exprime-se hoje cada vez mais

em termos de informação», constata o relatório, nas conclusões finais.

E nesse ponto avança num terreno em que, tanto quanto se sabe, são escassas as aventuras vindas a lume. Os parágrafos seguintes são esclarecedores.

«A corrupção pretende «forçar as oportunidades», encurtando o tempo de sucesso e, para isso, actua sobre diferentes níveis de informação:

- **informação anterior** (por exemplo, a definição dos parâmetros a que irá obedecer uma operação financeira do estado ou de uma Empresa Pública, a selecção das empresas a convidar para um concurso limitado, as cláusulas técnicas de um caderno de encargos, o traçado de uma estrada, um plano de urbanização, etc.);

- **informação no decurso do processo decisório** (como, por quem e com que base em que elementos é apreciada uma qualquer decisão);

- **informação final** (de que os paradigmas poderão ser a adjudicação num concurso, o despacho num processo)».

Este tipo de análise e a informação que contém passa um tanto ao largo da esmagadora maioria das escandaleiras denunciadas pela Imprensa e algumas estações de rádio.

Daí que na prosa árida deste Relatório, a sisudez conceda, ainda que entre aspas, curso livre a expressões como «untar a máquina» ou «comprar a decisão», esclarecendo que «podem ser acções diferentes de informação, mas o certo é que, através desses ou de outros métodos, agindo em momentos diferenciados sobre o conjunto, o agente corruptor e o agente corrupto constroem assim uma verdadeira hierarquia paralela de acesso (e de apropriação) da informação, hierarquia perversa que não está disponibilizada para a generalidade dos cidadãos».

J. I.

Limites de acção quando provas são difíceis

A Alta Autoridade Contra a Corrupção (AACC) tem uma política geral de actuação que, apesar de definida no Relatório de 1987, é recordada por Costa Braz, ao prestar contas sobre os últimos dois anos.

O «combate à impunidade, irresponsabilidade e permissividade que se tinham por instaladas» quando o organismo foi criado continua na ordem do dia, bem como a luta contra «a demissão das chefias», a «depradação de dinheiros públicos, em que a competência, a negligência e lassidão podem adquirir papel tanto ou mais relevante que a acção corruptiva ou fraudulenta, de conhecida dificuldade probatória».

O texto de Costa Braz frisa que as condicionantes de sigilo que rodeiam a actividade da AACC não são de molde a permitir grandes divulgações públicas de acções, mas as amostras dadas pelo Relatório e seus anexos, ainda que não cite muitos nomes de pessoas, instituições e locais, alguns dos quais só a custo se adivinham por quem tenha andado mais atento às notícias, fornece uma amostragem razoável do tipo de casos com que o organismo se defronta.

Frases como «não se conhece a evolução posterior», ou «desconhece-se, até ao momento, o prosseguimento dado ao assunto» são repetidas tantas vezes que, só por figurarem no Relatório e focarem instituições respeitáveis, justificariam a existência da AACC.

«A Alta Autoridade Contra a Corrupção não é um organismo policial ou órgão judiciário de qualquer género; não é uma entidade coordenadora de instâncias inspectivas sectoriais; não investiga, averigua; não determina, propõe; não julga, participa; pode inquirir ou requisitar um inquérito, mas não propõe sanções; não se pode constituir assistente em processo, aguarda a sua evolução e decisão; não tem capacidade de recurso, embora por vezes manifeste discordância que pretende construtiva», define Costa Braz.

Depois constata que «a corrupção e a fraude - como outros delitos - poderão ser objecto de três tipos de sanção: a penal e/ou disciplinar, a política e a da opinião pública.

A reconhecida dificuldade probatória cria obstáculos à efectivação das primeiras, aquelas de que, em exclusivo, este Organismo se ocupa. Quanto às outras, abstenho-me de tomar sobre elas posição institucional, pública ou não, por considerar haver nisso incompatibilidades não superáveis, mesmo face a evidências que constata no exercício das funções: mas tenho sempre esperança em que funcionem os mecanismos correctivos informais de uma sociedade civil sã e democrática», afirma Costa Braz no seu documento dirigido aos deputados.

Um documento que inclui sugestões dadas aos órgãos de soberania, através de memorandos que visam aperfeiçoar o nosso ordenamento jurídico. Entre eles consta um enviado em Abril de 1988 ao Presidente da Assembleia da República, com conhecimento ao Chefe de Estado e ao primeiro-ministro, propondo formas legislativas tendentes a combater a «publicamente reconhecida inoperacionalidade do sistema processual e burocrático consa-

grado para a entrega e fiscalização das declarações de rendimentos dos titulares de cargos políticos».

No Anexo ao Relatório, os deputados poderão constatar que, se até 1985, as participações devidas a este tipo de faltas andavam pelo meio milhar, depois desse ano atingiram os 1 445 processos instaurados.

Dos quais resultou uma condenação, coitada, só, no meio de amnistias e prescrições e delongas várias, essas às dezenas e às centenas.



Victor Crespo val receber sugestões de Costa Braz

Parlamento responde a Cavaco

A Assembleia da República prepara-se para responder ao Governo relativamente à recomendação para proceder a «cortes» nas despesas correntes. Se bem que a oposição entenda, de um modo geral, que a posição do primeiro-ministro é uma «manobra eleitoralista», o PS espera um parecer técnico para apresentar proposta nesse sentido e o PCP prepara-se para avançar com a eliminação dos 10 por cento previstos para despesas de representação dos deputados em regime de exclusividade.

Quer a iniciativa do PCP quer a proposta do PS deverão ser apreciadas pela Comissão Permanente da Assembleia da República na próxima quarta-feira, inserindo-se num con-

junto de medidas que constam do seu orçamento rectificativo. O deputado Siva Marques foi o primeiro a apresentar uma proposta de corte orçamental.

Caso a proposta de redução orçamental do PCP seja aprovada, isso equivalerá uma poupança de 97 500 contos só para este ano. Trata-se de uma das propostas possíveis num leque muito variado que, por exemplo, vai dos 805 mil contos, que os partidos recebem como subvenção, aos 9 100 contos anuais do vencimento do presidente do Parlamento e/ou um milhão e 400 mil dos deputados.

Isto, claro, quanto às despesas correntes, a rubrica que está em causa.

Melancia já pode nomear comissário

O Governador de Macau pode já nomear, depois de ouvida a Assembleia Legislativa do território, um Alto Comissário Contra a Corrupção, com funções de fiscalização e investigação destinados a combater a corrupção e a fraude, bem como a promover a «defesa dos direitos, liberdades, garantias e interesses legítimos das pessoas».

O projecto de lei ontem aprovado na Assembleia Legislativa de Macau vinha desde 1983, foi retomado em 1985 e acabou por ser aprovado na generalidade em Outubro do ano passado.

A aprovação do diploma na especialidade deveu-se à colaboração dada pelo Provedor-Geral de Justiça adjunto, o professor universitário Luís Silveira, cujo contributo técnico terá sido decisivo na construção do consenso obtido. Luís Silveira foi já referido, aliás, como o mais que certo titular do cargo aludido.

Visita a Hong-Kong

A convite do seu homólogo britânico, David Wilson, o Governador de Macau visitou o território de Hong-Kong, pela primeira vez em visita oficial, classificada como «de trabalho».

A imprensa do território sob administração britânica não tem poupado as autoridades portuguesas, sobretudo a partir do momento em que Melancia denunciou, em Lisboa, tentativas chinesas de ingerência nos assuntos de Macau, para além do que postula a Declaração Conjunta subscrita pelos Governos de Lisboa e de Pequim.

As autoridades da República Popular da China apressaram-se, de resto, a desmentir tais ingerências, mas não deixa de ser sintomático o facto de se ter gerado esta controvérsia quando a Procuradoria Geral da República se prepara para divulgar os resultados do inquérito sobre o caso do «fax de Macau».

E a imprensa de Hong-Kong não deixou de recordar que Portugal foi o único País do Mercado Comum europeu a abster-se de condenar os massacres de Tiananmen, no ano passado.

Em Macau, foi entretanto empossado o director da recém-criada Direcção do serviço de Solos, Obras Públicas e Transportes, Mário Gomes Ribeiro.

Redacção «DL»/Lusa

PRD faz cinco anos em tempo de vacas magras

Foi na madrugada do dia 7 de Outubro de 1985. Um telex com não raras gralhas anunciava ao País que estava viabilizado o Governo minoritário de Cavaco Silva, depois do divórcio entre o PS e o PSD e da falência do «Bloco Central», uma experiência petulante com base na «maior maioria de sempre», atolada em contradições políticas e «casos». O telex vinha do PRD, um partido novo que, com quase metade dos lugares tirados ao Partido Socialista na Assembleia da República, selava um voto de protesto contra o último Governo de Mário Soares, tendo por base nada menos que 45 deputados. O Partido Renovador Democrático chegou, viu e venceu, com 17,92 por cento dos sufrágios. Era o árbitro da política.

Dezoito meses depois, na sequência da iniciativa do derrube do Governo que viabilizara, o PRD caiu para os 4,91 por cento dos votos e, por obra e graça do sistema eleitoral vigente, ficou-se ainda pelos sete deputados.

A queda de um anjo

O programa do partido era de austeridade nos hábitos políticos, tendo como referencial as características mais espartanas do seu inspirador, o então Presidente da República, Ramalho Eanes.



Ramalho Eanes e Hermínio Martinho, passado e presente do PRD

O actual presidente do PRD, Hermínio Martinho, foi o primeiro líder da nova formação política, enquanto se aguardava que Eanes abandonasse a chefia do Estado para assumir a direcção do partido, o que veio a suceder em Outubro de 1986, na segunda Convenção Nacional.

Um mês depois da derrota eleitoral de 19 de Julho de 1987, Ramalho Eanes abandonaria a liderança do PRD, numa altura em que a imagem de austeridade apenas rendia juros políticos ao primeiro-ministro Cavaco Silva e em que os socialistas, com Mário Soares em Belém, confiavam o destino do partido aos adversários do seu dirigente histórico, primeiro com Vítor Constâncio e depois com Jorge

Sampaio. Apesar desta redução da sua área política, vingou sempre a tese da necessidade de continuar com o partido, tese que ainda hoje o seu presidente, Hermínio Martinho, reafirma. Em declarações ao DL, o líder renovador sustentou que «o lugar do PRD existe e a necessidade da sua existência também, até porque nas questões essenciais, como a Revisão Constitucional, o PS e o PSD têm mostrado grande consonância. E na liderança do PS pouco terá mudado, razão pela qual Vítor Constâncio não conseguiu manter-se».

Cinco anos depois da fundação do PRD, Hermínio Martinho acha que o seu partido «começou demasiado por cima», depois dos três

por cento dos votos que obteve para a Câmara de Lisboa. Mas pensa que estão reunidas as condições que ditaram, em 1985, a chegada do PRD ao cume de uma montanha russa de esperanças que, dá voltas e reviravoltas antes de chegar ao nível mais baixo. «Hoje, a falta de esperança, o descontentamento e a desilusão dos portugueses é quase tão grande como nessa altura, como prova a enorme subida da abstenção nos recentes actos eleitorais», afirma.

Não sem antes ter dito que «a maioria absoluta que o PSD conseguiu em circunstâncias especialíssimas só tem contribuído para incrementar a excessiva partidização da vida nacional, com mais clientelismo, compadrio e corrupção em dimensões nunca antes vistas».

Nem sem acrescentar que «um Governo de maioria absoluta do PS não teria, na minha opinião, alterado os erros que o PSD está a cometer».

Ao comemorar hoje o seu aniversário, em tempo de vacas magras, o PRD já sem Eanes resiste aos ventos de bipolarização, sem marés de votos no horizonte imediato, mas com fé na reversibilidade da queda eleitoral das intenções dos anjos.

João Isidro

Teresa Beleza apresenta livro de Albie Sachs

A vingança de um militante do ANC

Foi ontem apresentado, em estreia mundial, o livro «A Suave Vingança de um Combatente da Liberdade», da autoria Albie Sachs, branco sul-africano (país do qual foi expulso e no qual não entrou durante 24 anos, tendo-lhe sido retirada a nacionalidade), militante destacado do ANC, advogado, defensor dos direitos humanos e professor universitário.

A obra foi apresentada por Teresa Beleza, amiga de há muito de Albie Sachs, docente universitária, irmã da ex-ministra da Saúde Leonor Beleza e do actual ministro das Finanças, Miguel Beleza.

A obra conta a experiência verídica da recuperação do atentado à bomba (que se presume ter sido praticado pelos serviços secretos sul-africanos) do qual foi alvo no Maputo em 1988 e ao qual sobreviveu - apesar da perda do braço direito - graças à sua tenacidade, amor à vida e «vingança», como o título indica.

«De facto, é uma suave vingança de uma pessoa que começa logo por se vingar ficando vivo, e depois se vinga recuperando admiravelmente, com uma enorme



Albie Sachs com Teresa Beleza, José Saramago e Pilar del Rio

coragem física, política, moral e que, para além disso, faz um belíssimo livro sobre a recuperação», referiu Teresa Beleza.

Como referiu ao «DL», Albie Sachs decidiu relatar o dramático acidente porque «foi uma experiência tão violenta, tão forte e tão extraordinária que eu quase queria agarrar pessoas na rua e dizer: "Sabe o que me aconteceu?". O livro foi a maneira de recuperar a minha

alma, depois da violência e do horror, através da literatura».

De entre os livros escritos por aquele membro do ANC devem destacar-se, para além dos inúmeros trabalhos realizados no âmbito jurídico, um Diário de Prisão que foi transformado em peça teatral pela Royal Shakespeare Company e «A Ilha Agrilhada», publicado em português em 1982, que narra a experiência prisional de um

camarada na ilha de Robben.

Quanto à situação actual na África do Sul, Sachs referiu ao «DL» que «tudo está ainda em aberto, mas há progressos notáveis. Particularmente, há, agora, uma certa mentalidade popular. O povo encontra-se em vias de libertação e não vai, nunca mais, aceitar a repressão».

«De Klerk está a aceitar isso, umas vezes com maior, outras vezes com menor abertura. Muito depende agora da concertação de forças pela democracia. No entanto o processo histórico não pode estar suspenso da vontade de uma única pessoa e, De Klerk não é o único membro do Partido Nacionalista e do Governo».

Albie Sachs, membro da Comissão Constitucional do ANC acrescentou ainda que sem eleições gerais não haverá evolução de qualquer tipo, essa é uma questão essencial.

O «DL» colocou a questão da situação sul-africana também a Teresa Beleza. Quizemos saber, nomeadamente, se possuía uma preocupação de intervenção política naquele problema. Beleza referiu-nos que não é uma política, é uma investi-

gadora.

Quanto à sua ligação com a África do Sul disse que se tratava de «uma ligação em parte por convicção política e em parte por via da sua amizade com Albie Sachs. Foi parcialmente por seu intermédio que estive em

Moçambique em 1985 e é evidente que a minha ida lá se inscreve numa preocupação e numa atitude políticas tendencialmente universalistas. Eu não distinguiria as coisas entre a África do Sul e Moçambique».

Mário Rocha



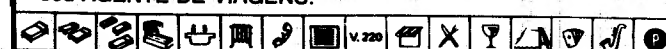
ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos o programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058) 82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



FORUM

DIVIDE ET IMPERA

A primeira vista, o XXVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética passou-se rigorosamente como estava previsto e programado, o que o torna uma empresa excepcional, a única que na URSS obedece ao plano.

Os resultados mais evidentes, por ordem crescente de importância: uma ala interna, a Plataforma Democrática, dividiu-se, ficando com um pé fora e o resto dentro do PCUS; a linha de «direita», dirigida por Yegor Ligachev, foi excluída da direcção, para se constituir como uma tendência de oposição; os eleitos comunistas — como o presidente da Federação Russa e os presidentes das câmaras municipais de Moscovo e de Leninegrado — saem do partido, para melhor poderem representar e controlar os seus constituintes; os membros do Governo soviético deixam de pertencer *ex officio* às instâncias dirigentes do PCUS, em nome do princípio da separação de poderes entre o partido e o Estado; os responsáveis pelos aparelhos de segurança e os chefes militares continuam a participar na direcção partidária, para garantirem a unidade real entre o PCUS e o Estado Soviético; o presidente da Ucrânia foi eleito sub-secretário-geral do PCUS (cessando as suas funções anteriores), por indicação do russo que se mantém na secretaria-geral, Mikhail Gorbachev (que continua a exercer o cargo de chefe do Estado soviético).

Menos visíveis não menos interessantes são as alterações institucionais, sobretudo no modo de formação do Politburo e no seu estatuto. Este passa a integrar — ao lado dos secretários-gerais directamente eleitos pelo Congresso, e de sete membros eleitos pelo Comité Central — os principais dirigentes dos partidos comunistas das quinze repúblicas que estão integrados no PCUS, em bloco e por direito próprio. O objectivo explícito desta modalidade é procurar a coesão do «partido imperial», num formato que reconhece um estatuto de autonomia relativa dos partidos republicanos para impedir que o modelo federal se reproduza no partido comunista soviético: a provável

evolução do Estado para uma modalidade federativa implica a unidade do PCUS, a única instituição que pode apresentar-se como garante da continuidade da URSS.

Esta mudança, porém, implica ao mesmo tempo uma perda de relevância do Politburo como centro de decisão típico do regime comunista. O peso e a dispersão dos seus membros obrigam a direcção política a passar a reunir-se mensalmente, deixando por mãos alheias a decisão executiva. Há, de resto, um precedente: em 1952, Stalin substituiu o Politburo por um Presidium de vinte e cinco membros, que incluía a maior parte dos membros do Governo, enquanto as decisões eram tomadas por uma comissão secreta convocada *ad-hoc* pelo secretário-geral.

A linha geral das mudanças institucionais neste Congresso é a da separação dos poderes do partido e do Estado, a versão post-totalitária do regime clássico de separação dos poderes.

Neste sentido, o Congresso completa o que a revisão constitucional começou, com a redefinição dos poderes presidenciais e a criação dos conselhos presidencial e das nacionalidades, e dá uma forma final aos ensaios realizados na Polónia e na Hungria, em que se procurou, sem sucesso no segundo caso, reciclar os secretários-gerais como presidentes da República, admitindo mesmo a sua eleição directa, o que ainda não se verificou em nenhum caso além da Roménia.

Mais uma vez, esta linha não é inédita. Khrushchev aplicou-a, terminando a acumulação dos cargos de secretário-geral e de primeiro-ministro instituída em 1941, com resultados diversos e acabando por a violar. Todavia, a modalidade adoptada pelo XXVIII Congresso é inovadora, pois os membros do Governo (ou dos soviets) deixam de pertencer ao Politburo, ou seja, o centro partidário deixa de realizar institucionalmente a concentração de todos os poderes do partido e do Estado e, nessa medida, deixa de ser o centro do regime.

O centro do regime é Mikhail

Gorbachev, que concentra nas suas mãos todos os poderes relevantes e tem acesso a todos os centros de decisão funcionais. De manhã é secretário-geral, preside ao Politburo e ao secretariado do PCUS, ou dirige o Comité Central, perante o qual deixou de ser responsável a partir do momento em que se fez eleger directamente pelo Congresso. Ao meio-dia preside ao Conselho de Defesa, a que pertencem os responsáveis militares, da segurança e dos negócios estrangeiros da URSS. À tarde dirige o Soviete Supremo, ou preside a um dos seus conselhos, o das nacionalidades (onde estão os responsáveis pelas repúblicas federações) e o presidencial, a que pertencem, por sua nomeação Aleksandr Yakovlev, Dmitri Yazov ou Veniamin Rasputin, além do primeiro-ministro.

Deste modo, a fragmentação que resulta da tradução política e institucional do princípio da separação de poderes entre o partido e o Estado, em sucessivos níveis, tem como efeito ostensivo a concentração pessoal de todos os poderes: a divisão faz a força, e o XXVIII Congresso do PCUS era importante apenas para perfazer este processo.

Cada qual interpretará esta evolução à sua maneira. Para os que defendem ser a dominação pessoal o traço marcante dos regimes totalitários, os resultados são os mais adequados para a consolidação possível do regime comunista. Os que democraticamente detestam déspotas vão exigir que Gorbachev se submeta a uma eleição nacional, antes de reconhecerem a legitimidade dos seus poderes. Pelo contrário, os que reconhecem as virtudes reformadoras de um despotismo esclarecido e pressintam em Gorbachev um homem das

luzes, este é o passo crucial que abre caminho à radical transformação controlada do regime soviético. Quanto aos pessimistas, resta-lhes continuar a tentar perceber se Gorbachev tem alguma ideia sobre o fim da história, ou se o seu virtuosismo táctico é o substituto natural da capacidade de orientação política e o revelador da ausência de estratégia.



Carlos Gaspar

O Mundo e a Terra

A Terra é um objecto da Criação.

O Homem é também uma criatura, ser criatura, ser criado, mas com poder para «sujeitar» a Terra e para se servir de «tudo em que há sopro de vida».

Inicialmente, o Homem foi moldado pelo meio-ambiente; posteriormente, tem sido o Homem que, activamente, o vai «moldando».

O Homem actuou sobre a Terra, transformando-a em Mundo.

Quis um Mundo sempre mais agradável, que lhe proporcionasse bem-estar e também riqueza. Civilizou-se.

Muitas vezes, actuou indiscriminadamente, ou levianamente, ou ignorantemente.

O Mundo menosprezou a Terra.

Para além de usar as criaturas e os objectos da Criação, actuou sobre a obra da Criação.

O Homem actuou sobre os recursos renováveis e os não renováveis.

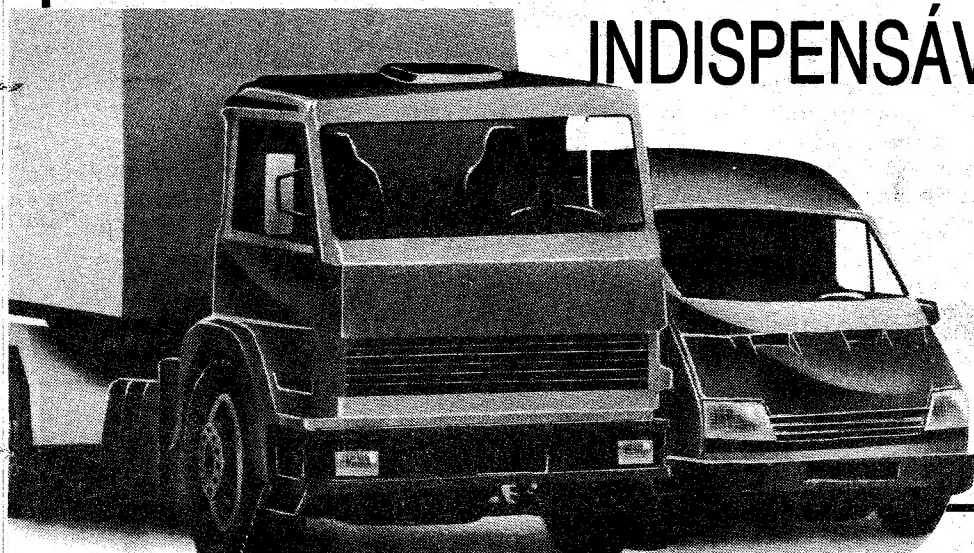
Os «não renováveis», não se esgotam. Ninguém extrairá a última pá de carvão, o último barril de petróleo nem o último diamante. Os «renováveis», esgotam-se. Há peixes, há plantas, há florestas, que estão a desaparecer, irremediavelmente (Jessica T. Mathews).

O Mundo está a destruir a Terra.

O Homem civilizado, o Homem do Mundo, começa hoje a querer menos Mundo e mais Terra. É inteligente, tem coragem; tem que actuar com coragem, inteligentemente, construindo um Mundo que respeite e preserve a Terra.

A. E. Sachetti

UM NOVO COMERCIAL É INDISPENSÁVEL AO SEU NEGÓCIO.



...para quê arrastar o antigo até ao último quilómetro?

Com a Sofinloc pode escolher — nós financiamos, em *leasing*. Sem burocracias, sem demoras.

A Sofinloc dá prioridade a gente com iniciativa — consulte-nos.



SOFINLOC
SOCIEDADE FINANCEIRA
DE LOCAÇÃO, S.A.

Lisboa — 726 80 53 • Porto — 68 92 51 • V. Nova Famalicão — 7 44 83 • Aveiro — 2 90 58 • Leiria — 81 19 66 • Faro — 2 91 89

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...) A união política é o oposto da uniformidade política, se quisermos acolher a pesada diferença histórica entre as intervenções vinculadas ao legado maquiavélico e as intervenções vinculadas ao legado humanista.

É a segunda herança que está assumida no processo europeu em curso. Mas faz parte da experiência herdada saber que a física do poder tem leis que desafiam as construções jurídicas e as surpreendem, como está a acontecer.

Parece excessiva a convicção de que existe uma teologia de resposta para todos os problemas europeus. É excessiva também a convicção de que a resposta ao desafio à maneira soberana de um país estar no mundo pode ser confiada a critérios tecnocráticos. Nem sequer a responsabilidade colectivamente assumida pelos detentores do poder de sufrágio garante que os factos não venham a desmentir as construções da razão, para dar razão à história.

De facto, a incapacidade demonstrada pela generalidade das instâncias políticas responsáveis para terem previsto o aceleramento da implosão das estruturas da ordem internacional faz apelo à humildade responsável, porque ninguém pode estar seguro de que, mais uma vez, a mesma geração não assistirá ao desmentido dos valores para serviço dos quais doou todos os sacrifícios. (...)

18. JUL. 90

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) Na prática, os regimes do chamado «socialismo real» foram derrotados por si mesmos e pelas massas que supostamente representavam, e que não escondem a mais desconcertante apetência pelos meios e pelos modelos do Ocidente, que a doutrina oficial lhes tinha ensinado a considerar «decadentes». Este caso é especialmente verdadeiro na Alemanha.

No plano militar, é possível desdramatizar a situação, para ambos os lados, considerando que existe uma vontade recíproca de transfigurar as duas alianças em organismos de natureza mais política do que bélica, vocacionados para uma reordenação, em consulta mútua regular, de uma Europa por de mais dividida. A anunciada redução das forças da actual RFA e garantia de não instalação de tropas estrangeiras no território da actual RDA são outras tantas confirmações de um tacto político mínimo que terá ajudado a vencer a relutância de Moscovo.

Para que o processo decorra sem sobressaltos perigosos, importa agora que essa boa vontade recíproca não ceda lugar nem à arrogância dos «vencedores» nem ao saudosismo dos «vencidos». E que ambos estejam em condições de atender aos problemas sociais que o futuro próximo não deixará de trazer. (...)

18. JUL. 90

DIÁRIO POPULAR

De um artigo de José Preto:

(...) Nesta área, antevejo difícil a movimentação teórica da sociobiologia. Só funciona se o modelo for o do vírus injecta-se a criatura numa instituição e esta, ao invés de continuar fazendo o que lhe justifica a existência, passa a fabricar criaturas iguais àquela. A ideia agrada-me. Tenho, confesso-o, a grande esperança de que um especialista lhe pegue. O chefe encontraria assim a sua rigorosa caracterização como fenómeno infeccioso. O que nos diz a experiência comum, não é outra coisa.

Antevejo a expressão preocupada e crítica de um amigo — «Há mais chefes». Ninguém diz o contrário. Mas este existe. Nota-se muito.

E dele não se pode falar a não ser no tom em que o Almada falou do Dantas. Salvo melhor opinião, o tom faz parte do rigor diagnóstico, ao menos uma vez, pelo menos aqui. (...)

18. JUL. 90

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

O ARQUIVO E A MEMÓRIA

Começa hoje a mudança da Torre do Tombo para as suas novas instalações na Cidade Universitária. Em relação aos documentos mais antigos ninguém põe em causa a sua guarda e preservação; o tempo já os terá depurado de tudo quanto o nosso esquecimento foi obliterando do curso da história. Mas os mais recentes colocam-nos perante um problema crucial, particularmente difícil de resolver: a documentação que vai emanando dos actuais serviços da administração pública é tão volumosa que, em menos de dois anos, os 135 quilómetros de estantes das novas instalações ficariam de novo saturadas. A este ritmo, as dimensões do Arquivo tenderiam, a médio ou a longo prazo, a coincidir com as dimensões da própria sociedade, não só tornando inútil a existência do Arquivo mas sobretudo convertendo a sociedade numa espécie de museu de si própria. Como parece difícil determinar os critérios da selecção dos documentos a guardar, encontramos-nos perante um dos mais paralisantes paradoxos do nosso tempo, o da impossibilidade de determinar de maneira consensual aquilo que deverá ser preservado da destruição, esta modalidade de esquecimento radical a que a modernidade nos reduziu.

Esta situação de indecidibilidade tem a ver com a indistinção entre pequenos e grandes acontecimentos, uma vez que, como dizia Walter Benjamin, «nada do que algum dia aconteceu pode ser considerado perdido para a História». Como eliminar, sem preconceito injurioso, documentos que, embora hoje sejam considerados insignificantes, poderão no futuro vir a desempenhar um papel decisivo?

Esta indecisão não depende apenas de razões administrativas; tem sobretudo a ver com o impasse a que as sociedades actuais chegaram. Deixámos de poder determinar que futuro pretendemos inventar com o presente que procuramos construir. Tornou-se, por conseguinte, difícil saber aquilo que merece ser preservado no presente, uma vez que não sabemos para que poderá servir o futuro.

Esta dificuldade radica, no entanto, no facto de nem sempre sermos capazes de nos dar conta da importância dos acontecimentos em que estamos envolvidos no presente. Recordamos-nos mais facilmente, dos contornos e da composição de uma paisagem, de um sorriso, de um rosto, dos recantos de uma casa de há uns vinte ou trinta anos atrás do que das pessoas que ainda ontem tomaram connosco o mesmo autocarro ou o mesmo metropolitano,

da ementa do jantar de ontem à noite ou do título do filme que vimos na semana passada. Acontece-nos até nem sequer sermos capazes de dizer o título da telenovela que costumamos ver todas as noites. Se nos perguntarem o nome da pessoa que nos telefonou há menos de meia hora teremos talvez dificuldade em responder, mas lembramo-nos exactamente de um colega que encontramos uma só vez, há mais de quinze anos. Conseguimos recordar-nos do nome exacto de uma rua da nossa infância, entretanto desaparecida, mas somos incapazes de dizer o nome da rua que todos os dias atravessamos a caminho do trabalho.

Costumamos atribuir o esquecimento daquilo que está próximo de nós ou que aconteceu há pouco tempo ao envelhecimento natural das nossas células, ao cansaço, à acumulação de trabalho, à dispersão crescente dos nossos centros de interesse. Mas esta explicação, ainda que correcta, não é suficiente. É que recordamo-nos hoje com nitidez de coisas, factos, pessoas, sensações, dados que, também já na nossa juventude, não éramos capazes de recordar com clareza. É como se, à distância, uma luz intensa os iluminasse, conferindo-lhes relevo, avivando-lhes os contornos e as cores. Aquilo que, pelo contrário, está próximo de nós permanece como que envolto numa espécie de névoa, aguardando que algo venha, com o tempo, realçar e iluminar.

Este avivamento da memória que o tempo provoca não é uma realidade meramente individual; verifica-se igualmente ao nível colectivo. O tempo encarrega-se de acrescentar aos acontecimentos do passado rememorações uma espécie de mais-valia, um acréscimo de valor, em função da acumulação de investimentos a que se prestam. É por isso que a recordação do passado é sempre uma modalidade de investimento presente e que ao esquecimento correspondem estratégias de autonomização em relação às ordens recebidas do passado.

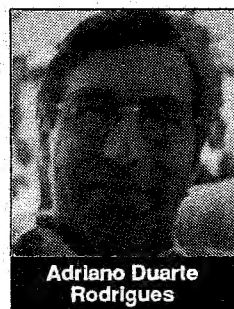
A semelhança e a contiguidade são os dois processos, o da metáfora e o da metonímia, que avivam as nossas recordações do passado. Constituem assim a luz que as ilumina. Ao virar a esquina de uma rua, um mesmo odor traz-nos à memória os cheiros que envolveram a cena que vivemos há 10 ou 20 anos atrás. No Outono, por exemplo, o cheiro da terra molhada desencadeia evocações de dias chuvosos da nossa infância. Basta o cheiro que se exala da relva cortada de fresco para provocar a evocação das brincadeiras nos jardins

da nossa infância. O apito de uma sirene ou o ranger de uma porta, os passos no corredor ou a sonoridade de um instrumento, breves compassos de uma sinfonia bastam para fazer ressoar ecos nítidos de experiências sonoras que julgávamos perdidas para sempre. Mas nem sempre conseguimos descobrir as semelhanças entre os acontecimentos presentes e as recordações que despertam em nós. É muitas vezes um rosto que o ruído dos passos no corredor nos traz à lembrança. A música que agora nos chega recorda-nos uma discussão ou até misteriosos recantos de uma casa. A suavidade de um tecido evoca-nos, por vezes, a paisagem que contemplámos do cimo de uma serra, uma viagem ou a leitura de um livro.

Muitas vezes nem sequer conseguimos determinar com clareza se uma recordação foi por nós realmente vivida. Daí esta incapacidade de discernir se o ruído, as cores, o rosto, o acontecimento, a paisagem que agora recordamos pertencem ao mundo real ou à efabulação onírica. É pela manhã, ao acordar que estas confusões costumam ocorrer. Mas também pode acontecer que perdurem pelo dia fora, que até nos acompanhe durante anos a incerteza da sua realidade.

Podemos situar exactamente a nossa primeira recordação autêntica. Nesse momento tivemos pela primeira vez a percepção da nossa identidade, a descoberta da singularidade das nossas experiências. Foi como se doravante passássemos a ver a nossa vida como um todo integrado e distinto. Os acontecimentos que, desde então, nos acostumámos a recordar deixaram de ser momentos disseminados ao longo de uma linha, para passarem a constituir como que arcos que não só se vão fechando, formados por traços que, ao longo da nossa vida, se vão ligando entre si, por gestos que se acenam à distância, por correspondências, mas também se vão abrindo para deixarem entrar no seu seio sempre novas recordações. Passámos assim a ser capazes de delimitar o horizonte da nossa vida a partir de todo o conjunto de experiências que a memória nos traz ao presente.

Estes traços que assim delimitam a nossa experiência formam figuras que se vão dispondo à maneira de uma escrita constituída em vários planos, como uma polifonia. Não se trata, por isso, de uma escrita linear que nos dê apenas a ler o passado; trata-se, antes, como dizia Benjamin, de «traços daquilo que advirá».



Adriano Duarte Rodrigues

INTERNACIONAL

Maioria dos militares consideram-nas anacrónicas

Tropas da RDA abandonam manobras do Pacto de Varsóvia

Poucos dias depois do «sim» de Mikhail Gorbachev à integração da futura Alemanha unida na NATO, as tropas do exército da RDA que estavam a participar em exercícios militares do Pacto de Varsóvia decidiram ontem retirar-se das manobras por acharem que elas se transformaram num «anacronismo» face ao desenrolar dos acontecimentos. Segundo Werner Ablass, secretário de Estado alemão-democrático para o Desarmamento e Defesa, os militares consideraram que os exercícios não fazem mais sentido, «já que a Alemanha será dentro de pouco tempo um único país e tempo da NATO».

O Exército Nacional da RDA, o NVA, escusou-se a participar em manobras conjuntas com o exército soviético e abandonou o exercício militar das tropas do Pacto de Varsóvia «Dr-

uzhba 90». A decisão parece ter partido dos próprios militares, os quais, segundo Ablass, «na sua grande maioria não viam razões para continuar a fazer os exercícios».

Por sua vez, um porta-voz do Ministério do Desarmamento e Defesa da RDA anunciou ontem que o NVA vai reduzir as suas forças antes mesmo da unificação, desmantelando 200 unidades e instalações militares, não revelando, no entanto, qual a diminuição do número do efectivo.

Divergências

A questão da pertença aos blocos militares continua, porém, a levantar algumas divergências. No meio do clima geral de concórdia, resultante do êxito do encontro Kohl-Gorbachev e da conferência «dois mais quatro», o ministro alemão-

democrático dos Negócios Estrangeiros, Markus Meckel, declarou-se contrário à presença de tropas integradas na NATO em território da actual RDA, após a retirada das forças soviéticas.

O ministro dos Negócios Estrangeiros alemão-federal, Hans-Dietrich Genscher, já reagiu às declarações de Meckel considerando-as «normais» e assegurando que todas as tropas da NATO que forem colocadas em território da actual RDA, após a retirada soviética, serão alemãs, ainda que sob comando da Aliança Atlântica.

Fontes dos serviços secretos em Bona, citadas pela agência alemã-federal DPA, afirmaram ontem que a URSS está a desmantelar os depósitos de armas químicas que possui nos países de Leste. Segundo as mesmas fontes os soviéticos já teriam retirado um depósito da Hun-

gria e outro da RDA.

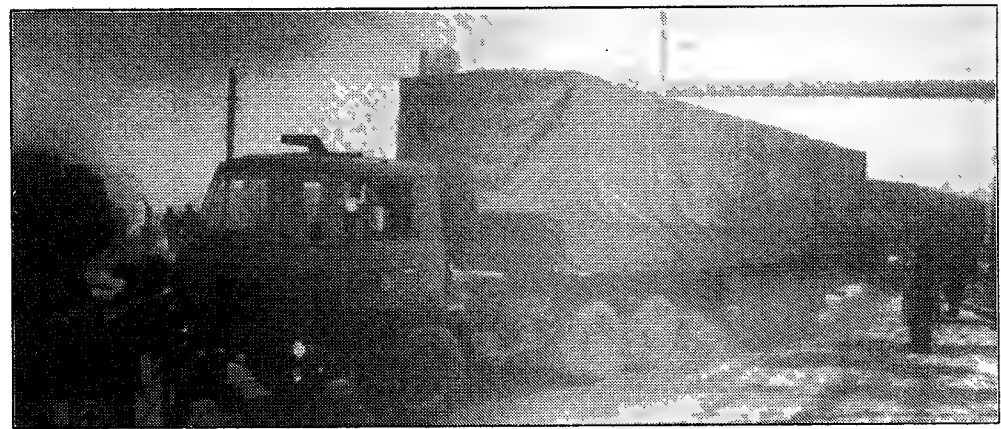
Por seu lado, continua a DPA, o NVA, que detém em seu poder 15 mil toneladas de gás de combate soviético, restituiu o conteúdo de três depósitos à URSS, situados em Strokoow e Brettin, perto de Berlim. Essas localidades serão visitadas por uma dele-

gação da RFA, actualmente em visita de inspecção à RDA, e a restituição, segundo os serviços secretos citados pela agência, deveu-se ao receio de que fossem descobertos.

A delegação é constituída por dez oficiais e funcionários do Ministério da Defesa da RFA, que vão verificar os

rumores surgidos na Imprensa, segundo os quais os soviéticos mantinham de 20 a 30 mil toneladas de gás de combate na RDA, o que foi de imediato desmentido por Moscovo. Até agora, segundo o chefe da delegação, nada foi encontrado.

Redacção «DL»/Lusa/AFP



O exército da RDA vai desmantelar mais de 200 unidades e instalações militares, mesmo antes da unificação

Cimeira de Paris prepara-se em Viena

O comité de representantes dos 35 Estados membros da Conferência de Segurança e Cooperação na Europa está reunido desde ontem no palácio de Hofburg, em Viena, com o objectivo de preparar a cimeira europeia prevista para Novembro, em Paris. A tarefa principal do comité é elaborar uma agenda concreta, discutir e preparar os documentos finais e apresentá-los à aprovação dos ministros de Negócios Estrangeiros dos países participantes da conferência.

A Cimeira de Paris, que em importância poderá ser comparada à Conferência de Helsínquia, realizada em 1975, vai fazer um balanço dos processos de democratização em curso no Leste europeu, definir as possibilidades de acções conjuntas, elaborar medidas adequadas para acabar definitivamente com a divisão do continente.

Convocada com carácter de urgência, esta cimeira lançará as bases para a Comunidade Europeia do século XXI.

O progressivo afrouxamento da confrontação militar e a passagem a uma era de cooperação, é também um dos assuntos mais importantes da agenda em preparação.

Redacção «DL»/

Delors em Moscovo estuda ajuda económica dos Doze

O Presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, encontra-se desde ontem em visita oficial a Moscovo, onde manterá conversações com o Presidente Mikhail Gorbachev, e com outros altos funcionários soviéticos. Delors, que visita pela primeira vez a URSS, está a estudar as formas de ajudar Gorbachev a transformar a economia precária do país.

Em entrevista publicada pelo jornal «Pravda», Jacques Delors disse que um acordo sobre cooperação económica e comercial entre os Doze e a

União Soviética «ajudará Moscovo na integração da sua economia na economia mundial».

URSS «muito agradecida»

O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Ernest Obminski, por seu turno, disse que o Governo da URSS «está muito agradecido» aos Doze pela disposição de prestarem uma «ampla ajuda financeira» para a superação da crise económica.

Segundo Obminski, se se conseguir acordar essa ajuda,

a cooperação da URSS com os Doze «será muito facilitada a integração» deste país na ordem económica mundial.

Indagado sobre o lugar que a Europa de Leste ocupará na estratégia da CEE, Delors disse que os Doze não pretendem «qualquer monopólio no continente europeu».

«Estamos preocupados com a futura arquitectura pan-europeia. Com esta finalidade procuramos consolidar os laços com todos os países da Europa», salientou.

Segundo o presidente da Comissão Europeia, a Comunidade coordena o auxílio económico à Polónia e Hungria, estando previsto estender essa ajuda à Bulgária, Checoslováquia, Jugoslávia e, futuramente, à Roménia.

Ao comentar a contribuição da CE para a unificação alemã, Delors disse «ter sempre considerado este processo um dever moral e político das comunidades».

Ainda de acordo com Ernest Obminski, os «Doze» estão a analisar a proposta da Holanda de criar uma comunidade europeia na área da energia com a participação da União Soviética e de outros países leste-europeus.

Esta questão pode também ser tema das conversações com Jacques Delors, revelou o vice-ministro soviético.

Redacção «DL»/AFP/Novosti



Jacques Delors é recebido à chegada ao aeroporto de Moscovo pelo primeiro vice-presidente do Comité de Planeamento do Estado soviético, Tapan Sitaryan

Crise diplomática Cuba-Espanha. Havana classifica Ordoñez «cínico» e «ignorante»

«Um angustiado administrador colonial de escandalosa incultura, ímpar cinismo e protagonista de vulgares manipulações anti-cubanas», foram os termos usados ontem por um comunicado do Governo cubano para classificar, ninguém mais, ninguém menos, que o ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha, Francisco Fernandez Ordonez. Foi a «resposta» de Havana a declarações deste último sobre o caso dos refugiados na embaixada, em que disse desejar «que Cuba, como outros países latino-americanos, faça uma transição pacífica para a democracia». Na sequência do comunicado cubano, Madrid chamou para consultas o seu embaixador na ilha.

A tensão entre os dois países teve início quando três jovens cubanos, há cerca de uma semana, procuraram refúgio na embaixada de Espanha em Havana. Um deles já tinha estado preso durante três anos por tentar fugir para a secção de Interesses dos EUA e os outros dois dizem pertencer à dissidente Liga Cívica Marti, tendo um deles passado dois anos na prisão por «propaganda ilegal». Madrid já afirmou que não entrega os refugiados e Fidel Castro não lhes dá autorização para sair da ilha.

No sábado, a polícia cubana invadiu as dependências da embaixada espanhola para tentar prender os refugiados, tendo o Governo cubano pedido desculpas pelo incidente. Ontem, quando um mais um cubano saltava a cerca da embaixada, a polícia fez fogo, sem o atingir, o que motivou fortes protestos dos diplomatas espanhóis. Na sequência destes casos, o Governo espanhol enviou quatro membros do seu staff de elite GEO - Grupos Especiais de Operações, que desde ontem à noite protegem a missão diplomática.

Batalha verbal

Mas a verdadeira batalha até agora tem sido verbal. Depois das declarações de Ordonez, Cuba divulgou um violento comunicado em que, além das acusações já referidas, diz: «Desejamos ao povo espanhol, por respeito e por fraternidade, um ministro mais de acordo com a sua inteligência e bom senso». Sobre o chefe da diplomacia espanhola, os cubanos dizem ainda ser de «um paternalismo que evoca os éditos das capitães gerais que governavam Cuba nos tempos coloniais».

As três páginas do comunicado reafirmam também a intenção de não autorizar a saída dos refugiados, que classificam de criminosos comuns, ao abrigo da imunidade diplomática.

Redacção «DL»/AFP

INTERNACIONAL

B R E V E S

Tráfico de armas
entre Líbano e França

No âmbito da investigação de uma rede de tráfico de armas entre o Líbano e a França, na qual estão implicados polícias em serviço na embaixada de França em Beirute, a magistratura e a polícia francesa descobriram o depósito de armas daquele que é suposto ser o chefe da organização. Trata-se de um oficial subalterno da polícia e antigo responsável da segurança na embaixada em Beirute cujo nome não foi ainda divulgado. Na sua casa, nos arredores de Paris, foi encontrado um potente arsenal constituído por numerosas armas de punho, três lança-mísseis e uma quantidade elevada de munições, capaz de alimentar todas as armas provenientes do Líbano, que, supõe-se, eram vendidas no mercado negro francês e utilizadas em assaltos a carros de transporte de valores.

O Kuwait acusado
de «roubar» petróleo

O Iraque acusou o Kuwait de estar a «roubar» petróleo iraquiano ao bombear, desde 1980, na área do campo petrolífero de Roumilla, situado ao Sul do país, junto da fronteira com o Kuwait, considerando o comportamento do país vizinho uma «agressão militar contra o Iraque». Segundo a agência iraquiana, que cita um texto do ministro dos Negócios Estrangeiros, Tarek Aziz, o Iraque exigiu igualmente o direito de ser reembolsado em 2.400 mil milhões de dólares, valor do petróleo iraquiano «roubado», segundo Bagdad, nestes últimos 10 anos. As autoridades iraquianas acusaram ainda o Kuwait de se ter aproveitado da guerra Irão/Iraque para subtrair o petróleo.

Combates no Líbano
fazem 25 mortos

Os duelos de artilharia entre o movimento pró-sírio, Amal e os integristas pró-iranianos, no sudeste de Saida, no Líbano, recrudesceram com bastante violência esta semana. Um combatente da força do Al Fatah e um civil morreram e 14 pessoas ficaram feridas durante os combates entre xiitas no Sul do Líbano.

Washington opta pelo diálogo directo com o Vietname

Viragem pode agravar
confrontos no Camboja

A decisão dos Estados Unidos de iniciarem um diálogo directo com o Vietname, para pôr fim à guerra no Camboja, poderá tornar ainda mais sangrentos os confrontos nos campos de batalha. A nova posição de Washington, que constitui uma viragem radical, já foi condenada pelo chefe da oposição cambojana, príncipe Norodon Sihanouk, que a qualificou de uma «grave injustiça». A China também condenou hoje a iniciativa norte-americana. O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Jin Gihua reafirmou que Pequim continuará a armar a resistência cambojana em geral, e os *khmer vermelhos* em particular, para que o acordo agora negociado não tenha condições para entrar em vigor.

Os *khmer vermelhos*, com ataques constantes a cidades provinciais e a ameaçar os arredores da capital, Phnom Penh, em armas e homens suficientes, na disposição de reconquistar o poder, independentemente das mu-

danças na cena internacional.

Os seus aliados não comunistas, apoiados pelo Ocidente há quase um decénio, dizem sentir-se abandonados pela decisão anunciada em Paris pelo secretário de Estado norte-americano, James Baker.

O príncipe Norodon Ranaridh, filho do antigo monarca exilado príncipe Norodon Sihanouk, disse que «compete agora ao Ocidente decidir se fará com que a resistência não comunista tenha que se aproximar ainda mais da China».

A mudança foi anunciada seis semanas após os *khmer vermelhos* terem rejeitado um acordo de cessar-fogo, assinado pelo primeiro-ministro cambojano, Hun Sen, e por Sihanouk, e que deveria ser implementado até ao final do corrente mês.

Baker afirmou que a decisão dos Estados Unidos foi tomada devido a receios de que os *khmer vermelhos* repitam o pesadelo repleto de cadáveres que foi o seu regime de Pol Pot, entre 1975 e

1979.

Pol Pot foi afastado de Phnom Penh por uma invasão vietnamita, mas o Ocidente nunca reconheceu o Governo instalado por Hanoi, que incluiu antigos *khmer vermelhos*.

A coligação formada pelos *khmer vermelhos*, a Frente Khmer Popular de Libertação Nacional e as forças de Sihanouk, constituídas em 1982, ocupam o lugar do Camboja nas Nações Unidas, apresentando a sua luta como um combate contra o colonialismo vietnamita.

De controvérsia
em controvérsia

Washington parece ter derivado de uma política controversa para outra.

Anteriores críticos afirmavam que os não comunistas, militarmente fracos e com escassas credenciais democráticas, serviam apenas de cortina de fumo diplomática para os *khmer vermelhos*, argumentando que o apoio dos EUA os ajudava indirectamente.

Outros afirmavam que os Estados Unidos estavam a exercer uma forma de vingança sobre o Vietname, pela sua vitória em 1975 sobre Washington e os seus aliados.

Alguns diplomatas ocidentais em Banguécoque mostraram-se críticos em relação à atitude dos Estados Unidos, concordando com os não comunistas na apreciação de que os *khmer vermelhos* são demasiado poderosos para poderem ser derrotados através do isolamento.

Fontes diplomáticas afirmaram que as conversações entre Washington e Hanoi deverão centrar-se na formação de um conselho nacional supremo para o Camboja, que administraria a fase conducente à realização de eleições livres.

Esta questão deverá dominar a sessão dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Associação das Nações do Sueste Asiático, Asean, marcada para a próxima semana, em Jacarta.

Redacção
«DL»/Lusa/AFP

AGORA A LOTARIA NACIONAL DÁ MAIS PRÉMIOS HABILITE-SE JÁ



1º PRÉMIO
70 MIL CONTOS
E MAIS
3 TERMINAÇÕES

DIA 20 ANDA A RODA

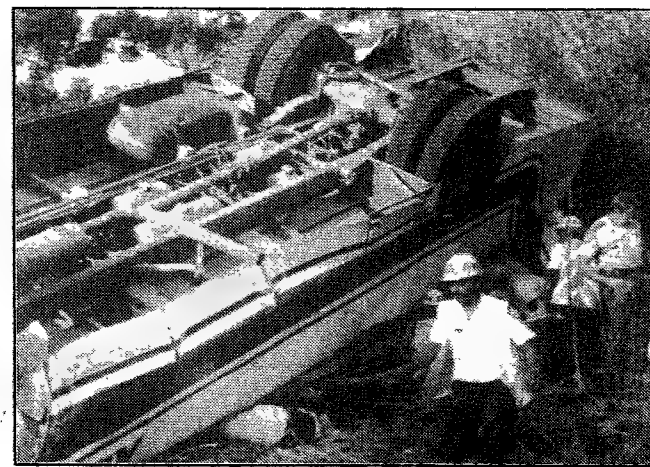
Violência agrava-se na África do Sul

Mandela quer reunir-se
em breve com de Klerk

O vice-presidente do Congresso Nacional Africano (ANC), Nelson Mandela que regressou à África do Sul depois do seu périplo de seis semanas por 14 países, afirmou em conferência de Imprensa, em Joannesburgo, que deseja encontrar-se com o Presidente Frederik de Klerk, «logo que possível», para avançar com o processo de reformas no país. Mandela que à sua chegada leu um comunicado resumindo os resultados da viagem e os contactos feitos a nível internacional referiu não pretender aconselhar o Comité Central do ANC a cessar-fogo, antes de o Governo remover todos os obstáculos às negociações. Quanto às sanções para a África do Sul, um dos principais objectivos da sua longa viagem, o líder da ANC considerou que apesar das melhorias notórias o sistema de *apartheid* continua em vigor, pelo que elas se mantêm necessárias. Declarando-se convencido das

intencões reformistas do Presidente de Klerk, Mandela defendeu ainda que, a nível internacional, não deverão ser tomadas novas medidas em relação à África do Sul, sem a consulta prévia do ANC e do Governo.

Apesar do optimismo que sobressaiu das palavras do líder negro e da calorosa recepção que o acolheu no aeroporto de Joannesburgo, Mandela regressou para uma África do Sul assolada pela violência e viu o seu regresso atrasado por uma ameaça de morte, recebida através de um fax anónimo enviado à sede do ANC. Depois dos confrontos de terça-feira, entre apoiantes da ANC e do movimento conservador Inkatha, pelo menos 26 pessoas foram ontem mortas numa emboscada a um autocarro, ocorrida em Durban, cidade da agitada província sul-africana do Natal. O ataque ocorreu pouco antes do amanhecer, na estrada entre a cidade costeira



Membros de uma equipa de salvamento retiram passageiros do autocarro que sofreu o atentado

de Durban e a cidade negra de Inanda onde foram disparados tiros contra um mini-autocarro, provocando o seu despiste e o de um outro autocarro que seguia atrás. Um porta-voz policial referiu que as autoridades sul-africanas estavam a investigar uma possível ligação entre este ataque e os acontecimentos de terça-feira.

Entretanto a Organização dos Povos da Azânia (AZAPO), outro dos movimentos até agora rivais do ANC, assinou ontem com este último um tratado de paz, no Soweto.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

QUOTIDIANO

Descoberta na URSS

Novo remédio contra a Sida

Um grupo de cientistas soviéticos descobriu um novo remédio contra a sida, denominado «toxin-receptor» — anunciou o jornal «Rabotchaia Tribuna», citado pela Lusa.

Um dos autores da descoberta, o geneticista Boris Mednikov, do Laboratório de Biologia Molecular e Química Bio-Orgânica da Universidade de Moscovo, afirmou-se «pessoalmente convencido» do êxito da nova substância em 80 a 90 por cento dos casos.

O medicamento mata periodicamente a forma activa do vírus, o que permite ir prolongando a vida do doente, e o mesmo grupo de cientistas pensa que dentro de um ano estará em condições de elaborar um método susceptível de tratar também a forma latente da doença.

Ao contrário dos cientistas ocidentais, que também sintetizaram um remédio com base em venenos metabólicos, o qual age apenas contra células contaminadas, poupando o vírus maduro, os soviéticos aproveitaram as toxinas da membrana que envolve o vírus. Estas toxinas destroem as membranas e aniquilam o agente causador da sida «sem dificuldade» — explicou Boris Mednikov.

O cientista disse também que a sua equipa vai precisar de cerca de três anos para organizar a produção experimental de reagentes e «toxin-receptores», e acusou o ministério da Saúde de «não só não ter ajudado, como ter dificultado» o trabalho de investigação.

Mednikov defende a constituição de uma comissão especial para o combate à sida na União Soviética e contesta os números oficiais sobre os portadores da doença no País: em sua opinião, são, no mínimo, 20 mil.

A Epal atingiu ontem um índice histórico de tratamento e distribuição de água, ao mesmo tempo que a venda de águas minerais, cerveja e gelados sobe em flecha

Lisboa bate recorde de consumo de água

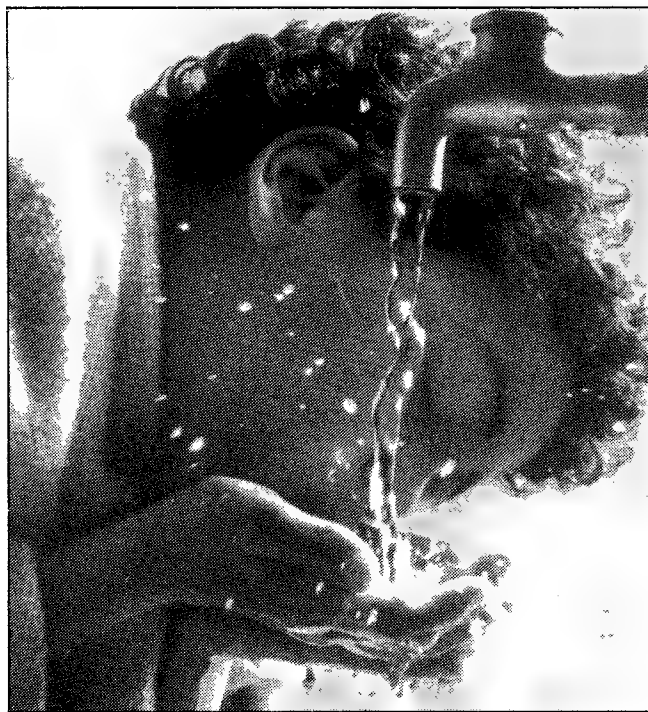
A Epal bateu ontem um recorde histórico. Tratou e distribuiu na área de Lisboa 687 mil metros cúbicos de água, valor que passa a ser o mais elevado de sempre na capital.

Uma fonte da empresa disse ao DL que o consumo de água tem vindo a registar uma subida surpreendente, passando dos 590 mil metros cúbicos em finais de Junho para 630 no início do mês. Saliente-se que a média global anual é de 550 mil/dia.

Em Julho de 1989, o mais quente dos últimos cem anos, a Epal atingiu também índices muito elevados, tratando e distribuindo no dia 28 daquele mês 664 mil metros cúbicos.

Mas não é apenas o consumo de água canalizada que sobe com o aumento das temperaturas do ar.

As previsões para o crescimento da venda de águas minerais são também muito significativas. Um informador de uma das maiores empresas do ramo afirmou ao nosso jornal que se espera ultrapassar, este mês, em dez



Água, água, que faz calor

por cento, o valor global nacional de Julho de 1989: 34 milhões de litros. Comparativamente, registe-se que na Primavera, em Maio do ano passado, as vendas foram de

25 milhões de litros.

Como é natural, tudo o que é refresco se vende mais, para já não falar da cerveja: em Julho do ano passado, os portugueses beberam entre

65 e 70 milhões de litros de cerveja quando, em Janeiro do mesmo ano se tinham ficado pelos 25 milhões. Para 1990, as cervejeiras esperam uma subida na ordem dos sete por cento.

No entanto, a subida que se vem verificando no comércio de gelados ultrapassa todas as expectativas. A maior produtora nacional registava em 1988 uma venda anual de 2,5 litros per capita. Em 1989 o consumo foi de 3 litros e a previsão para este ano é de 3,25 per capita.

Não se pense que o calor vai abrandar nos próximos dias. Os técnicos do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica afirmam que não se está a passar «nada de anormal para a época» e prevêm «continuação do tempo quente, com céu geralmente limpo; vento fraco, soprando de noroeste no litoral durante a tarde.» Lisboa, a capital mais quente da Europa nos últimos, estava com 36 graus ontem às seis da tarde. Às nove da manhã de hoje já registava 29 e espera-se uma máxima de 38.

Referendo aos bancários

Diferenças baralham assinatura do acordo

Os resultados dos referendos aos bancários efectuados pelos três sindicatos verticais do sector foram substancialmente diferentes e a aprovação final do acordo de princípio estabelecido com as instituições de crédito está num impasse, embora tudo aponte para a sua concretização.

No Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas (SBSI) os associados deram um claro sim à aprovação final do documento (10.750 contra 7.454); na zona Centro, onde ao fim da manhã faltava ainda apurar cerca de 50 por cento dos balcões, a tendência era relativamente ascendente no sentido da opção pela greve. Os bancários do Norte, pelo contrário, expressaram esmagadoramente o seu desagrado pelo acordo de princípio.

Perante estes resultados, e segundo sindicalistas das três estruturas, a solução final será provavelmente a aprovação final do acordo de princípio, que estabelece alterações no contrato colectivo do sector.

Várias questões são condicionantes, independentemente dos referendos: por um lado, o facto de no SBSI os bancários estarem a favor da assinatura final do acordo — e esta estrutura representa dois terços do total da classe; por outro lado, a situação no Centro não é ainda clara, uma vez que os resultados apurados até ao momento referem-se sobretudo a Coimbra (onde os bancários estariam mais sujeitos à possibilidade de transferência para os concelhos limítrofes) faltando apurar os votos dos balcões da província que, segundo Herculano Rocha, da direcção, «a sensibilidade dos bancários é diferente. Além disso, muitos dos bancários que votaram pela não aprovação do acordo, já afirmaram que não farão greve».

Em relação à votação dos associados do Sindicato dos Bancários do Norte (SBN), apesar de a diferença entre o sim ao acordo (1ª opção -704 votos) e o não (2ª opção -7.645) ser enorme, o referendo dava três sub-opções relativamente à segunda hipótese, tendo vencido a última (4.111): passagem às fases legais subsequentes sem o recurso prévio à greve, caso o grupo negociador se recuse a continuar as negociações, o que significa o recurso para a mediação, conciliação ou arbitragem.

Perante esta situação, Barbosa de Oliveira, presidente do SBSI, é claro: «Não haverá greve dos bancários este ano, porque sem a participação dos nossos associados, ela seria sempre insinificante».

Tudo está agora dependente da decisão final dos respectivos Conselhos Gerais, uma vez que o referendo tem um carácter consultivo. No Norte a reunião decorre hoje, no Centro segunda-feira, e no Sul e Ilhas amanhã.

Para Barbosa de Oliveira, o resultado do referendo no seu sindicato «significa o que sempre defendi: se os bancários pudessem refletir serenamente votariam a favor da assinatura do acordo. Foi o que aconteceu, apesar de toda a campanha feita em sentido contrário».

O presidente do SBSI disse ao DL que «apenas a tendência sindical socialista e a sua maioria na direcção expuseram claramente aos bancários o que estava em jogo. A minoria da direcção fez uma campanha mais aguerrida do que para as eleições, e perdeu tudo: não teve o apoio dos bancários».

Alexandrino Saldanha, representante da minoria unitária da direcção, considera que «o acordo continua a ser mau e os bancários foram condicionados na sua votação pelo receio da greve».

E.A.

Macário Correia sem medo da hepatite

Depois das suas declarações, de ontem de manhã, à Radiogest, sobre o facto de haver risco de se contrair hepatite nas praias da linha poder ter algum fundamento, o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, esclareceu, à tarde, à agência Lusa que afinal «não há, até hoje, conhecimento de qualquer resultado que justifique alarme especial das autoridades» e que as análises efectuadas àquelas praias são do âmbito de uma rotina dos últimos anos.

Por sua vez, o Ministério da Saúde desmentiu também a existência do surto de hepatite, que estaria a afec-

tar, sobretudo, os frequentadores das praias da Linha do Estoril.

Em comunicado divulgado, a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários afirma que «os números dos casos daquelas doenças comunicadas aos serviços competentes para o efeito, nos últimos meses, e, em especial, no corrente mês, são praticamente idênticos aos declarados o ano passado. Não está em curso qualquer investigação epidemiológica referentes a casos daquelas afecções no distrito de Lisboa, nomeadamente pelas autoridades sanitárias competentes para o efeito».

Pesca local regulamentada

Foi hoje publicado no «Diário da República» um conjunto de diplomas da responsabilidade do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação, que passará a enquadrar, regular e proteger o exercício da pesca nos estuários dos rios Lima, Cávado, Douro, Mondego, Tejo e Sado, nas rias de Aveiro e Formosa, na lagoa de Óbidos e bacia de S. Martinho do Porto.

Os Regulamentos de Pesca local hoje publicados abrangem desde a comercialização e o controlo da qualidade do pescado até à exploração da aquacultura marinha.

Os regulamentos pretendem encontrar o necessário equilíbrio entre a actividade tradicional das comunidades piscatórias, rentabilizando-a, bem como a protecção e conservação dos recursos nos espaços marinhos estuarinos, dignificando a pesca exercida em águas interiores e colocando-a em pé de igualdade com os restantes segmentos do sector.

Sebastião da Gama e Mário de Sá-Carneiro passaram por lá, um a ensinar e outro a aprender. É a Escola Veiga Beirão, que pode vir a ser transformada num aparthotel. As opiniões dividem-se quanto ao futuro do edifício no Chiado reconstruído

Veiga Beirão: uma escola e dois destinos

A secular Escola Veiga Beirão pode vir a ter a sua existência comprometida enquanto estabelecimento de ensino. Siza Vieira, o arquitecto responsável pela recuperação do Chiado, reservou-lhe outros projectos e parece disposto a conferir-lhe o estatuto de *aparthotel*, nos tempos mais próximos. Isto, caso Ministério de Educação e proprietários do antigo Palácio Valadares cheguem a acordo. A escola, apesar de oficial, funciona em instalações alugadas - a renda não ultrapassa os 97 mil e quinhentos escudos para uma área de quase 4 100 m² - e as negociações entre proprietários e o Ministério da Educação poderão ser decisivas para o seu futuro.

Segundo o projecto do arquitecto nortenho, já aprovado, o logradouro da escola será aproveitado como passagem pedonal entre a Rua

do Carmo e a Calçada do Sacramento. Quanto ao destino do edifício, sabe-se que uma primeira proposta, para o aproveitamento da área como zona comercial, apresentada por um dos proprietários do imóvel, Rui Viana, e subscrita pela arquitecta Luísa Marques foi indeferida pelo Gabinete do Chiado.

Entretanto, um outro pedido de «viabilidade», da autoria da mesma arquitecta, apresentado ao Gabinete do Chiado, mereceu parecer favorável daquela entidade e do arquitecto Siza Vieira.

O Gabinete do Chiado, através de Pessanha Viegas, o seu director, afirmou ao nosso jornal «que nada de concreto há a assinalar, já que nem sequer existe um projecto. Se, eventualmente, o processo for avançado, o Gabinete do Chiado terá uma palavra a dizer. E isto porque não acredito que o Ministério

da Educação seja inconsciente a ponto de encerrar a escola sem alternativa para docentes e alunos». Pessanha Viegas vai mais longe: o projecto, a existir, pode ser chumbado por aquele gabinete, caso não tenha a qualidade desejável para a futura «zona nobre» no coração da cidade.

Rui Viana, proprietário do imóvel da Veiga Beirão e igualmente contactado pelo «DL», garante que «houve, realmente, uma auscultação, da nossa parte, ao Gabinete do Chiado, tendo nós obtido uma resposta positiva. A nossa proposta foi no sentido de aproveitar o antigo Palácio de Valadares para um fim diverso, que não o estabelecimento de ensino, e Siza Vieira, no parecer entretanto dado, considerou a ideia por nós apresentada de extrema utilidade para o apoio do Plano de Renovação do Chiado».

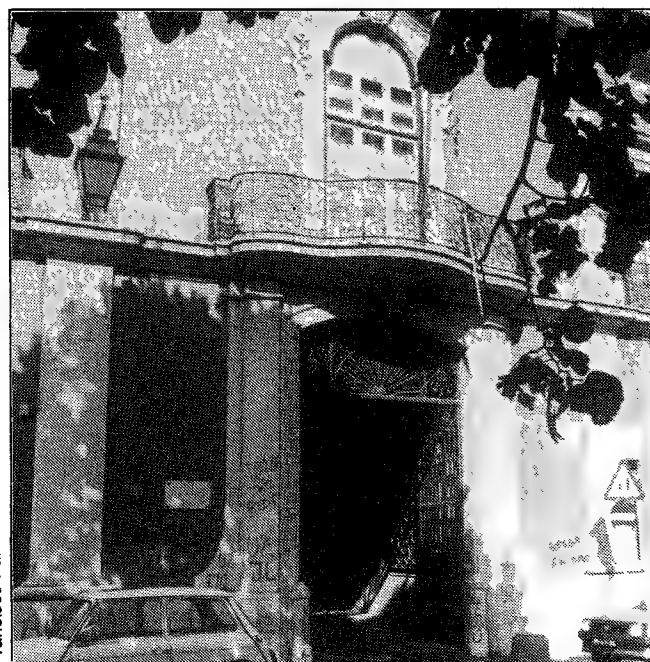
Segundo a proposta posteriormente apresentada, a Escola Veiga Beirão serviria para «instalação de um hotel de apartamentos de 4 estrelas, aproveitando-se alguns dos espaços de reconhecida qualidade para salas de reuniões, exposições e, eventualmente, um restaurante. Propõe-se ainda a hipótese de aproveitamento da ala norte para um clube/espço de lazer e desporto anexo ao hotel».

O Gabinete do Chiado, em parecer emitido no mês passado, considerou a referida proposta «extremamente interessante e capaz de constituir elemento fundamental de apoio à proposta de plano de recuperação de Siza Vieira».

Rui Viana adiantou que «o Ministério da Educação se propôs, em 85, adquirir a fracção ocupada pela escola, mas que, como alternativa, lhe foi proposta a rescisão do contrato em espécie, ou seja, a procura e cedência de um outro terreno para implantação, de base, de um novo estabelecimento de ensino».

Luísa Marques, a arquitecta responsável pelo eventual reaproveitamento do espaço garante que «até à data, o Ministério da Educação foi inundado de petições do Conselho Directivo da Veiga Beirão, queixando-se da falta de condições pedagógicas».

No Ministério da Educação, o processo sobre o abandono ou aquisição da escola está a ser estudado, segundo adiantou ao «DL» uma fonte do



Este portão, que ao longo dos últimos cinquenta anos se abriu para sucessivas gerações de estudantes, poderá, num futuro próximo, dar passagem a hóspedes endinheirados de um hotel de luxo

gabinete do secretário de Estado adjunto do ministro. «Não temos nada a dizer. Existe um *dossier*, não muito volumoso, sobre o assunto, mas posso adiantar que as matrículas já estão feitas e que a escola vai abrir, normalmente, em Setembro», adiantou Emília Mesquita, assessora do secretário de Estado.

Entretanto, alunos, pais, professores e as populações das quinze freguesias servidas pela Veiga Beirão estão revoltados e exigem que o Ministério de Educação «não abdique do edifício, como património histórico da cidade, nem tão pouco dos fins a que tem sido destinado». Contactaram já a Câmara Municipal de Lisboa e respectivos vereadores da Cultura e Reabilitação Urbana, responsáveis pela Educação dos diversos partidos políticos, o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e a Associação de Arquitectos Portugueses (AAP), a fim de lhes solicitar apoio.

Pedro Brandão, actual presidente da AAP, chamada a intervir pela Escola Veiga

Beirão, assume uma posição *sui generis*: «solidário» com as pretensões daquele estabelecimento de ensino, por desconhecer, de todo, os planos que lhe estão reservados, Pedro Brandão afirma que «cabe ao Ministério da Educação conhecer a sua rede escolar e saber até que ponto pode ou não a escola ser substituída por um equipamento hoteleiro, de total cabimento na renovada zona do Chiado». E adianta: «Há que ter coragem para delinear, também, o futuro de outras instalações indesejáveis no Chiado, concretamente as ocupadas por forças policiais e paramilitares nos conventos de S. Francisco e do Carmo».

«Indesejáveis» parecem ser também os cerca de 1500 alunos da freguesia do Sacramento e outras, circundantes, actualmente a frequentar a Veiga Beirão e que, caso o Ministério de Educação e os proprietários acordem na transferência da escola, irão de mala aviada para não se sabe bem onde.

Emília Trindade

FINAL DE ÉPOCA

NÃO ARRUME AS BOTAS

O TOTOBOLA CONTINUA A FAZER MILIONÁRIOS

Você pode ser um deles!
Aposte numas férias de sonho
e na vida com que sempre sonhou.



totobola

MARQUE CERTEIRO GANHE MUITO DINHEIRO

Borel Sensus

Sete séculos de História

Foi em 1290 que começaram a funcionar os Estudos Gerais, criados no primeiro dia de Março por Carta Régia de D. Dinis. Instalaram-se no Largo do Carmo, à altura denominado da Pedreira, no imóvel da actual Escola Veiga Beirão, a par de um outro prédio da propriedade do rei. Devolutas em 1299, as duas habitações puderam ser doadas, três anos depois, aos arrabismos de Beja, magistrados supremos entre os Judeus e, mais tarde, ao almirante genovês Manuel Pessanha.

Até finais do século XV, se bem que com algumas interrupções, as casas mantiveram-se na posse da família Pessanha, tendo, a partir de princípios do século XVI, passado a pertencer à família Meneses, condes e marqueses de Vila Real.

As pesadas penas infligidas por D. João IV à família Meneses trazem o palácio de volta à posse do rei, que o oferece a seu filho, o infante D. Pedro.

A família Valadares foi a última proprietária do palácio até que, em 1755, o terramoto reduziu a escombros todo o conjunto arquitectónico da época de D. Dinis e uma nova fase se iniciou.

Depois de sucessivamente transformado em prédio de rendimento - funcionou como

fábrica de arame, sede da Assembleia Lisbonense, do Clube Lisbonense e, mais tarde, dos Correios, Telégrafos e Faróis - retoma, em 1892, a função pedagógica iniciada pelo rei Lavrador.

Nesse ano, é aí instalado o Liceu Central de Lisboa, vulgarmente conhecido por Liceu do Carmo, e que daria origem ao futuro Passos Manuel. No ano da implantação da República, o Liceu Passos Manuel passa a ocupar as instalações do Convento de Jesus, permanecendo, contudo, uma secção no Largo do Carmo. Extinta a secção do Carmo, as instalações servem de abrigo ao Liceu Feminino Maria Amália Vaz de Carvalho.

A Escola Comercial Veiga Beirão, o seu próximo locatário, instalou-se em 1941 e não mais abandonou o Largo do Carmo.

Desde então, gente ilustre se sentou nos bancos daquela escola. Sebastião da Gama fez estágio para professor efectivo entre Janeiro de 49 e Março de 50 e Mário de Sá-Carneiro, o poeta contemporâneo de Pessoa, ali aprendeu a soletrar as primeiras palavras e rimas.

Mais tarde, a Escola Comercial viu elevado o seu estatuto para Secundária e assim permaneceu, hoje, com cerca de mil e quinhentos alunos de quinze freguesias da capital.

E.T.

Estado tem ajudado pouco

Alverca constrói Centro que vale 900 mil contos

Quando em 25 de Novembro de 1968 o Centro de Bem-Estar Infantil de Alverca arrancou, nenhum dos seus pioneiros previa que vinte e tal anos depois a comunidade desta vila ribatejana às portas de Lisboa viesse a dispor das instalações que se prepara para abrir. «A concretização deste projecto social vai melhorar o nível de serviços que prestamos, promover o alargamento da acção do CEBI de modo a dar resposta cabal às necessidades de oito mil famílias, desenvolver a valorização dos tempos livres das crianças e dos jovens, apoiar os adolescentes e permitir uma mais fácil inserção da população proveniente do meio rural», disse o presidente do Centro, José Álvaro Vidal, ao «Diário de Lisboa».

O cidadão mais atento que circule na Estrada Nacional nº 10, entre Vila Franca e Lisboa, poderá ver a obra em curso, sem saber que dos 390 mil contos nela investidos o Estado apenas participou com 68 mil. A direcção do CEBI tem solicitado maior apoio do Estado, este tem-lhe sido prometido, mas tarda em formalizar-se. Daí que há dias tenha convidado a Comissão Parlamentar de Trabalho, Segurança Social e Família para visitar as instalações que presentemente desenvolve a sua acção e as que no futuro ocupará.

Como Instituição Particular de Solidariedade Social que é, desmultiplica-se em diversas actividades de apoio social à criança e ao idoso, a ponto de não ser fácil estabelecer as balizas da sua acção: ele há crianças de três meses e um idoso de 102 anos.

Numa vila que há dias passou a cidade e alberga cerca de trinta mil almas, os prédios por que divide a sua acção há muito que ameaçam ruptura socio-pedagógica.

Em boa hora que os seus dirigentes se abalançaram à construção do Centro Comunitário de Alverca que de que aquela Comissão há dias se inteirou. «Estamos preocupados com aqueles que estão na lista de espera, que ainda não têm lugar na instituição», disse Álvaro Vidal aos deputados. Em nome destes, Fernandes Marques manifestou-se sensibilizado pela acção do CEBI e pela obra em curso, admitindo intervir publicamente em defesa das suas necessidades.

Obra arrancou há seis anos

Desde 1984 que a obra - o Centro Comunitário de Alverca - cresce. A sua construção não tem correspondido ao ritmo da evolução demográfica e das necessidades da população, mais por



Deputados da Comissão de Segurança Social e Família à saída das actuais instalações do Centro de Bem-Estar Infantil de Alverca...

culpa dos poderes públicos que por inação ou desânimo dos dirigentes do CEBI.

Apoios de firmas e empresas do concelho, da região e do país que conhecem a acção deste Centro de Bem-Estar Infantil, da Câmara Municipal de Vila Franca, Centro Regional de Segurança Social e Governo Civil, além da generosidade de muitos particulares e algumas receitas que o CEBI arrecada, permitem que o «esqueleto» do Centro já se veja e que algumas das suas instalações possam funcionar já em Setembro. Outras parcelas do centro ficarão à espera de verbas.

Foi Mira Amaral, quando ministro do Trabalho e Segurança Social, quem por parte do Governo deu substancial ajuda para a construção do Centro: 50 dos 68 mil contos que o Estado ali investiu, como acima referimos. Depois dele, e sempre com o PSD no poder, nada de especial ali se sentiu. «É pouco», queixam-se os dirigentes do CEBI, lembrando a acção que o Centro desenvolve e que em condições normais competiria ao Estado.

Quem conhecer minimamente Alverca concluirá que as instalações a abrir em Setembro serão poucas face a tantas necessidades da população local. Alverca tem vida e actividades próprias, não foi por acaso há dias

promovida a cidade e, como há dias frisou o presidente da Junta de Freguesia ao «DL», «isto não é um dormitório de Lisboa».

Uma vasta folha de serviços

O centro, se acaso a sua construção não for apressada, poderá vir a custar mais que os 900 mil contos previstos. São esses os custos

actuais de uma obra que em 1986 estava programada para 600 mil e que representa para a comunidade alverquense «um valor sócio-cultural inegável que importa estimular», disse ao «DL» o presidente da sua direcção. Para Álvaro Vidal, que na conversa citou Fernando Pessoa e a expressão «o melhor do mundo são as crianças», é fundamental que o Centro Comunitário avance, de modo a que o apoio aos seus mais de milhar e meio de utentes seja ainda melhor e diminua a sua lista de esperanças diversas valências e serviços que presta.

Creche familiar (que o CEBI lançou em Portugal há cerca de dez anos), infantário, jardim de infância, ATL's, residências de acolhimento temporário de idosos, apoio domiciliário a idosos, o mesmo para deficientes, apoio psicopedagógico, clube de jovens, formação profissional e integração de crianças e

jovens são alguns dos serviços que desenvolve desde há anos. Nos últimos tempos a direcção do CEBI juntou-lhes um serviço de apoio aos toxicodependentes, a edição de livros para a infância e serviços de fisioterapia para a comunidade.

De tudo isso se inteirou, há dias, a delegação da Comissão Parlamentar de Trabalho, Segurança Social e Família que se deslocou a Alverca, chefiada por Fernandes Marques. O ex-secretário de Estado do Trabalho manifestou-se surpreendido pela dinâmica e acção do CEBI, prometendo sensibilizar o Governo para a necessidade de olhar para aquele Centro.

Sublinhando que a Comissão não dispõe de fundos para ajudar a obra, Fernandes Marques adiantou que a Assembleia da República poderá ter uma acção importante em prol do CEBI e da sua obra, quer questionando o Governo quer fazendo propostas. Elisa Damião e Apolónia Teixeira, que integraram a referida delegação parlamentar, manifestaram também disponibilidade para intervir em favor deste centro. Enfim: todos se declararam prontos a acolher os projectos do CEBI.

Júlio Rodrigues

Marktest contra RTP

O contrato assinado entre a RTP e a Norma para medição de audiências é irregular - disse à Lusa o director-geral da Marktest e presidente da AGB Portugal, Luís Queirós: «É irregular porque não houve concurso público, porque está envolvido num secretismo incompreensível e porque a Norma não é, em Portugal, a empresa em melhores condições para poder oferecer esse serviço à RTP - acrescentou Luís Queirós na apresentação do sistema de audimetria da AGB que, disse, custa metade do preço do proposto pela Norma».

Aniversário da morte de Calouste Gulbenkian

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian manda rezar amanhã, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, missa de sufrágio por Calouste Gulbenkian, no 35º aniversário da sua morte, e por todos os colaboradores da instituição já falecidos. A seguir à missa, haverá uma romagem à estátua do fundador da Gulbenkian, nos jardins da Fundação.

Curso de Registos e Notariado

O Ministério da Justiça e a Universidade de Coimbra assinaram um protocolo que contempla, pela primeira vez, um curso de extensão universitária para formação de conservadores do Registo Civil e de notários.

Conferência sobre luminescência

Está a decorrer na Fundação Calouste Gulbenkian a 4ª Conferência Internacional sobre Luminescência, na qual participam mais de 300 investigadores de 27 países. A sua realização em Lisboa testemunha o reconhecimento do nível de investigação em curso no nosso País - salienta a Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia.

Missão não-governamental em Angola

A Medec vai enviar a Angola uma «missão de boa vontade» para apoiar, no campo da assistência média e medicamentosa, cuidados de higiene e primeiros socorros, cerca de 5 mil pessoas da região de Benguela. A equipa integra 10 médicos, 10 enfermeiros, e estudantes de Medicina e Enfermagem, portugueses e angolanos.

Congresso Internacional de Professores Socialistas

O Partido Socialista organiza este ano, em Lisboa, de 26 a 31 de Julho, o Congresso da União Internacional de Professores Socialistas. O tema da reunião será «Propostas para a igualdade de oportunidades na educação».

Artesanato em Tomar

Até ao próximo domingo, está aberta ao público a VII Feira Nacional de Artesanato, em Tomar, com 96 expositores. Do programa de animação constam espectáculos de folclore, teatro e música popular.

«Férias Jovens» em Portugal

Cerca de centena e meia de jovens, filhos de emigrantes portugueses radicados nos cinco continentes encontram-se em Portugal para contactarem directamente com a cultura, a língua, os costumes, as tradições e o património nacionais. A iniciativa pertence aos institutos da Juventude, e de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas.

A Secretaria de Estado da Juventude vai também participar, em Setembro, num cruzeiro multinacional que se destina «a proporcionar aos jovens entre os 16 e os 24 anos de idade a integração na tripulação do «Sail Training Shooner Sir Winston Churchill», que partirá de Londres. Os interessados deverão contactar com os serviços regionais do Instituto da Juventude até ao próximo dia 31.

Mais balcões para o IRS/IRC

A Direcção-Geral de Contribuições e Impostos e o Lloyds Bank assinaram um protocolo pelo qual os balcões deste banco passam a aceitar o pagamento do IRS e do IRC, em numerário, cheque ou débito em conta.

Deixe de se afligir com coisas que nunca lhe irão acontecer. Em vez disso, tome mas é cuidado com os verdades que o rodeiam em casa, no trabalho, na rua...

O perigo está onde menos se esp ou onde menos se sabe

Não há um dia que passe em que não ponhamos em risco as nossas vidas.

Trocamos a segurança por um risco imediato quando saltamos de um autocarro em andamento. Arriscamos alguns minutos de vida por um perigo real de morte quando aceleramos para passar semáforos ou quando atravessamos a rua fora do cruzamento devidamente assinalado com a «zebra».

E trocamos prazer por um risco a longo prazo quando comemos um «éclair», abrimos uma garrafa de vinho ou acendemos um cigarro.

Contudo, o problema é que, embora pensemos saber o que estamos a fazer quando corremos tais riscos, frequentemente incorremos em julgamentos errados. Interpretamos mal o verdadeiro perigo e tomamos decisões baseadas em medos irracionais e em preconceitos sem fundamento.

Preocupamo-nos com coisas a respeito das quais não nos devíamos preocupar e esquecemos as que realmente deviam ser motivo de preocupação.

A nossa capacidade de apreciar riscos é distorcida por toda a espécie de coisas. Por exemplo é afectada pelo facto da actividade perigosa ser voluntária ou involuntária.

Mas não são só as nossas atitudes pessoais, evidentemente, que afectam o nosso desejo de risco.

Na realidade, os riscos reais que todos temos de enfrentar assemelham-se muito pouco aos riscos que julgamos ter de enfrentar. Quantas pessoas, por exemplo, adivinhariam que, sendo você um adulto jovem com um modo de vida sensato (você não come gordura animal, não fuma e usa o cinto de segurança quando guia), a causa mais provável da sua morte poderá ser o suicídio?!

Afinal, a resposta é que, dado ser a preocupação uma parte inevitável da vida para a maioria de todos nós, o melhor é começarmos a preocuparmo-nos apenas com os grandes riscos, deixando de lado os menores — contra os quais, a maior parte das vezes, nada podemos fazer.

FUMAR — Imensos fumadores negam a verdade relativamente aos riscos inerentes ao tabaco.

Um amigo meu que fuma 40 cigarros por dia diz que tanto a mãe como o pai são fumadores — e que se encontram de boa saúde, ambos com mais de 70 anos.

Mas fumar é tão perigoso que, se consumir 20 cigarros

por dia, há uma em 200 probabilidades de morrer por causa do seu vício, durante o ano que vem. Isso torna o hábito de fumar consideravelmente mais perigoso do que viajar em dirigíveis, conduzir planadores, fazer pára-quedismo ou alpinismo.

Fumar é mesmo tão perigoso que um indivíduo de 35 anos que fume 40 cigarros por dia viverá oito ou nove anos menos que um outro que não fume.

ÁLCOOL — O álcool está na origem de metade das mortes ocorridas na estrada durante a noite, em Portugal. Causa também um terço de todos os acidentes industriais.

É factor importante no que respeita a separações matrimoniais, abuso de crianças e crime. Se beber uma garrafa de vinho por dia, as suas possibilidades de vir a

falecer por causa disso no ano que vem são de uma em 1,333.

OPERAÇÕES — Todos os anos são feitas mais de duas mil intervenções cirúrgicas. Os riscos variam de acordo com o tipo de operação e com a idade do doente.

Uma operação ao cérebro envolve um índice de mortalidade de cerca de 7,5 por cada 100 doentes. Para as operações ao coração o índice de mortalidade é de três por cada 100 doentes. Para as operações de remoção das amígdalas, o risco é de um para 10 000.

Os índices de risco variam enormemente à medida que envelhecemos.

Aos 50 anos há um índice de um por cento de mortalidade devida a operações. Este número duplica sensivelmente cada dez anos. Aos 60 é de 2 por cento, aos 70 é de 4, aos 80 é de 7 e aos 90

é de 16 por cento.

GRAVIDEZ — Uma mulher que não use contraceptivos e tenha relações sexuais com frequência tem 80 por cento de possibilidades de engravidar em cada ano. Todas as vezes que praticar sexo sem as devidas precauções, a mulher tem 6 por cento de possibilidades de vir a ter um bebé — o que significa que, uma em cada 16 vezes em que uma mulher faz amor sem protecção adequada, se segue uma gravidez (embora, evidentemente, o risco varie de acordo com a altura do mês).

Tal risco, aliás, é bastante variável. No seu primeiro ano de casados, os casais medianos fazem amor 150 a 200 vezes. Isto significa que o risco de virem a ser pais é bastante considerável.

PÍLULAS CONTRACEPTIVAS — Uma mulher que tenha re-

lações sexuais frequentemente, mas que tome a pílula com regularidade, tem uma probabilidade em mil de engravidar.

E quais os perigos?

Para uma não-fumadora com menos de 35 anos, o risco de morte (por acidente cardiovascular) é de um para 80 000. Para uma fumadora com menos de 35 anos o risco de morte é de um para 10 000. Para uma não-fumadora com idade compreendida entre 35-45 anos, o risco de morte é de um para 5000. Para uma fumadora com idade compreendida entre 35-45 anos, o risco de morte é de um para 1600. Para uma não-fumadora com mais de 45 anos, o risco de morte é de um para 2000.

Para uma fumadora com mais de 45 anos, o risco de morte é de um para 500. Tomando regularmente a pílula, estes números podem

melhorar um pouco.

ALIMENTOS — Perguntem a alguém o que consideram mais perigoso naquilo que se ingere, e essa pessoa responderá provavelmente que são os aditivos ou produtos químicos.

O que é um erro...

Sem dúvida, há milhares de produtos químicos nos alimentos que ingerimos, mas os riscos têm sido tremendamente exagerados. Os dois maiores perigos relativamente ao que se come é comer de mais e, especialmente, comer demasiada gordura animal.

De facto, as gorduras da sua dieta alimentar são milhares de vezes mais perigosas do que os tais aditivos e produtos químicos.

MEDICAMENTOS — Evidentemente que os riscos variam de medicamento para medicamento (e de doente para doente e de



A poluição industrial é prejudicial à saúde, mas só em casos extremos e raros põe em perigo a vida das populações.

verdadeiros perigos

spera

médico para médico) mas, em regra, há uma morte para cada milhão de receitas.

O risco de efeitos colaterais é, contudo, consideravelmente mais elevado. Alguns peritos dizem que 40 por cento de todos os doentes a quem são ministrados medicamentos apresentam efeitos secundários.

É interessante notar que nem o álcool nem o tabaco poderiam jamais ser vendidos como medicamentos — pois ambos são demasiadamente perigosos.

VACINAS — A maior parte das vacinas são eficazes e seguras. Parece haver uma excepção a esta regra: a vacina contra a tosse convulsa.

Morrem mais crianças (ou ficam com graves deficiências cerebrais) após terem recebido essa vacina, do que de tosse convulsa, propriamente dita.



Há ainda doenças incuráveis. O que tem cura são os hábitos de vida que constituem as causas de muitas delas



O abuso do álcool é duplamente perigoso: conduz a doenças mortais e é o principal motivo da sinistralidade na estrada e no trabalho.

ENERGIA NUCLEAR — Mesmo tendo em conta Chernobyl, os riscos da energia nuclear são consideravelmente baixos. O maior competidor da energia nuclear é a combustão do carvão.

Durante os últimos invernos o fumo intenso aumentou o número de internamentos hospitalares, devido a doenças respiratórias. Essa fumaça é causada pela combinação de fumo resultante de queima de carvão e neveiro.

FÁBRICAS DE PRODUTOS QUÍMICOS — Não há números que substanciem a afirmação que se segue, mas suspeita-se que morrem mais vendedores de produtos químicos nas estradas, do que trabalhadores de fábricas de produtos químicos, dentro das mesmas.

Certamente, há mais risco em viajar para tomar parte numa manifestação contra uma refinaria ou uma fábrica de produtos químicos, do que em viver perto delas (embora tal circunstância não leve em consideração os danos sofridos pelos nossos olhos, ouvidos e nariz).

VOAR — Na qualidade de passageiro de uma companhia de aviação, o seu risco de morrer num acidente aéreo é de um para

814 000, por viagem. Por isso, se voar menos do que dez vezes por ano, o seu risco é de um para 81 400.

Voar em jacto comercial é quase tão seguro (ou tão arriscado — dependendo da sua maneira de encarar o facto) como viajar de comboio. Quilómetro por quilómetro, é mais seguro do que viajar em autocarro, táxi, automóvel ou bicicleta.

DESPORTO — Quando perguntei a um grupo de amigos o nome do desporto mais perigoso, em sua opinião, todos eles responderam que se tratava do pugilismo.

Mas esquiatar é duas vezes mais perigoso do que o pugilismo e nada há de mais perigoso do que o alpinismo, a canoagem, o desporto subaquático, guiar planadores ou dirigíveis ou praticar pára-quedismo.

FINALMENTE... — você tem uma probabilidade em 10 milhões de morrer num desastre aéreo. São idênticas as probabilidades de ser atingido por um raio, mordido por uma cobra ou picado por uma abelha.

Se viajar até à América, tem uma probabilidade em 500 000 de morrer numa inundação, durante um tremor de terra ou por causa de um tornado.

«DL»/A.E.I.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA



Assinatura do acordo Mundileasing-Global

Mundileasing e Global lançam seguro de grupo

A Mundileasing, Sociedade de Locação Financeira Mobiliária, e a seguradora Global criaram um pacote de seguros que passam a beneficiar os clientes da primeira.

Relativamente aos bens locados pela Mundileasing, os locatários podem optar pela realização de seguros através de apólices de grupo extensivas a coberturas *all risks*, inclusão de fenómenos da natureza, furto ou roubo, riscos políticos, responsabilidade civil, sendo ainda seguros os riscos de transporte, instalação e testes de arranque da maquinaria.

O protocolo estabelece, para os veículos, «cobertura de todos os riscos», o que inclui os fenómenos da natureza, actos maliciosos, valor de substituição do veículo até aos três anos de uso e extensão territorial, para além dos riscos de responsabilidade civil ilimitada.

Segundo o director-geral da Mundileasing, Artur Marques, este protocolo traz «vantagens substanciais na locação de bens e serviços, permitindo uma política de preços extremamente concorrencial, resultante da harmonização dos esquemas funcionais e da consequente redução dos custos administrativos praticados pelas duas companhias».

Além desta vantagem, os prémios dos seguros podem ser pagos trimestralmente, sem qualquer custo adicional, substituindo a forma de pagamento anual, o que reduz o esforço financeiro dos locatários.

O caminho para a economia de mercado está cheio de escolhos e divide as opiniões entre duas opções: uma «terapia de choque» ou uma via mais «reflectida»

Desemprego é grave ameaça às democracias do Leste

A marcha forçada dos países do Leste para uma economia de mercado multiplicou os factores de crise naquela área da Europa, sendo o desemprego um dos mais preocupantes.

Para as jovens democracias do Leste europeu, as implicações sociais e políticas incalculáveis do desemprego em grande escala constituem um novo desafio.

«O desemprego maciço no Leste pode provocar um cataclismo de consequências políticas incalculáveis para toda a Europa», diz Vátr Komarek, ex-vice-primeiro-ministro checoslovaco que reclama por uma transição serena para a economia de mercado.

Na Polónia, a «terapia de choque» fez subir em flecha o desemprego. No fim de Junho os desempregados atingiam mais de 568 mil trabalhadores, um aumento de 28 por cento relativamente a Maio. Segundo o jornal «Gazeta», próximo do sindicato Solidariedade, o desemprego representa 4,23 por cento da população activa, mas nas pequenas localidades chega a atingir os 20 por cento.

A médio termo, o desemprego, segundo os peritos do Banco Mundial, poderá

atingir 1,5 milhões de polacos, numa população activa estimada em 18 milhões. Leszek Balcerowicz, ministro das Finanças e principal artefactual da passagem da Polónia para uma economia de mercado, aposta inteiramente na privatização rápida de 7600 empresas que representam 80 por cento do potencial económico da Polónia.

Checoslováquia

Cenário idêntico vive-se em Praga, onde Vaclav Klaus, ministro das Finanças, também escolheu uma via rápida para a transição para a economia de mercado.

A compressão dos efectivos do aparelho administrativo e o encerramento de empresas e de minas de carvão não rentáveis trará uma vaga de despedimentos. Segundo as estimativas do Ministério do Trabalho, 1,4 milhões de checoslovacos perderão o seu posto de trabalho até ao final do ano.

Marian Calfa, primeiro-ministro checoslovaco, sossegou, entretanto, os seus compatriotas, ao anunciar há dias que não estava nos seus objectivos uma terapia de choque, mas uma transição «reflectida» para uma economia de mercado com característi-

cas sociais». As privatizações, espera o Governo, podem criar rapidamente de 400 a 600 mil novos empregos.

Hungria

A Hungria, primeiro país a lançar-se na aventura da passagem para a economia de mercado contabilizou 20 mil desempregados em meados de Junho, contra apenas 3200 no mesmo mês do ano passado. Mas outras estimativas apontam para os 50 mil.

Importantes restrições das exportações para a União Soviética foram um golpe duro para a indústria pesada e mineira, que reduziu em 15 por cento os seus efectivos só no primeiro trimestre de 1990.

Mas, entretanto, segundo as estatísticas, cerca de 250 mil empregos foram criados pelas numerosas empresas privadas instaladas nos últimos dois anos. No entanto, o director do Instituto de Pesquisas Sociais, Lajos Hethy, considera que a Hungria deve contar temporariamente com um milhão de desempregados, o que corresponde a uma taxa de desemprego de 15 a 20 por cento.

Na Bulgária a Imprensa e os dirigentes do país mantêm-se discretos relativamente ao desemprego e um responsável

estimou recentemente em 68 mil os que não têm trabalho.

Quer na Checoslováquia quer na Bulgária tenta-se minimizar a situação através da dispensa de trabalhadores estrangeiros emigrados nestes países, em particular vietnamitas, que ascendem a 37 mil no primeiro e a 25 mil no segundo.

A República Democrática Alemã poderá, talvez, confiar no poder económico da RFA. Os 1,6 milhões de trabalhadores metalúrgicos obtiveram uma garantia de trabalho por um ano. Das oito mil empresas, cerca de metade introduziram a figura do «desemprego técnico», mas para evitar os despedimentos maciços os sindicatos preparam programas de reconversão.

A União Soviética não é excepção neste panorama. Segundo um responsável do Comité de Estado do Trabalho, seis a sete milhões de soviéticos estavam desempregados no fim de Abril.

Os batalhões de desempregados, sem sistemas de segurança social, representam uma bomba de rebentamento retardado que ameaça as jovens democracias do Leste europeu, pensam os técnicos do Ocidente.

Waltraud Baryl/AFP

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	38\$95	44\$95
ALEMANHA FED. (marco)	86\$65	87\$85
ÁUSTRIA (xelim)	12\$30	12\$50
BÉLGICA (franco)	4\$013	4\$263
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$75	126\$25
(notas de 5 a 1000)	124\$25	126\$775
DINAMARCA (coroa)	22\$80	23\$20
ESPAÑA	1\$379	1\$499
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	142\$70	146\$20
(notas de 5 a 1000)	143\$20	146\$70
FINLÂNDIA (marka)	37\$10	37\$70
FRANÇA (franco)	25\$80	26\$50
HOLANDA (florim)	76\$85	77\$95
IRLÂNDIA (libra)	233\$50	237\$50
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (ieno)	\$925	\$980
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
GRÃ BRETAGNA (libra)	260\$45	264\$95
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUIÇA (franco)	101\$10	102\$60
VENEZUELA (bolívar)	2\$613	3\$413

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeito a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE RECURSOS
HUMANOS DA SAÚDE
ESCOLA TÉCNICA DOS SERVIÇOS DE
SAÚDE DE COIMBRA

Rua Central — Póvoa — S. Martinho do Bispo
Telefs. 81 33 78 - 81 33 67 81 33 94
Apartado 5027
3000 COIMBRA

AVISO

De 17 a 31 de Julho de 1990, estão abertas as inscrições para admissão à frequência aos Cursos Técnicos de Diagnóstico e Terapêutica a ministrar nesta Escola Técnica dos Serviços de Saúde de Coimbra no ano lectivo 1990/91, com o seguinte horário de funcionamento:

MANHÃ — 9.00 às 12.00 Horas
TARDE — 14.00 às 16.30 Horas

CURSOS:

Análises Clínicas e Saúde Pública 30 vagas (a)
Radiologia 30 vagas (a)
Cardiopneumografia 30 vagas (a)
Fisioterapia 20 vagas
Dietética 15 vagas
(a) — Numa segunda fase «Abril de 1991» poderão ser admitidos mais 30 alunos.

CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO:

- Idade mínima de 17 anos completados até 31.12.90
- Habilitações Literárias:
Posse do 12.º ano (1.º Curso), cumulativamente com a Área A do 11.º ano de escolaridade, ou com o Curso Complementar do Ensino Secundário com as disciplinas de Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais.
- Possuir aptidão física necessária ao exercício da profissão, apreciada por inspecção médica.

PROVAS DE SELECÇÃO:

Provas de conhecimento, nas áreas de: Noções Básicas de Saúde; Atitudes e Comportamentos na Área da Saúde; Biologia e Físico-Química.

Prova de análise de motivação sem carácter selectivo
NOTA: A Bibliografia de apoio será entregue no acto da inscrição. Na Secretaria da Escola serão prestados todos os esclarecimentos complementares.

Coimbra, 12 de Julho de 1990

O Director da Escola
(Dr. António José Chorão de Aguiar)

B R E V E S

Presidentes de bancos foram reconduzidos

Os presidentes dos bancos Espírito Santo e Comercial de Lisboa e Fonsecas & Burnay, respectivamente Vaz Pinto e Pedro Rebelo de Sousa, vão ser reconduzidos nos seus cargos com a passagem a sociedades anónimas destas duas instituições. Não está ainda definida a presidência do Pinto & Sotto Mayor, do Crédito Predial Português e das seguradoras Mundial Confiança, Império e Bonança, que igualmente vão passar a sociedades anónimas.

Retenção mensal do IRS já está regulamentada

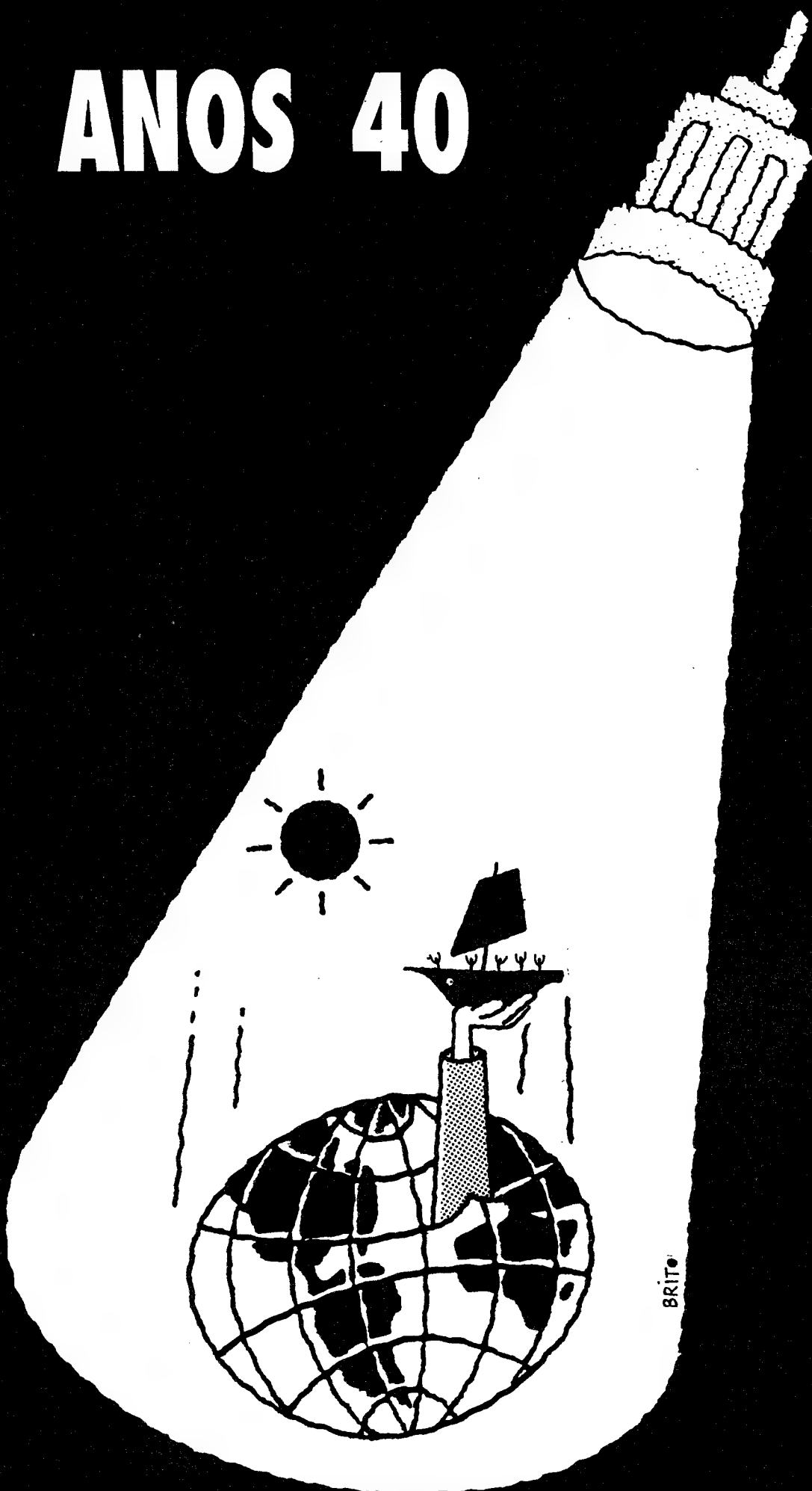
As normas relativas à retenção mensal do IRS foram já publicadas no «Diário da República». Segundo elas, a opção pela retenção pode ser efectuada pelo sujeito passivo a qualquer momento, mediante apresentação à entidade pagadora dos rendimentos de uma declaração. A taxa de retenção mensal da opção não pode ser superior a 40 por cento do rendimento pago. A contribuição do sujeito passivo será de 14 por cento ao ano sobre a diferença entre o imposto efectivamente retido e o montante de IRS apurado.

Défice Estados Unidos agravou-se em Maio

O défice comercial dos Estados Unidos cifrou-se em 7,7 biliões de dólares em Maio contra 7,3 biliões em Abril. Enquanto as exportações aumentaram 2,2 por cento, as importações subiram 2,9 por cento. Contudo, nos primeiros cinco meses deste ano os americanos já conseguiram diminuir o seu défice em 12,3 por cento relativamente a igual período de 1989, situando-se em 40,7 biliões de dólares.

Lisboa e a Exposição do Mundo Português

ANOS 40



ORGANIZAÇÃO DO Diário de Lisboa
E DA CINEMATECA

PROGRAMA

SÁB., 21, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS/1941
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO NACIONAL/1944
de António Lopes Ribeiro

A MORTE DO ENG.º DUARTE PACHECO/1944
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PAI TIRANO/1941
de António Lopes Ribeiro
c/Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor
Maia, Graça Maria, Teresa Gomes

SEG., 23, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FEITIÇO DO IMPÉRIO/1940
de António Lopes Ribeiro
c/Alves da Cunha, Madalena Sotto,
Luís de Campos, António Silva,
Ribeirinho
- só banda imagem -

SEG., 23, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PÁTIO DAS CANTIGAS/1941
de Francisco Ribeiro (Ribeirinho)
c/António Vilar, Ribeirinho, Vasco
Santana, António Silva, Graça Maria

TER., 24, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O CORTEJO HISTÓRICO DE LISBOA/1947
de António Lopes Ribeiro

LISBOA DE HOJE E DE AMANHÃ/1948
de António Lopes Ribeiro

TER., 24, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O COSTA DO CASTELO/1943
de Arthur Duarte
c/António Silva, Maria Matos,
Milú, Fernando Curado Ribeiro

QUA., 25, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
UM HOMEM ÀS DIREITAS/1944
de Jorge Brum do Canto
c/Barreto Pereira, Julieta Castelo,
Carmen Dolores, Maria Matos,
Virgílio Teixeira

QUA., 25, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O LEÃO DA ESTRELA/1947
de Arthur Duarte
c/António Silva, Erico Braga,
Milú, Maria Eugénia, Fernando
Curado Ribeiro

QUI., 26, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DE ACTUALIDADES
DOS ANOS 40
Seguido de debate com:
César de Oliveira
Fernando P. Santos
Fernando Rosas
Manuel Braga da Cruz

QUI., 26, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A MENINA DA RÁDIO/1944
de Arthur Duarte
c/Maria Eugénia, Fernando Curado
Ribeiro, António Silva, Maria Matos,
Ribeirinho

SEX., 27, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
OS VIZINHOS DO RÉIS-DO-CHÃO/1947
de Alejandro Perla
c/António Silva, Fernando Curado
Ribeiro, Eunice Muñoz, Milita Meireles

SEX., 27, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FADO/1947
Perdigão Queiroga
c/Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira,
Vasco Santana, António Silva

SÁB., 28, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
SOL E TOIROS/1949
de José Buchs
c/Manuel dos Santos, Leonor Maia,
Ana Paula, Erico Braga

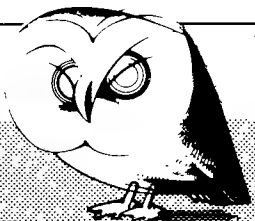
SÁB., 28, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DOS ANOS 40

SÁB., 28, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
CANTIGA DA RUA/1949
de Henrique Campos
c/Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues,
Maria Olguim

C
I
N
E
M
A
T
E
C
A

P
O
R
T
U
G
U
Ê
S

CULTURA



olhar de mocho

Cultura de quiosque

Quis o destino que a vinda ao contacto com o público, através do «Primeira Página», do secretário de Estado da Cultura fosse seguida 24 horas depois, com a exibição da série holandesa sobre Van Gogh. A série holandesa é um produto cultural, custou milhões mas não faz concorrência ao «Dallas» nem às novelas, insere-se numa tradição cultural dos Países Baixos, recorde-se o «Guilherme de Orange», e também num contexto cultural europeu - lembremos a série Goya dos vizinhos do Leste. O lógico, se a cultura dos nossos programadores culturais não fosse de quiosque, seria que se confrontasse o secretário da Cultura com perguntas deste jaez:

- Porque é que a Holanda gasta milhões numa série televisiva sobre o Van Gogh e nós, lusitanos, nada temos de comparável para oferecer?

- Porque é que António Vieira, o «imperador da língua portuguesa», como disse o poeta, ainda não tem uma edição crítica das suas obras?

- Porque é que o Mendes Pinto, padroeiro por pleno direito dos portugueses - foi aventureiro, comerciante, escritor, culto e crítico -, ainda não apareceu em série televisiva no pequeno ecrã?

- Para quando uma vida e obra do Herкулano?

Se perguntas deste género tivessem sido feitas, se o secretário de Estado entendesse estas perguntas e tivesse capacidade de resposta, a gente ainda acreditava que quando a RTP fala de cultura, não está, no âmbito dos jogos de Verão, a mandar-nos caçar gambozinhos. Assim, como o «Primeira Página» foi feita e emitido, não.

Acresce ainda o problema do profissionalismo jornalístico. Um entrevistador que pretenda dialogar criticamente sobre questões culturais deverá, em primeiro lugar, ser uma pessoa culta, em seguida, exige-se que conheça minimamente os problemas dos pintores, dos actores, dos escritores e editores (falar de livros não é a mesma coisa que reportar sobre o apartheid da África do Sul), para que os interessados na cultura possam identificar-se com as perguntas feitas ao membro do Governo. É óbvio que tal não aconteceu no «Primeira Página» que com a sua pecha de entrevistador primariamente membros do Governo está cada vez mais perto da série «Tudo em Família».

Só assim se explica que num pretensso programa de discussão, análise e debate se despeje sobre o público durante cerca de uma hora uma profusão de temas que fazem do cidadão normal um vesgo incurável: obras do Palácio de Queluz, teatro de D. Maria, S. Carlos, cinema, livros, e para remate, o grande congresso da imaginação. Foi, de facto, um festival de estrabismo mental, ou seja a cultura de quiosque - expõe-se tudo mas se olharmos, ficamos vesgos.

Será mesmo desumano obrigar o secretário de Estado da Cultura mais os responsáveis pelos departamentos culturais da RTP, a sentarem-se diante do televisor a observar a série Van Gogh que ontem passou, obrigá-los a ver em vídeo o programa tantas vezes até que eles digam: isto, sim, é cultura?



José Sousa Montelero

Torre do Tombo: a mudança começou

A Secretaria de Estado da Cultura garante que «existe actualmente colaboração efectiva e institucional» entre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e o Instituto Português de Arquivos. A garantia da SEC surgiu a poucas horas do início da transferência da Torre do Tombo da antiga casa no Palácio de S. Bento para o novo edifício na Cidade Universitária e nega o que alguma Imprensa tem ultimamente noticiado: a existência de conflitos entre aquelas duas entidades.

Tais conflitos podem centrar-se no seguinte: que material se deve arquivar? O problema, curiosamente, parece ter resultado não de carências, mas de abundância. Abundância de espaço (o novo edifício da Torre do Tombo é muito maior do que o anterior), mas abundância também de documentos...

Esta questão esteve, aliás, na origem da demissão do prof. José Mattoso do cargo de presidente do IPA, logo que o prof. Martim Albuquerque surgiu à frente da Torre do Tombo substituindo Baquero Moreno. José Mattoso entendia que na direcção

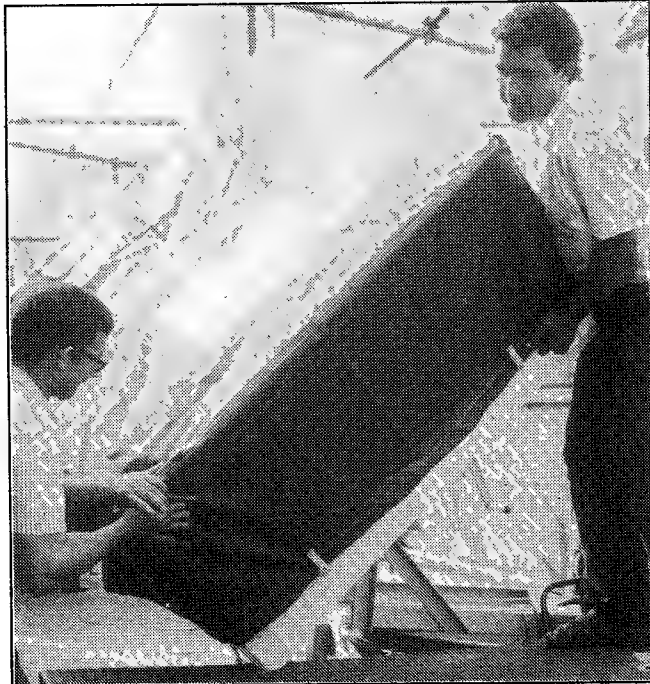
da Torre do Tombo só poderia estar alguém que sustentasse que à instituição caberia definir os critérios sobre o material a arquivar.

Ora, neste momento, pese embora a garantia da SEC, ninguém parece saber que material irá ser recolhido no novo edifício da Torre do Tombo.

Até agora era simples: não havia espaço, agora espaço há, até sobram 100 quilómetros de estantes. Como enchê-los? Com os arquivos dos Ministérios, secretarias de Estado e de diversos tribunais extintos? Martim Albuquerque, ao «Público», afirmou que se for assim dentro de dois anos não há lugar para arquivar mais nada.

Mas um dos responsáveis do IPA disse ao mesmo jornal que se a Torre do Tombo não aceitar diversa documentação não se sabe onde metê-la porque o IPA não tem depósito.

De qualquer modo, a mudança da Torre do Tombo começou hoje e vai demorar pelo menos cinco meses, com a transferência da documentação rodeada das maiores medidas de segurança.



Esta manhã, o início da mudança da Torre do Tombo.

O novo edifício terá custado ao Estado seis milhões de contos e levou cinco anos a ser construído. Cinco anos que não permitiram calcular o seguinte: quando abre ao público, em boa e devida forma, a nova Torre do Tombo?

É suposto que, enquanto durar a mudança (até ao fim do ano), serão mantidas duas salas de leitura, uma em cada edifício, mas alguns utilizadores da Torre do Tombo mostram-se cépticos quanto a tal disponibilidade, pelo menos de imediato.

CRÓNICA DE TOUROS

Alguém faltou em Mérida

Praça de Touros de Mérida. Sábado, 9 de Junho de 1990. Novilhos de Bernaldino Piriz para António Posada, Finito de Cordoba e Jesulin de Ubrique.

Mérida lá estava, na tarde soalheira de quase Verão, com o seu ar de cidadezinha de província, na Plaza de España a mesma velha cortina de pano tapando a porta acanhada da Confiteria Gutierrez, protegendo das moscas os bolos com cara de véspera. No caminho da praça, e à entrada dela, entre o apregoar do granizado de limão, muitos portugueses, os de sempre, só que faltava desta vez o sorriso do José Vasconcelos Ribeiro, partira há três dias, assim de repente, sem tempo para despedida, sem esperar por esta novilhada de Mérida sem escrever para o «Novo Burladero» essa crítica em que, num estilo singular, vestia com a gramática das palavras a sua aficção, desmedida e lúcida, à corrida de touros integral, essa aficção que resistiu a dores e sofrimentos, que levou consigo para a sombra dos ciprestes, dela nos deixou a lembrança.

Lembrança das que perduram, ainda que entretido, não deixou o festejo de Mérida, celebrado com a praça cheia na sombra. É certo que se contavam pelos dedos os que estávamos no Sol, mas feitas as contas o atractivo cartaz logrou uma entrada que superou o ciclo negro dos empresários taurinos, inúmeros cidadãos tentados a ficarem no sofá, vendo pela televisão os jogos do mundial de futebol, gozando logo a peripécia da abertura, a Argentina do rei Maradona vencida pelos africanos dos Camarões, facto que explica a providência catelar da equipa da Checoslováquia, quem tal diria, antes do jogo com os incipientes norte-americanos foi ouvir missa, caramba, onde chegou em tão pouco tempo a perestroika, assim permissiva à ajuda de Nosso Senhor.

Onde chegará por este caminho a ganaderia de Piriz é uma coisa previsível, seguida a trajetória das divisas que alcançam o benefício comercial de produzir touros adequados à defesa da integridade física dos toureiros, cómodas cabeças, poder justo e investida suave: acabam por resvalar para uma descastada mansidão. Para isso apontaram os novilhos desta tarde, sem poder nem picante, deixando-se tourear com uma nobreza sonsa, acabaram em regra por apagar-se, deixando o visto aquém do previsto.

Primeiro: Verónicas adornadas de Posada, um quite por chicuelinas, e pelo meio dois picotazos. Na faena, brindada ao clavel, e começada com a quietude de uns ajudados por alto, houve uns derechazos e naturais templados, antes do novilho se ficar, no abrigio das tábuas resistir à porfia do

matador. Estocada e quatro descabellos, com um aviso (ovação).

Segundo: Finito lanceia repousado. Uma vara traseira. Bem os peões em bandarilhas. A faena começa sossegada, até que o luzimento se desfaz quando o sonso novilho se lembra de fazer um estranho, que o de Córdoba aproveita como pretexto para abreviar. Finito em plano de administrar sua promessa? Estocada e descabello (ovação).

Terceiro: verónicas elegantes de Jesulin. Uma vara. O de Ubrique brinda à praça, onde toureia pela primeira vez, e levanta o coro dos olés com quatro passes lentíssimos. Trasteia pela direita, sem perder terreno nos remates. O novilho põe-se tardo, faz espaço do torneio estático de Jesulin, que sereno desafia e obriga as hastes. Estocada e descabello (orelha).

Quarto: Protestado por coxo, toma uma vara e os pares da ordem entre as iras do público, que o queria recolhido, «mierda para el Presidente». Na faena, Posada vai calando os protestos à base de arrimar-se, aquece o público com manoleitinas e um desplante de joelhos. Pena que de seu pai Juan não tenha herdado o sabor, lhe falte esse qualquer coisa que nos leve a acreditar em seu futuro. Estocada curta e dois descabellos (ovação).

Quinto: Finito desluzido com a capa. Uma vara e três pares. A faena abre com uns passes pela direita excelentíssimos, carregados de harmonia. Sol de pouca dura, que o novilho acabou, quando um não quer dois não brigam, ficou Finito aquém do imaginado. Estocada e quatro descabellos (ovação).

Sexto: Parons de Jesulin, sem mexer as sapatilhas. Bonito recorte, a colocar o novilho para uma vara tomada com codícia. Jesulin explica a razão por que tem uma centena de novilhadas contratadas até à alternativa que o espera em Nîmes: é sua a faena da tarde, sobrada de quietude, de temple, de ligação. Há uma série de naturais, citando com a muleta recolhida, os primeiros de pés juntos e depois de compasso aberto, que espalha o gozo pela praça. Passes e remates sem arredar os pés um milímetro, que fecha com três ajudados e um passe por baixo, desmaiado e solene. Entre a tristeza da gente perde os troféus com a espada, precisa de cinco pinchazos antes de meter uma estocada curta (Volta).

E pronto. Na tarde que cai, o público despede com aplausos os matadores, na praça fica o silêncio dos últimos passos, da aragem movendo ao de leve as folhas de jornais que pelas pedras dos degraus ficaram abandonadas, falando sozinhas de coisas também já passadas, a caminho de serem esquecidas.

Foge do precipício

Anúncios

DÃO-SE ALVÍSSARAS

A quem já tiver visto as rubricas «Um dia...» e «Cartas de Humor».

SEGUNDAS-FEIRAS

Sem Herman José, vendem-se. Se alguém as quiser comprar, evidentemente. O que duvido.

VERGONHA

Perdeu-se na Informação da RTP. Usa coleira cor de laranja.

JOQUE

No Totoloto. Participe do programa mais popular da RTP.

PROF. CAVACO SILVA

Não te vimos hoje no Telejornal. Família preocupada. Escreve.

CANAL

Precisa-se, para a Igreja. Qualquer, desde que não seja o do Sorraia.

COMENTADOR POLÍTICO

Urgente. De preferência que tenha estagiado nos Estados Unidos.

RTP

Papá Soares zangado. Manda câmaras.

Horóscopo

CARNEIRO

Realiza o teu sonho. Mercúrio influencia. Aproveita para pôr o teu sono em dia.

TOURO

Não vejas na cama um programa. Só se não te interessar o da cama.

GÉMEOS

Pouca saúde, maus programas, chatice muita, muita mágoa. Que tal um copo de água?

CARANGUEJO

Está próxima a Lua. Uma sugestão: porque não o luar, em vez da televisão?

LEÃO

A tua flor é a rosa. O lugar da rosa é importante e sabemos porquê: fica bem numa noite amante e sem TV.

VIRGEM

A TV não faz o teu dia propício. Foge do precipício!

BALANÇA

Prometem-te os astros boa prenda nesta altura: para os olhos uma venda bem escura.

ESCORPIÃO

Ele dirá mais uma vez que é do centro-direita. Porque será que o dirá? Porque direita e esquerda são coisas que já não há.

SAGITÁRIO

Desilude a tua alma com a notícia que o Telejornal tem para te oferecer: o preço da alfaca não vai descer.

CAPRICÓRNIO

Esquece. Esquece o amor perdido. Esquece o bem

estradivário. Talvez, para seres muito visto, venhas a ser subsecretário.

AQUÁRIO

Fala, não tenhas medo. É a TV que o diz assim. O amor avança. Viva a esperança! Já não há muros em Berlim.

PEIXES

O nome? A glória? O ecu? São vãs todas as promessas. Deixa lá Estrasburgo. É melhor Caneças.

1

A vida é tão natural que parece desenhos animados.

2

Ao princípio era a câmara. Assim começa o telegéneseis.

3

A nossa solidão é uma solidão televisual.

4

Ver, responsabiliza.

5

Era um programa tão político, tão político, que nem precisava de falar de política.

6

Ver o mundo a preto e branco pode produzir uma televisão a cores.

7

Foi só do lado de lá que vimos o Muro cair.

8

Telejornal, a crónica de um país de cócoras.

9

Portugal não é parte da CEE: faz parte da CEE.

10

O ar bovino que tem às vezes esta televisão carnívora!

11

A grande publicidade destina-se à pequena burguesia.

12

A RTP especializou-se na produção de telespectadores de baixa qualidade.

13

Quanto menos dinheiro se tem, mais televisão se vê.

14

A Crítica descobriu que a informação, na RTP, sofre de um pequeno equívoco chamado cedilha.

15

Amo, critico. Critico, logo existo. Existo, logo amo.

16

O sinal mais inquietante dos tempos é quando o telespectador descobre que lhe parece estar a ver a televisão de 1973.

17

O crítico não pode ser chato. Quer dizer, não pode competir com a televisão.

18

A Televisão, a semelhança do que se faz nos maços de

cigarros, devia ser obrigada a trazer uma cinta que dissesse: ESTE PRODUTO É SUSCEPTÍVEL DE PROVOCAR A ESTUPIDEZ.

19

Quando é que se montam clínicas para a teledependência?

20

Em televisão, tudo vale a pena, porque a arma não é pequena.

21

Estranho! Submetido à videoterapia, o doente piorou.

22

Conselho de amigo: evita sempre confundir convivência com convívencia.

23

E aquele programa lá vai, de tromba e circunstância...

24

A ilusão é o caminho para a erosão.

25

De cadeira em cadeira até à paralisia final.

26

Na televisão, o mal dos adjectivos é quando se transformam em adjectivos, para servir certos objectivos.

27

Através dos debates é fácil ver: aos grandes ambiciosos, não interessam os meios para atingir os fins, enquanto aos pequenos não interessam os fins para atingir os meios.

28

A qualidade da classe intelectual varia na razão directa da sua ligação às massas e na inversa da sua ligação à «massa».

29

O drama da televisão portuguesa é que, nela, os homens se medem aos parvos.

30

Vício do vídeo, mede-o. Ser pequeno é o remédio.

31

Uma coisa são sempre várias coisas. De cada vez que a olhamos, é sempre possível encontrar-lhe outra face.

32

Nada ter que ver, e ver, é ver que nada tem para ter.

33

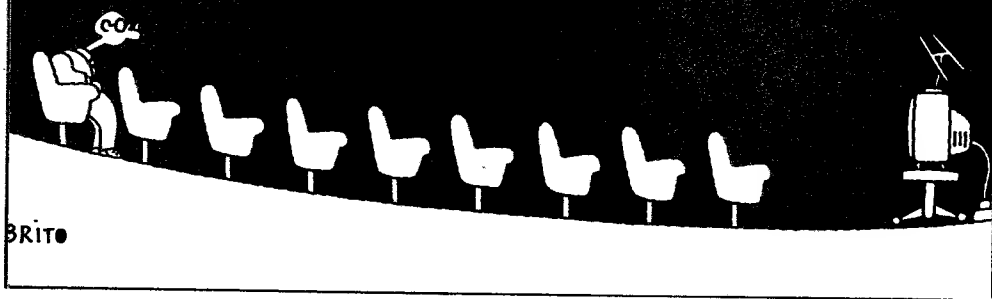
Naquele documentário vimos como os americanos exterminaram os índios. Deus!, como foi que nós pudemos ter querido ser cobóis nas nossas brincadeiras infantis? E nas nossas «brincadeiras» adultas?

34

A grandeza da Alice foi prova que todos os espelhos têm o seu código.

35

Um televisor apagado, na ameaça do que promete, ainda se torna mais demoníaco.



36

Para ser franco, comecei a ver tudo ainda mais nítido quando soube, através daquele documentário, que Che Guevara era asmático.

37

O crítico de televisão que sorri no final das emissões, é apenas para provar a si próprio que ainda está vivo.

38

A palavra que abre um sorriso inventa o sol.

39

O sorriso é para o crítico a sua licença de porte de arma.

40

Para vencer o terrorismo, às vezes nada melhor que o humorismo.

41

Exagerada a televisão infantiliza, quer dizer, elephantiza.

42

A diferença entre a televisão e o cinema é que a televisão se aproxima de nós sem darmos por isso.

43

Televisor: como é verdadeira a lenda do cavalo de Tróia!

44

Rabo escondido com a publicidade de fora.

45

As notícias de Portugal passam na televisão escondidinhas, como se fossem contrabando.

46

Televisão independente. Qual dente?

47

Uma televisão cheia de legendas num País cheio de analfabetos...

48

Eu seja cão, se isto é informação!

49

Deus pode tudo. A televisão, quase.

50

O perigo de uma televisão tão grande é ser servida por homens tão pequenos.

51

A língua portuguesa entra na televisão pela porta de serviço.

52

Portugal diante da televisão é isto: uma escola muito

pequena com um pátio de recreio muito grande.

53

A degradação desta TV consiste em que não se faz reflectir, mas inflectir.

54

Com o 25 de Abril deixámos de ser um País colonizador. Com a televisão, continuámos a ser um País colonizado.

55

Com tanto tempo para encher, é mais fácil que uma televisão pobre se transforme num verbo de encher.

56

Vê-se na televisão portuguesa muito mais vezes a bandeira americana do que a bandeira portuguesa.

57

É, naturalmente, caso para se

dizer que a televisão nos custa os olhos da cara. Como é que, de tanto ver, se pode ficar ceguinho?

58

Ah, esta importância do que não tem importância!

59

A ocasião faz a televisão.

60

Nunca a TV privada fez melhor uma TV pública. Pelo contrário.

61

Nem todos podem ter milhões de contos para concorrer a uma estação privada de TV. O problema é deles...

62

Nova Iorque tem 13 canais de televisão. Será por isso que lhe chamam a capital do crime?

Informação COMERCIAL

AVISO

INFORMAÇÃO COMERCIAL LINHA DO NORTE SUBSTITUIÇÃO DA PONTE DE ESGUEIRA (entre Aveiro-Cacia)

Procurando oferecer um melhor serviço aos seus clientes, a CP está a proceder à substituição da ponte da Esgueira.

Naturalmente tentaremos reduzir ao mínimo os inconvenientes resultantes dos trabalhos de substituição.

Entretanto irão verificar-se algumas perturbações no serviço entre as 21.05 h de 21/07/90 (sábado) e as 15.20 h de 22/07/90 (domingo), para as quais chamamos a atenção dos nossos clientes, designadamente:

- C.º 4651/50 — Suspensa a sua circulação entre Cacia-Aveiro sendo o serviço de passageiros assegurado por autocarro.
- C.º 4652/53 — Suspensa a sua circulação entre Aveiro-Ovar, sendo o serviço de passageiros assegurado por autocarro.
- C.º 3400 — Suspensa a sua circulação entre Porto (Campanhã) e Aveiro. Neste percurso, o serviço de passageiros é assegurado da seguinte forma: Porto/Cacia — C.º 15701/700 Cacia/Aveiro — Autocarro Continuação do percurso até Lisboa-P assegurado pelo C.º 3400.
- C.º 3401 — Suspensa a sua circulação entre Aveiro e Cacia, sendo o serviço de passageiros assegurado da seguinte forma: Aveiro/Cacia — Autocarro Cacia/Porto — C.º 15703/02

A CP solicita a melhor compreensão para os inconvenientes resultantes destes trabalhos.

Para mais informações deverão os Srs. Passageiros contactar as respectivas estações.

Lisboa, 16 de Julho de 1990.

Caminhos de Ferro Portugueses

Crónica em que se dá conta de uma boa surpresa, de uma ou duas decepções para não dizer do resto, que é o costume, um fastio. A boa surpresa é um filme americano algo marginal («Roger e Eu»), a principal decepção é o último de Almodóvar («Ata-me»), do resto nem é bom falar. A menos que, para utilizar um discurso feito de títulos tão imaginativos como os que povoam as nossas salas, se diga que continuamos na corda bamba, mas ninguém é santo e o cinema que nos incitam a ver é cada vez mais duro de roer

Real e irrereal

Aceitem o desafio: um dia destes, fechem os olhos e não vejam, ouçam apenas, como se não estivessem no cinema. No outro dia, este vosso cronista, sem querer, passou por uma experiência semelhante. Estava num daqueles supermercados de filmes (vulgo cinemas multi-salas), no "hall" dos quais se ouvem as bandas sonoras de todos ao mesmo tempo, e ficou na dúvida: que filme seria aquele, cujo som se sobrepunha aos restantes?

É que, tendo-os já visto, não identificava nenhum. Teria já terminado o intervalo do "seu" filme? Não, não tinha e era essa a razão por que se encontrava no "hall".

A razão porque não identificava a banda sonora mais gritante, era outra: pertencia a um certo filme, mas poderia pertencer a um qualquer dos muitos que vamos vendo.

Os tiros, as perseguições, o pinoni dos carros da Polícia, os esgares e as interjeições que acompanham geralmente todo o estendal de lutas e demais efeitos não especiais repetem-se nestes filmes até à exaustão, e o que espanta é como é que a receita se não esgota, como é possível, entre os deuses do Olimpo que tudo isto determina, não haver um Zeus que diga: parem com isso.

Porque o cinema, que diabo, parece obrigatório lembrá-lo, também é uma arte, e esta espécie de fuga para a frente de uma certa indústria mais não levará do que à morte da galinha dos

ovos de ouro que já nem de ouro são.

Mas, mesmo assim, há todo um cinema que insiste, se obstina na receita e a gente acaba por ficar admirado com o esforço de uma indústria que, possuindo tecnologia e actores do melhor, conseguem o mais difícil: produzir tantos filmes iguais, incapazes quase todos de dizer o quer que seja, incapazes quase todos de proporcionarem uma emoção gratificante, de

veicularem uma única, trémula ideia.

Este cinema de que se está a falar é o norte-americano, mas não se pense que vai seguir-se contra ele algum panfleto. Nada disso. Acontece apenas que uma cinematografia em que é possível encontrar do melhor, a quantidade do pior é avassaladora, pelo menos nas nossas salas.

Que para manter a

máquina industrial em funcionamento se façam filmes inclassificáveis, enfim, se calhar são malhas que tal indústria tece; agora, senhores, que nós tenhamos que gramar tais artefactos é que não lembraria a ninguém... mas lembra aos nossos distribuidores. Estes - sabe-se, mas de que nos serve saber... - continuam avessos a mostrarem-nos outro cinema para o qual juram que não há público, mas é óbvio que há, basta reparar em quais os

resto... e o resto é o principal. Almodóvar, a quem não carecem ideias, teve uma que não é original: mostrar como o refém é capaz de se deixar seduzir pelo raptor.

O refém em "Ata-me" é uma actriz do cine-porno, versão "hard" da Imprensa del corazón, o raptor um Zé Ninguém saído do manicomio com 23 anos, 50 mil pesetas e uma telha na cabeça: casar com a infeliz e ser o pai dos seus futuros filhos.

prever é que Almodóvar, que habitualmente nos dá um falso mais real que o verdadeiro, desta vez nos desse quase o contrário. "Ata-me", pelos ínvios caminhos da metáfora, é o real que soa a falso.

Do real que soa a falso para o discurso da irrealdade quotidiana, para nos servirmos de uma expressão de Umberto Eco a propósito da América. O filme é "Roger e Eu" e eis a boa surpresa da semana. A história é simples: uma cidade habitada por dezenas de milhares de operários da General Motors um dia quase desaparece porque a empresa resolve transferir onze fábricas para o México, onde a mão-de-obra é mais em conta. Resultado: 30 mil trabalhadores mais as respectivas famílias ficam, de súbito, sem modo de vida e a cidade praticamente desaparece do mapa.

O filme não inventa nada, tudo isto se passou nos anos 80, o realizador leva uma hora e vinte minutos atrás do patrão da GM para não o conseguir entrevistar, pelo meio vamos nos encontrar-nos com a América.

E é este encontro (ou esta América) que é um espanto, o qual resulta do próprio filme ou do ângulo de vistas do realizador. Porque a verdade é esta: se este filme fosse europeu, teríamos uma saga neo-realista, ou, na melhor das hipóteses, um documentário que qualquer confederação sindical não desdenharia possuir nos seus arquivos.

Mas acontece que este filme é americano e o realizador olha a realidade com uma inocência só semelhante àquela que o levou a andar atrás do patrão da GM na esperança de o entrevistar.

É esta inocência esta "irrealidade" que são fascinantes. Porque - é preciso insistir - estamos na América. Claro que um despedimento, lá como cá, é um despedimento, mas o que perturba e seduz, como sedutor é todo o objecto de estudo, é a tal irrealdade... real daquele país e das suas gentes, o modo como tudo se passa num e noutro lado da barreira.

Na Europa, um despedimento assim levaria o patronato a mascarar com hipocrisias várias a sua acção. Na América, não: as fábricas fecham e pronto, no



«Ata-me» de Pedro Almodóvar: a decepção

A Ver

Dos filmes em exibição comercial, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estrela

- «Sonhos», Akira Kurosawa (1990)
- «Tempo dos Ciganos», Emir Kusturica (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «Roger e Eu», Michael Moore (1989)
- «Os Fantasmas de Uma Estrela», Peter del Monte (1989)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bertel (1989)
- «Caçador Branco, Coração Negro», Clint Eastwood (1990)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Cookie», Susan Seidelman (1989)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Ligações Sujas», Mike Figgis (1990)
- «Os Delinquentes», Chris Thomson (1989)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «Ninguém é Santo», Neil Jordan (1990)
- «Duro de Roer», Bruce Malmuth (1990)

Em reposição

- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)
- «Guerra das Rosas», Danny De Vito (1989)

R. da S.

filmes que se eternizam em cartaz.

Adiante, que o preâmbulo já vai longo e é altura de dizer que esta semana foi mais ou menos como as demais: do molho de estreias aproveitou-se uma (um filme americano, por sinal), quanto ao resto que desastre, Almodóvar incluído e comece-se por aqui.

Comece-se por aqui para dizer que "Ata-me" é uma decepção, espera-se só que o conformismo do filme não seja o sinal de que Almodóvar se tornou ele próprio conformista, admita-se que desta vez se tratou de um falhanço e nada mais.

Chegados aqui é altura de esclarecer que o conformismo de "Ata-me" não é tanto o do tema, aparentemente muito ousado, é o do

A partir daqui há coisas que, ao que consta, chocaram muito uma certa América puritana, a qual não se chocou, porém, com aquilo que se deveria ter chocado, a saber, a total ausência de transgressão estética, a total ausência de chama deste filme que quem dera fosse ao menos perverso, não é, antes pelo contrário.

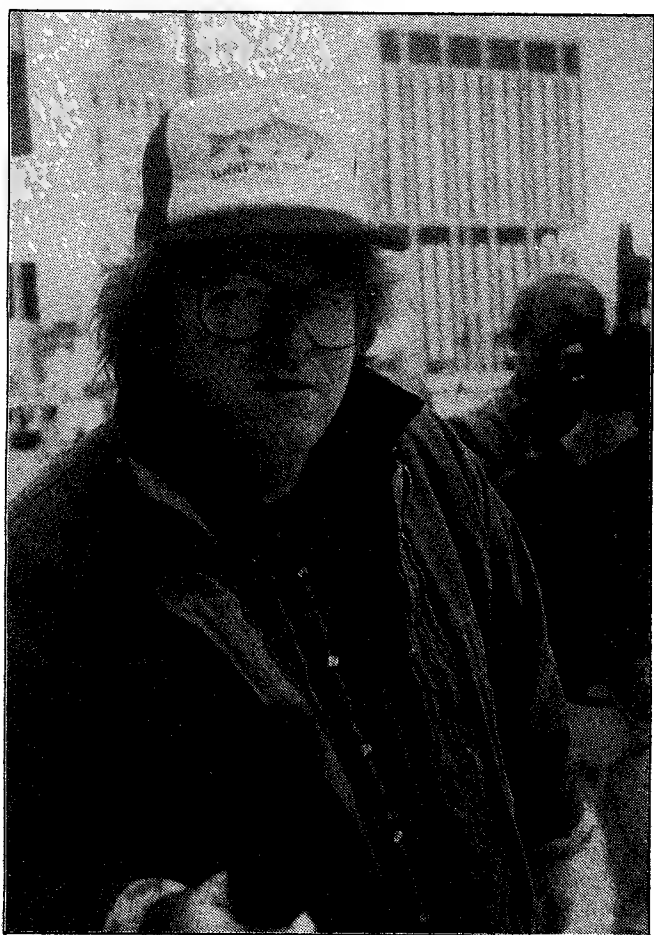
Porque este é um produto acima de tudo bocejante, já que desprovido daquela graça criadora, daquele instinto filmico, daquela inspiração a que Almodóvar nos habituou. "Ata-me" do que temos visto é o filme mais académico de Almodóvar.

Quanto ao resto, é de somenos. Que a rapariga acabe por se apaixonar pelo malquinho e que tudo acabe em bem, num "happy-end" no pior estilo telenovela, era de prever. O que não era de

CULTURA

Ciclo organizado pelo «DL» com a colaboração da Cinemateca, a partir de sábado

Ver a Lisboa de 40



«Roger e Eu», de Michael Moore: a boa surpresa

México dão mais lucro, os operários daqui não têm mais nada a esperar. O polícia que vai proceder aos despejos faz o seu serviço como poderia fazer qualquer outro, os despejados ficam na pior mas rapidamente metem os tarcos no automóvel e seguem estrada fora. O município, dando-se conta que a cidade se despovoava, tenta o turismo, vai daí arrasa não sei quantos quarteirões, constrói um luna park e um hotel de dez estrelas, as iniciativas vão por água abaixo, não importa inventam-se outras, a vida continua. Estamos num país ou num satélite da Terra?

Estamos na América, o único sítio do Mundo onde acontece uma coisa como esta e ninguém se ri: na véspera da inauguração de uma nova penitenciária é chique pagarem-se cem dólares para se ir dormir...na cela dos futuros condenados. Um delírio e tão maior quanto é certo que tudo é feito e acontece com uma ingenuidade que só ela explica a mensagem de Natal do patrão da GM no preciso momento em que as fábricas encerram.

A câmara de «Roger e Eu» tem este mérito: comporta-se como a América. Não julga, não comenta, não discursa...está lá e regista. Claro que toma partido mas fá-lo com um espírito, uma alma toda ela americana.

«Roger e Eu» quis dizer de um despedimento e da morte de uma cidade; disse-o, mas, talvez sem se dar conta, disse sobretudo da essência de uma civilização que aos nossos olhos, ao nível do quotidiano, é quase irreal.

Desta irre realidade amari- cana (tão autêntica) para os códigos de representação (tão falsos) de uma série de

filmes sem ponta por onde se lhes pegue, salvo para saber qual é o menos mau da lista dos A Ver (ou a não ver...).

«Duro de Roer» traz-nos um rival de Stallone. É menos estúpido, menos feio e perito em artes marciais. Dá pelo nome de Stevan Seagal, vem da série B, ascende ao estrelato neste filme que é um verdadeiro insulto à inteligência do espectador. E nem mais uma palavra.

«Ninguém É Santo» (que já se estreou há umas semanas e se aguenta decerto graças a De Niro) é uma desilusão absoluta, já que Neil Jordan assinara em 1985 uma «Mona Lisa» que prometia. Dessa longínqua promessa a esta palhaçada americana, vai um percurso de mau presságio. Como é que De Niro e David Mammet se meteram nesta alhada (sobretudo Mammet que assina o argumento) eis o mistério.

«Olha Quem Fala» tem um género imaginativo, no mais parte de um erro, para não dizer de uma batota conscientemente assumida: considerar que uma criança é um adulto em miniatura. Boa vontade a do cronista: o filme foi feito para relançar Travolta, aqui no papel de «baby sitter», que se apaixona pela mãe da criança, a qual procura um pai para a dita, já que o verdadeiro é mauzão e leviano.

«Na Corda Bamba» tem Mel Gibson, tem Goldie Hawn que não sabem ir mal. No mais tem perseguições de automóvel, de comboio, de moto e até de um helicóptero atrás de uma avioneta. Tudo isto para no fim acontecer o que já se sabia desde o princípio: safam-se os bons, morrem os maus, juntam-se o rapaz e a rapariga num beijo à «happy-end» e a gente sai do cinema a dizer: onde é que eu já vi isto?

Rodrigues da Silva

Desta vez falamos de nós, para o caso, do ciclo de cinema que o «DL», em colaboração com a Cinemateca Portuguesa, organiza, já a partir de sábado, subordinado ao título genérico «Tempo do Mundo Português».

Este «tempo» não é um qualquer. É, no fundo, o tempo da Exposição do Mundo Português, cujo cinquentenário passa este ano como o «DL» já evocou (ver suplemento do dia 20 de Junho último).

Evocação... isso mesmo, porque não se trata com este ciclo (como não se tratou, há um mês, com o suplemento) de saudar a Exposição do Mundo Português. Trata-se de evocá-la e ao fazê-lo tentar compreender melhor um certo passado para benefício do presente e do futuro. Se a História, toda a História, tem uma moral, é esta e mais nenhuma outra.

Foi, sobre este mesmo tempo agora evocado, o que (com outras ambições e outros meios) fez a Fundação Gulbenkian em 1982 com a Exposição dos Anos 40.

O nosso propósito, com este ciclo, é, claro está, muito mais modesto, para além do resto porque — fazendo jus ao nome que todos os dias ostentamos no cabeçalho — trata-se de evocar nem tanto o tempo (todo) da Exposição do Mundo Português, mas o tempo (e o espaço) de Lisboa, onde ela se realizou.

Dá que os filmes que durante uma semana passarão na Cinemateca tenham quase todos Lisboa como pano de fundo e o ciclo, se permite visitar a História, permitirá também visitar esta cidade.

E revisita-la nem tanto através das longas-metragens de ficção, muito embora um filme como «O Pai Tirano», por exemplo, permita rever praticamente todo o Chiado desaparecido. Mas não são, de facto, as longas-metragens, de um ponto de vista documental, o mais importante deste ciclo. São... os documentários.

É que os filmes — estes filmes que são

o bilhete de identidade do cinema português de há meio século — quem os não viu já uma, duas, muitas vezes? Mas os documentários? Estes raramente foram vistos. A Cinemateca já os exibiu, claro, mas haverá muita gente para quem esta é a oportunidade para, pela primeira vez, ver — ver, aí está — como era dantes Lisboa.

É evidente que nenhuma câmara é inocente, mesmo se (sobretudo?) é documental. E estas câmaras que fixaram os documentários de há meio século não eram inocentes. Em muitos casos, até com espantosa ingenuidade (pelo menos aos nossos olhos de hoje), nem procuravam esconder os seus objectivos de propaganda.

Mas essa propaganda dilui-se hoje. Porquê? Porque (facto que com essas câmaras não contavam, elas fixavam para o momento) a posteridade (esta tão breve ainda, mas já com meio século) trouxe a distância subvertora dos objectivos de outrora.

E o fascínio permanece. O fascínio de rever um tempo e um espaço desaparecidos, o fascínio também de nos confrontarmos com um media sem o qual (a TV ainda não existia) não teríamos hoje o privilégio de ver (e ver em movimento) como eram ou como foram alguns dos grandes acontecimentos de há 50 anos, aqui.

Este nosso ciclo é isto que fundamentalmente vai permitir: ver a Lisboa de 40, como seria gratificante poder ver a Lisboa do tempo da senhora D. Maria I... se o cinema tivesse sido inventado um século antes.

R. da S.

As sessões especiais da semana

Todo o programa a seguir das sessões especiais da semana com destaque,

para além do ciclo organizado pelo «DL», para a restante programação da Cinemateca, da qual avultam os dois filmes interpretados por Rex Harrison, que amanhã passam.

Hoje, dia 19

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Hay Un Camino a La Derecha», de F. Rovira Beleta; e «Eusébio, La Pantera Negra», de Juan de Orduña. Instituto Franco-Português (às 21): «La Comunión Solennelle», de René Feret.

Amanhã, dia 20

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Fantasma Apaixonado», de Joseph L. Mankiewicz; e «My Fair Lady», de George Cukor.

Depois de amanhã, dia 21

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «A Exposição do Mundo Português», «Inauguração do Estádio Nacional», seguido de «A Morte do Eng.º Duarte Pacheco» e «O Pai Tirano», todos de António Lopes Ribeiro.

Segunda, dia 23

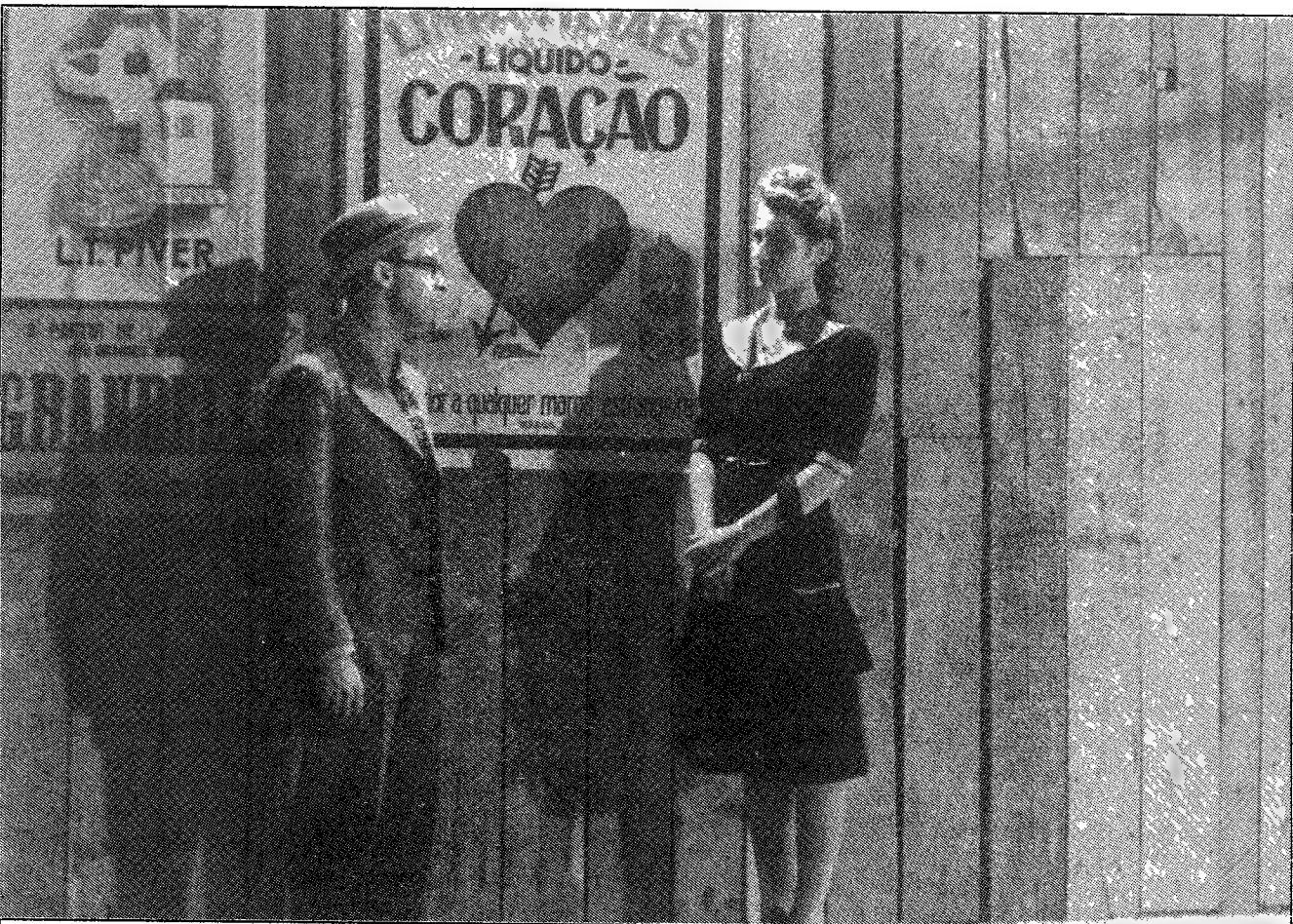
Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Feitiço do Império», de António Lopes Ribeiro; e «O Pátio das Cantigas», de Francisco Ribeiro.

Terça, dia 24

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Cortejo Histórico de Lisboa», seguido de «Lisboa de Hoje e Amanhã», ambos de António Lopes Ribeiro, e «O Costa do Castelo», de Arthur Duarte. Instituto Franco-Português (às 21): «En Toute Innocence», de Alain Jessua.

Quarta, dia 25

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Um Homem às Direitas», de Jorge Brum do Canto; e «O Leão da Estrela», de Arthur Duarte.



Ribeirinho e Leonor Mala (Tatão), em «O Pai Tirano», de António Lopes Ribeiro, (1941), sábado à noite, na Cinemateca

DESPORTO

Após marcação de grandes penalidades

Porto: finalista Philips e Baía defende «penalties»

O FC Porto venceu o Eintracht de Frankfurt por 5-4, após desempate por grandes penalidades, e garantiu o apuramento para a final do torneio quadrangular de futebol Philips, a decorrer na cidade suíça de Berna. No final do tempo regulamentar e do prolongamento as duas equipas estavam empatadas sem golos.

A equipa portuguesa apresentou inicialmente a seguinte formação: Vítor Bafa; João Pinto, Morgado, Aloísio e Paulo Pereira; André; Semedo e Bandeirinha; Jaime Magalhães, Jorge Plácido e Stefan Paille.

Durante a 2.ª parte, Stefan Paille foi substituído por Kostadinov, Jaime Magalhães por Abílio e Bandeirinha por Tavares.

Vítor Bafa defendeu a 1.ª grande penalidade da série de desempate e a 13 minutos do final do tempo regulamentar, também se opôs com êxito a outro «penalty» com que o juiz da partida puniu o FC Porto. Os azuis-e-brancos converteram todas as grandes penalidades da série de cinco do desempate, cabendo a 1.ª a Jorge Plácido, a 2.ª a Aloísio, a 3.ª a Tavares, a 4.ª a André e a última a Semedo.

A equipa suíça do Young Boys também se qualificou para a final do torneio ao vencer o Lausanne (também da Suíça) por 2-0.

Geraldão voltou

O brasileiro Geraldão, o central do futebol portista que faltou ao 4.º dia de trabalhos da sua equipa, já se encontra no Porto, recusando contudo declarações públicas «até falar com o presidente Pinto da Costa». O FC Porto instaurou um processo disciplinar ao jogador, tal como ao seu compatriota Zé Carlos, estando Geraldão suspenso de toda a ac-



Vidal Pinheiro: técnico Filipovic entre os adjuntos Monteiro e Jorginho

vidade desportiva. Esta punição poderá ser levantada conforme os argumentos que o atleta invoque para o seu atraso ao início dos trabalhos da nova temporada.

Neste momento, Geraldão aguarda uma reunião com Pinto da Costa, que, contrariamente, ao que estava programado, não chefiou a comitiva na digressão à Suíça.

Mais regressos

Outros brasileiros estão regressando às entidades patronais: casos de Isafas e Lima (já a trabalharem com Eriksson) e Zé Mário (novamente no Restelo).

Trocas por aí fora

O técnico Albertino é o novo responsável pelo «team» do Estarreja. Celso Maciel quer deixar o União de Leiria, tentado por outros voos. Ricardo Jorge (União da Madeira) muda-se para o Gil Vicente, enquanto o Penafiel recrutou

o defesa Abel (Benfica) e o zairense Moke (Felgueiras).

Louletano confiante

O Louletano com um «plantel» renovado em 12 novas aquisições em relação à época anterior, iniciou a preparação tendo em vista a disputa da divisão de honra na época que bate à porta. Entre os novos reforços destaque para o ex-guarda-redes benfiquista Brassard, Paulo Ribeiro (ex-Sporting), João Cláudio (ex-Banguarani - Brasil) e Marcelo (ex-Flamengo-Brasil).

Na equipa técnica mantém-se o brasileiro Luís Flávio (como treinador) auxiliado por Bruno Cardoso e Delfim Batista.

O conjunto do Louletano é constituído pelos seguintes futebolistas: Carlos Pereira, Brassard (ex-Benfica), Dadiño e Nuno (guarda-redes), Milton Mendes, Carlos Duarte (ex-Marítimo), Gonçalves (ex-Bragança), Paganini, Luís

Cláudio, Luís Carlos (ex-Lusitano de Évora), Dias (ex-Rio Ave) e Armando (ex-júnior), (defesas). Para o meio-campo o Louletano vai contar com Gomes (ex-Varzim), Henrique, Alberto, Palmeiro (ex-júnior), João Cláudio (ex-Bangu), e Paulo Ribeiro (ex-Sporting). Avançados: Zé Albano (ex-Fafe), Pinto, Tó Manuel, Marcelo (ex-Flamengo) e Carlos Ferreira (ex-União da Madeira).

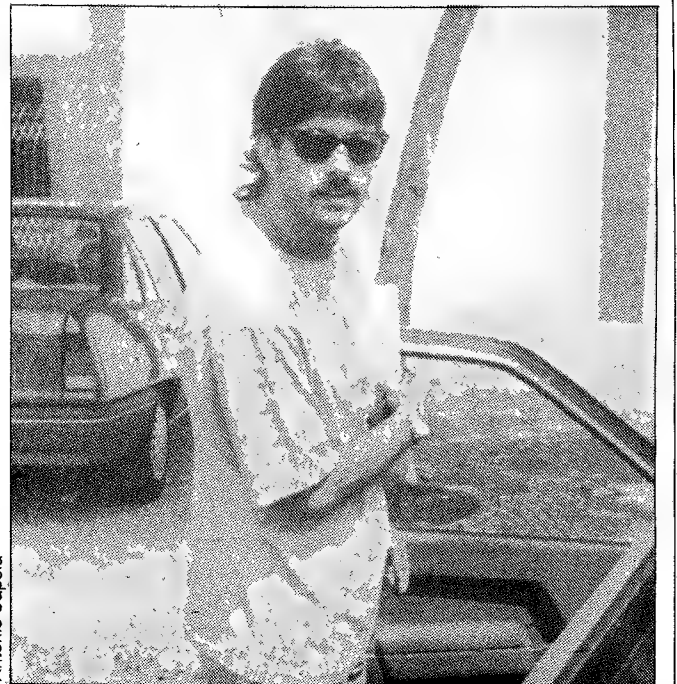
O Louletano, que saiu de uma profunda crise directiva que levou à demissão de vários dirigentes, elegeu recentemente uma nova direcção presidida por João Campina e pelo eng.º Lopes Serra (na assembleia geral) e afirma-se, pela voz dos seus dirigentes, como sério candidato à subida de divisão.

O presidente João Campina está convicto que este será o ano forte e decisivo para a subida do Louletano à 1.ª Divisão, desde que o clube consiga estabilidade. O treinador Luís Flávio tem a mesma convicção na subida e afirma que o Louletano será um candidato, *jogo a jogo, para pontuar*. Sobre o «plantel» o técnico brasileiro (que também é preparador físico) está satisfeito e diz ter jogadores de inteira confiança. *Vamos trabalhar para cumprir uma boa época.*

O esquema escolhido pelo Louletano para a sua preparação tem como base treinos diários, sessões de massagens e musculação e jogos de preparação, dois deles já agendados para este mês de Julho, com uma equipa inglesa, e outro com o Portimonense, no dia 28.

Tirsense vence Boavista

Ontem, à noite, o Tirsense venceu no seu terreno, o Boavista (1-0) em jogo de futebol com carácter particular e que serviu de apresentação a am-



Paulinho Cascavel: quase todos os dias vai ao Estádio de Alvalade, mas ninguém o manda avançar para Mafra, onde os jogadores leoninos fazem preparação física. Tem contrato por mais dois anos com o Sporting, mas Marinho Peres abdica da sua colaboração: e Paulinho, ainda sem ofertas para transferência, vive na encruzilhada, talvez entregue ao que for conseguido pelo presidente Sousa Cintra nas conversações com outras emblemas

bas as formações. O tento da equipa de Santo Tirso foi apontado ainda na 1.ª parte pelo belga Alain que, na época passada alinhava no Beira Mar. As equipas alinharam:

Tirsense: Lúcio; Paulo Pires, Lamecir, Louro e Jorge; Sérgio, Nascimento, Eusébio e Alain, Tueba e Silvino. Jogaram ainda Balseiro, Mota, Abreu, Costa, Laudan, José Maria, Lay, Kipulu, Caetano, Dreyfuss e Vieira.

Boavista: Alfredo, Parente, Frederico, Garrido e Paulo Sousa; Carlos Manuel, Casaca, Phil Walker e Jorge Andrade; Marlon Brandão e Tiano. Também jogaram Monteiro, Barny, Caetano, Jaime, Jorge Silva e Chico Carioca.

Venezuela abre os braços ao nosso futebol

A Federação Venezuelana de Futebol confirmou a presença da selecção portuguesa e do FC Porto em Caracas, para participarem em dois torneios, que se realizarão naquela cidade, com a participação de equipas europeias e

americanas. A selecção portuguesa de sub-16 disputará a Taça Presidente da República, juntamente com as selecções de Espanha, Itália, Equador, Peru, Colômbia, EUA, URSS, Brasil e Venezuela, que decorrerá entre os dias 11 e 26 de Agosto. Por seu turno, o FC Porto (em sub-19) disputará a Taça Nicolas Leo, entre 29 de Julho e 5 de Agosto, com as participações do Desportivo da Corunha (Espanha), Flamengo (Brasil) e selecções de Itália, Peru, Equador, Colômbia e Venezuela.

Carcavelos: captação

O Grupo Sportivo de Carcavelos endereça convite a novos praticantes que queiram vestir a camisola do clube da histórica Quinta Nova. Quem quiser por ir treinar no terreno onde pela 1.ª vez se jogou futebol no nosso país. Horário para infantis: 2.ªs, e 5.ªs, às 19 horas; iniciados: 3.ªs e 5.ªs, às 19 horas; juvenis: 4.ªs e 6.ªs, às 19 horas; juniores: 3.ªs e 5.ªs, às 21 horas. Os treinos iniciam-se a 3 de Agosto (infantis), 30 de Agosto (iniciados), 2 de Setembro (juvenis) e 4 de Setembro (juniores).

Belenenses: convite

No Restelo, o Belenenses abre as suas portas a todos os jovens que sintam vocação futebolística. Basta levarem sapatos de ténis, toalha e dirigirem-se (com o bilhete de identidade) ao Departamento de Futebol Juvenil dos «azuis», das 16 às 18 horas.

Futebol de salão: Taça

A final da Taça de Portugal (fase nacional) organizada pela Federação Portuguesa de Futebol de Salão terá lugar pelas 11 e 45 do próximo dia 22, no pavilhão do Casa Pia (Lisboa).



Penafiel: o conjunto que vai tentar brilhar na 1.ª Divisão futebolística

DESPORTO

Futebol: Porto apresenta um torneio internacional

Fernando Gomes, presidente do município portuense, afirmou na cerimónia da apresentação do 1.º Torneio Internacional do Porto em futebol que «uma prova desta envergadura era algo que faltava à capital».

O torneio, que decorrerá de 3 a 4 de Agosto (no Estádio das Antas), é organizado pelo FC Porto e conta com a participação das equipas do Standard de Liège (Bélgica), Atlético de Madrid (Espanha), FC Porto e Boavista. Atlético de Madrid e Boavista defrontam-se no jogo inaugural (20 horas) e o 2.º encontro realiza-se duas horas depois, entre o FC Porto e o Standard de Liège. No dia seguinte, disputam-se os encontros entre os vencedores e os vencidos para apurar o 1.º e 3.º classificados, respectivamente.

Na apresentação estiveram presentes o eng.º Armando Pimentel (vereador do pelouro do desporto), membros da comissão organizadora e o presidente do Conselho Nacional de Arbitragem, dr. Lourenço Pinto, bem como dirigentes da Associação de

Futebol do Porto.

Teles Roxo (da comissão promotora do torneio) afirmou que «a organização do evento é um sonho que já dura há muito tempo, mas só agora foi possível torná-lo uma realidade. Tivemos muito pouco tempo para organizar este torneio, mas ele constitui já uma garantia de futuro em termos de próximas realizações», acrescentou.

Segundo disse Teles Roxo, os critérios que presidiram à escolha dos espanhóis e dos belgas para participarem no Torneio Cidade do Porto, tem a ver com o estatuto de cidades irmãs que possuem Liège e o Porto e, por outro lado, com a presença de Futre e, eventualmente, João Pinto, no Atlético de Madrid.

Teles Roxo, que revelou ser o orçamento para o torneio de cerca de 60 mil contos, acrescentou que as receitas revertirão na íntegra para a autarquia local. Por seu lado, o dr. Lourenço Pinto confidenciou que os árbitros propostos para dirigir os jogos do torneio são Carlos Valente (Setúbal), Fortunato Azevedo (Braga), Miranda de Sousa e Soares Dias (Porto).



Lourenço Pinto, Teles Roxo, Fernando Gomes, Pôncio Monteiro e Valentim Loureiro na apresentação do Torneio Cidade do Porto

«Os preços dos ingressos serão relativamente acessíveis, pois sabemos que é muito difícil encher os estádios nesta altura do ano», revelou Teles Roxo.

O antigo dirigente «azul-e-branco» afirmou ser intenção da comissão organizadora «criar, para o próximo ano, um torneio que obedeça a outros

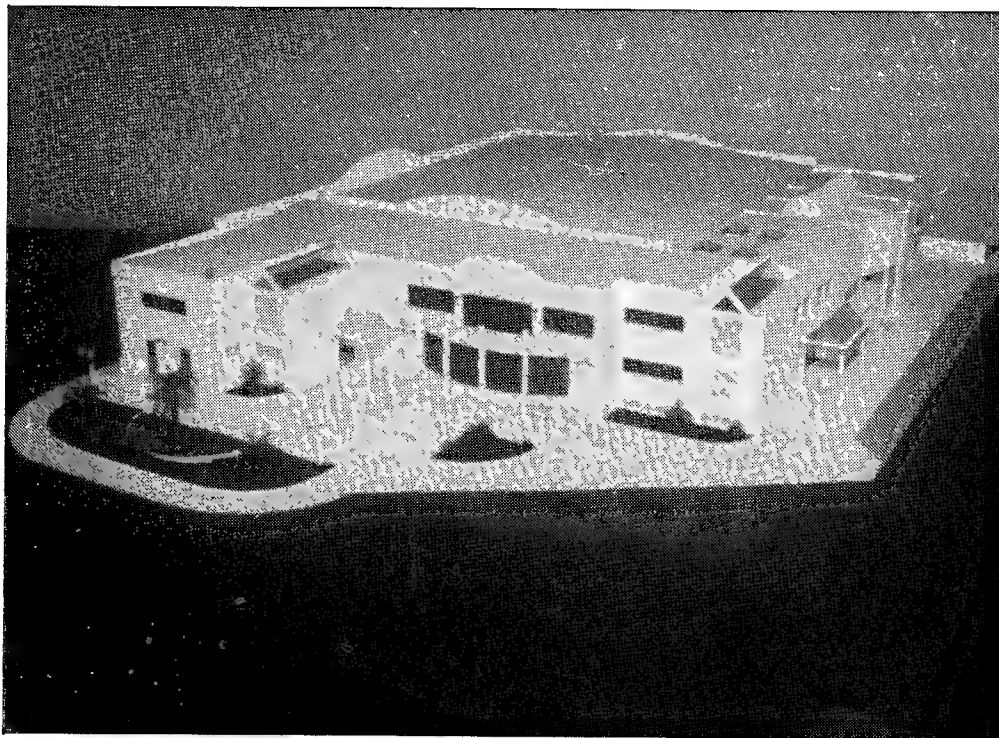
moldes, de modo a poder albergar cada vez mais equipas nacionais e internacionais. É da nossa vontade futuramente efectuar na Porto, à semelhança do

que acontece em Milão (Itália) uma espécie de 'mundialito', que albergue os melhores clubes nacionais e estrangeiros», acrescentou.

João Pinto: \$\$\$

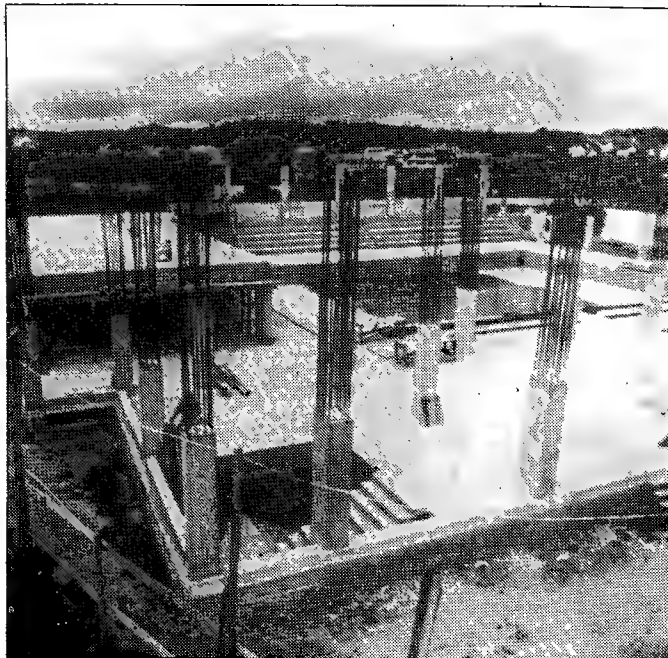
A disputa do torneio internacional de futebol Cidade do Porto será uma boa ocasião para o presidente do Atlético de Madrid (Gil y Gil) resolver com o Boavista a situação do jogador João Pinto, declara Valentim Loureiro. O presidente do Boavista afirmou que «o dirigente madrileno tem agora uma oportunidade única de mostrar os recibos do que disse já ter pago ao Boavista. Eu não vou andar à procura dele pois se há alguém que deve dinheiro é o Atlético de Madrid e não o Boavista», acrescentou.

Acerca do brasileiro Ademir, outro dos «casos» que presentemente tocam os «axadrezados», Valentim Loureiro afirmou ir ainda hoje encontrar-se com um procurador do jogador para ultimar a transferência do atleta para o Bessa. «Ademir queria ganhar no Boavista o que ganhava no Benfica, o que não é possível, pois nós não andamos a nadar em dinheiro», defendeu o presidente boavistense.



Estoril: complexo desportivo

No decorrer de um almoço que se processou hoje, na típica Adega Mesquita (aqui, no coração do «nosso» Bairro Alto) a Associação dos Bombeiros Voluntários dos Estoris informaram a Comunicação Social do reinício da construção do complexo desportivo do Estoril (piscinas cobertas de Alapraia) previsto para total inauguração em fins do próximo ano. Nas imagens: maquete do empreendimento e aspecto da fase em que se encontra a obra.



CONCERTO DE MÚSICA POR ARTISTAS JAPONESES

MÚSICOS PARTICIPANTES:

RIE AKIYAMA - Soprano; NAOYOSHI KAMATA - Barítono;
KOTARO ISHIKAWA - Violino; TATSUZO AKASAKA - Clarinete;
SHINJI URAKABE - Piano; HARUKO UEDA - Piano

QUINTA DA PIEDADE - SINTRA
da Senhora Marquesa de Cadaval
22 de Julho de 1990, às 18.00 horas

A favor dos Bombeiros Voluntários de Sintra
e Bombeiros Voluntários de Colares.

ORGANIZADOR

MOA INTERNACIONAL

APOIOS

EMBAIXADA DO JAPÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SENHORA MARQUESA DE CADAVAL
FUNDAÇÃO MOA DE PORTUGAL
BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS

INFORMAÇÕES:

FUNDAÇÃO MOA DE PORTUGAL
TELEFS. 793 21 69 - 53 53 89

VENDA DE BILHETES:

POSTO DE TURISMO DE SINTRA
VÁRIOS HOTEIS DE SINTRA, ESTORIL E CASCAIS
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE SINTRA
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE COLARES
NO PRÓPRIO DIA, NO LOCAL DO ESPECTÁCULO

DESPORTO

Director do Estoril Ladies Open Sogrape diz-nos:

«Quero tornar-me no patrão do ténis feminino português»

Passados que estão cinco dias desde o início da segunda edição do «Estoril Ladies Open Sogrape», é forçoso reconhecer o esforço dos organizadores em transformar este torneio feminino de cem mil dólares numa das etapas europeias importantes do circuito mundial de ténis. O nível organizativo ainda se encontra algo distante do que normalmente se entende por um Grande Prémio, com muitas arestas por limar, mas as melhorias relativamente ao descalabro do ano passado são evidentes. De um ano para o outro a Topexport esforçou-se por melhorar os seus serviços, e em boa hora o fez, pois a concorrência neste ramo empresarial é já muito forte em Portugal. O «Estoril Open», organizado pela Sotenis no passado mês de Maio provou que é possível realizar-se uma prova de grande calibre no nosso país, e é o caminho a seguir pela Topexport, sobretudo se António Figueiredo (o accionista maioritário) pretender efectivamente tornar-se no «patrão do ténis feminino em Portugal», como o próprio confessou numa entrevista concedida ao «DL».

Impunha-se, de facto, uma conversa com o director do torneio, um jovem empresário conhecido no meio tenístico pelo diminutivo de Tópé, que começou na modalidade como jogador, tendo chegado à situação de semifinalista dos Campeonatos Nacionais de Primeiras Categorias. Filho

de um empresário de sucesso, o António Figueiredo que chegou a candidatar-se à presidência da Direcção do Sporting Clube de Portugal, Tópé não teve dificuldade em penetrar no mundo dos negócios, mas não deixou de surpreender a sua entrada meteórica como organizador de torneios de ténis há um ano atrás.

Regra geral, um organizador de provas deste tipo começa a abalançar-se em torneios de menor cotação, com a finalidade de ganhar a experiência necessária para levar a bom porto a abordagem a uma etapa do circuito mundial. Com António Figueiredo deu-se o inverso, pois quando foi convidado pelo suíço Stambach para organizar um torneio de cem mil dólares não teve grandes problemas em responder afirmativamente. Certo de que tudo iria decorrer pelo melhor, assinou um contrato de cinco anos com opção para outros tantos e, mais tarde, associou-se mesmo ao empresário suíço como proprietário do torneio, embora a sua quota seja minoritária. No entanto, isso não impede de afirmar que «este torneio é em parte meu», nem de garantir a prova «vai mesmo ficar em Portugal».

Depois do autêntico fiasco organizativo do ano passado, a tarefa da Topexport parece este ano mais facilitada, e a própria Federação Portuguesa de Ténis levantou, entretanto, a ameaça de «pirata», introduzindo, desta feita, o torneio no



Sabine Hack



Catherine Mothes



Laura Garrone

seu calendário oficial, algo que negou no ano passado.

Aliás, na conferência de Imprensa de apresentação deste «Estoril Ladies Open Sogrape», o dirigente federativo António Miranda referiu «o prazer que é para a FPT assistir à organização desta prova em Portugal».

Para António Figueiredo, a aprovação por parte da FPT é lógica, e só não se verificou anteriormente «devido a pressões exteriores, pois a FPT tem todas as vantagens em ter este torneio em Portugal». Os problemas surgidos no ano passado não deixaram, porém, de ter as suas consequências negativas. No final da edição de 1989 António Figueiredo confirmou-nos o seu interesse em aumentar o montante de prémios monetários, pelo menos para 150 mil dólares, objectivo que não foi alcançado em 1990, mas que não foi posto de parte:

«Devido aos problemas surgidos no ano passado era difícil conseguir da Associação das Tenistas Profissionais (WTA) o consentimento para aumentar o *prize money*, mas para o ano espero que se concretize. O interesse é ir subindo, de modo a tentar chegar ao grupo dos 225 mil dólares, onde já competem jogadoras de ainda melhor nível. No entanto, é capaz de ser difícil porque todas as vagas já foram preenchidas e as inscrições são sempre limitadas».

Sem o aumento de prémios, torna-se, de facto, difícil trazer a Portugal os grandes nomes das raquetas femininas, principalmente, porque as garantias («duvas») não são permitidas, embora aconteçam com certa frequência. Foi isso que António Figueiredo tentou, de modo a ter uma gran-

de «craque» em Carcavelos:

«Não foi possível trazer uma *top-ten* como era a minha intenção, porque a maior parte delas vai jogar a Taça Federação (a maior competição entre nações), já na próxima semana, e que ainda por cima vai ser jogada sobre piso rápido» (enquanto os campos do Carcavelos Ténis são de terra batida). Falámos mesmo com a Conchita Martinez que esteve cá no ano passado, mas tinha uma exibição em Tóquio, e depois ia para os Estados Unidos».

Tivemos conhecimento que António Figueiredo andara atrás da norte-americana Jennifer Capriati, a grande revelação de 1990, finalista de Boca Raton, semifinalista de Roland Garros e 13.^a do «ranking» mundial com apenas 14 anos. O jovem empresário não negou e confirmou que «não se tentou só a Capriati, mas também a Manuela Maleeva, que só este ano dispôs da nacionalidade suíça, e, por isso, ainda não pode representar o seu novo país na Taça Federação».

Esta congénere feminina da Taça Davis, veio, aliás, a revelar-se como um empecilho à valorização do quadro principal do torneio e, por isso mesmo, António Figueiredo tentou alterar a data do torneio até ao último instante, razão pela qual a divulgação da prova na imprensa nacional se procedeu de forma tão deficiente, nada se sabendo uma semana antes do seu início. Consciente deste problema, o director do torneio já está a pensar na melhor forma de contornar a situação para a terceira edição.

«O torneio não tem de ser em terra batida, e a WTA só exige ser avisada com um cer-

to tempo de antecedência. Daí que possa haver uma alteração de superfície porque em 1991 a Taça Federação vai ser jogada em Inglaterra, em piso rápido, pelo que poderá ser vantajoso passar o torneio para 'courts' duros. As datas é que não mudam, mas também posso ficar aqui em Carcavelos, porque o clube tem boas condições para a realização da prova».

Com a consolidação do Estoril Ladies Open Sogrape, que este ano até já conseguiu um patrocinador de montas («com capacidade para patrocinar tudo o que se faz de ténis em Portugal», como Tópé, fez questão de frisar), António Figueiredo pensa já em novas aventuras, e garantiu ao «DL» a realização de «um circuito feminino e dois masculinos, embora neste momento o feminino esteja mais seguro. Falta apenas pensar nas datas, assunto que começarei a tratar logo que este torneio termine, para fazer depois a proposta à Federação Internacional de Ténis».

Até onde quer ir António Figueiredo? Quando lhe perguntámos se pretende tornar-se no «patrão» do ténis feminino em Portugal, o jovem impetuoso não hesitou em responder que «é claro que a intenção é essa», mas acrescentou de imediato que não vê «porque alguém se deva sentir ameaçado com isso».

Hecatombe de favoritas

No que à parte competitiva diz respeito, disputou-se ontem a segunda ronda de singulares, que veio a revelar-se fértil em surpresas, com quatro «cabecas de série» a serem eliminadas, foram elas: San-

dra e Cecchini, Nicole Jagerman, Florencia Labat e Angeliki Kanellopoulou. De todas, a derrota mais inesperada foi a de Cecchini, que na primeira ronda aplicara uma «bicicleta» (6-0 e 6-0) a Leona Laskova, e vinha de um triunfo do cem mil dólares de Bastad, disputado na semana passada.

Quem continua em forma é a alemã-federal Isabel Cueto, que defende em Carcavelos o título alcançado no ano passado, e ontem recuperou de uma desvantagem de 1/4 na primeira partida para se impor por 6-4 e 6-1 à checa Eva Siglerova. Os resultados completos da segunda ronda foram os seguintes:

Isabel Cueto (RFA/cs1) — Eva Siglerova (Checoslováquia), 6-4, 6-1; Katia Piccolini (Itália) — Sandra Cecchini (Itália/cs2), 6-4, 6-1; Patrícia Tarabini (Argentina/cs6) — Andrea Vieira (Brasil), 6-4, 6-2; Emanuela Zardo (Suíça) — Nicole Jagerman (Holanda/cs4), 6-1, 6-1; Sabine Hack (RFA/cs3) — Petra Ritter (Aut), 6-2, 6-2; Catherine Mothes (França) — Florencia Labat (Argentina/cs8), 6-4, 6-4; Federica Bonsignori (Itália) — Angeliki Kanellopoulou (Grécia/cs5), 6-3, 6-4; Laura Garrone (Itália) — Nathalie Guerre (França/Q), 6-3, 6-4.

A jornada de hoje tem o seu início às 16 e 30, com a disputa dos quartos de final de singulares e de pares. Os de singulares opôs as seguintes tenistas: Laura Garrone - Emanuela Zardo, Isabel Cueto - Federica Bonsignori, Patrícia Tarabini - Katia Piccolini, Sabine Hack - Catherine Mothes.

Hugo Ribeiro

Informação

COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, nos dias 21 e 22 de Julho, vão ser suprimidos, entre QUELUZ e SINTRA, os seguintes comboios:

QUELUZ-SINTRA

Comboios com saída de Queluz às:
— 10.19 h, 10.51 h, 11.23 h, 14.03 h, 14.35 h, 15.07 h e 15.39 h.

SINTRA-QUELUZ

Comboios com saída de Sintra às:
— 9.51 h, 10.23 h, 10.55 h, 11.27, 14.07 h, 14.39 h e 15.11 h.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano



Caminhos de Ferro
Portugueses

DESPORTO

Ciclismo: GP do Minho

Espanhóis atacam em força com o Boavista à espreita

O ciclista espanhol José Valência (da Royal) venceu a 2.ª etapa do 4.º Grande Prémio do Minho, disputada entre Famalicão e Vila Nova da Cerveira, percorrendo a distância de 24 km no tempo de 3 horas 7 minutos 57 segundos.

O triunfo de José Valência, obtido à excelente média de 39,545 km/hora, trouxe para a corrida uma realidade: a equipa espanhola tenta a todo o custo alcançar (também) a liderança individual, depois de ter atingido o comando colectivo. Contando com um dos seus homens na 2.ª posição da tabela, a formação da Royal tentou, através do irrequeto José Valência, o assalto à camisola amarela.

O triunfador da tirada não desistiu dos seus intentos, depois de anulada a 1.ª tentativa, iniciada logo ao km 5 da corrida. Acompanhado de Constâncio Reis (Bom Petisco-Tavira) o espanhol passou em Braga com 2m14s de vantagem, mas o par seria alcançado poucos quilómetros decorridos.

O intenso calor não ajudava a grandes velocidades, mas esse factor não evitou que nova tentativa fosse concretizada. Mais uma vez José Valência encabeçou o projecto, ainda e de novo na companhia do algarvio Constâncio Reis, duo a que, mais tarde, se juntaria Pedro Silva (do Boavista/Recer). A presença do exadrezado na defesa do seu colega e guia Delmiro Pereira, foi fatal para os outros fugitivos, sendo a tentativa anulada com facilidade. Mas José Valência mostrou-se-ia um ciclista teimoso nos seus intentos. Daí uma 3.ª e última tentativa, sendo secundado por mais quatro concorrentes. Formado o quinteto, consegue meio

minuto de avanço na contagem de 2.ª categoria, localizada no Alto do Extremo.

Valência não reduziu o ritmo imposto na fuga: daí resultaria ficar apenas acompanhado por Joaquim Sampaio (Tensai-Santa Marta). Porém, o ciclista português acabaria também por ceder, e Valência foi ganhando vantagem, que sustentaria até final, embora a dianteira se fosse reduzindo gradualmente.

Delmiro Pereira seguiu a sua posição de guia, mas a proximidade de Neil Stephens (inglês ao serviço da Royal) suscitou do ciclista boavisteiro atenções especiais. Todavia, a formação dirigida pelo professor José Santos e uma equipa forte, capaz de segurar o seu «camisola amarela» e até afastar a royal da liderança.

Este «Grande Prémio do Minho» prossegue hoje, com a realização de duas etapas: Vila Nova da Cerveira-Ponte de Lima (60 km) e Viana do Castelo-Santa Luzia, um contra-relógio individual de 4,7 km com início às 16 horas.

Classificação individual na etapa: 1.º, José Valência (Royal) 3.07.54 horas; 2.º, Marco Chagas (Orima/Cantanhede) 3.09.46; 3.º, António Araújo (Avibom-Valouro-Lousa) 3.09.52; 4.º, Ricardo Felgueiras (Tensai-Santa Marta); 5.º, Paulo Pinto (Avibom-Valouro-Lousa); 6.º, Christian Jager (Avibom-Valouro-Lousa); 7.º, Luís Machado (Tensai-Santa Marta); 8.º, Emanuel Murga (Royal); 9.º, José Davoz (Royal); 10.º, Paulo Ferreira (Tensai-Santa Marta), todos com o tempo de António Araújo.

Classificação geral individual: 1.º, Delmiro Pereira (Recer-Boavista) 6.54.24 horas; 2.º, Neil Stephens (Royal) a 10 segundos; 3.º, Antó-

nio Alves (Recer-Boavista) a 21 s; 4.º, Rui Vitorino (Sicasal-Acral) a 23 s; 5.º, Paulo Couto (Avibom-Valouro-Lousa) mt; 6.º, João Costa (Bom Petisco-Tavira) a 35 s; 7.º, Xabier Carbayedá (Royal), a 47; 8.º, José Valência (Royal) a 9.50 minutos; 9.º, Jorge Silva (Sicasal-Acral) a 11.51; 10.º, Manuel Zeferino (Recer-Boavista) a 12.01.

Classificação geral por equipas: 1.º, Royal, 20.54.18 horas; 2.º, Recer-Boavista, a 1.43 minutos; 3.º, Sicasal-Acral, a 13.14; 4.º, Avibom-Valouro-Lousa, a 13.42; 5.º, Bom Petisco-Tavira, a 13.50; 6.º, Alguerra-Companauto, a 25.24; 7.º, Tensai-Santa Marta, a 25.30; 8.º, Orima-Cantanhede, a 27.41; 9.º, Landimar-Salgueiros, a 29.33.

URSS: uma lança no Tour
Dimitri Konishev venceu a 17.ª etapa da Volta à França, disputada entre as localidades de Lourdes e Pau, tornando-se no 1.º soviético a conquistar uma tirada do Tour.

Numa etapa que não provocou alterações nos lugares primeiros da classificação geral, Konishev conseguiu a vitória ao «sprint», tendo percorrido os 150 quilómetros do percurso no tempo de quatro horas, oito minutos e 25 segundos. Acompanhado pelo belga Johan Bruyneel, que terminou na 2.ª posição (com mais um segundo) Konishev destacou-se, nos Pirenéus, de um grupo de ciclistas mais avançados, constituído por sete corredores, quando a caravana se aproximava de Pau, onde estava instalada a linha de chegada.

Apesar de se debater com problemas intestinais, Pedro Delgado cotou-se como uma das grandes figuras da tirada,

a última com contagem de montanha, «atacando» por três vezes na subida para o Porto de Maria Blanca, mas tanto Lemond como Chiappucci anularam todas as tentativas de fuga do ciclista espanhol. A escapada mais conseguida de Delgado ocorreu ao quilómetro 78 daquela subida, após uma queda de Greg Lemond, tendo sido prontamente acompanhado pelo camisola amarela. O «fosso» entre estes e os restantes ciclistas chegou a rondar um minuto e 20 segundos, mas passados 40 quilómetros o pelotão reagrupou-se.

Classificação da etapa: 1.º, Dimitri Konishev (URSS), 04.08.25 horas; 2.º, Hohan Bruyneel (Bélgica), a 1 segundo; 3.º, Steve Bauer (Canadá), a 11; 4.º, Jean-Claude Colotti (França), a 32; 5.º, Davide Cassani (Itália), m.t.; 6.º, Reynel Montoya (Colômbia), m.t.; 7.º, Pascal Simon (França), a 34; 8.º, Dominique Arnaud (França), a 53; 9.º, Laurent Biondi (França), a 2.59 minutos e 10.º, Peter de Clercq (Bélgica), a 3.38.

Classificação geral: 1.º, Claudio Chiappucci (Itália), 73.41.46 horas; 2.º, Greg Lemond (EUA), a 5 segundos; 3.º, Pedro Delgado (Espanha), a 3.42; 4.º, Eric Bruyneel (Holanda), a 3.49; 5.º, Marion Lejarreta (Espanha), a 5.29; 6.º, Gianni Bugno (Itália), a 7.48; 7.º, Eduardo Chozas (Espanha), a 7.49.

Acácio da Silva foi 48.º na etapa, a cinco minutos e 40 segundos do soviético Konishev. Neste momento, o ciclista português está no 102.º lugar, a uma hora, 46 minutos e 40 segundos do líder.

A etapa de hoje, a 18.ª, conta com um percurso de 202 quilómetros, entre Lourdes e Bordéus.

Xiracup em aceleração

O 2.º dia do Xiracup (torneio internacional de andebol, organizado pela União Desportiva Vilafranquense, com o apoio da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira) voltou a registar grande animação, com dezenas de jogos pelos sete campos à disposição nesta cidade ribatejana. Registaram-se os primeiros apuramentos da fase inicial do torneio, mas hoje ainda jogam as primeiras fases os escalões A e C masculinos e D femininos.

No âmbito social, centenas de convidados reuniram-se no Centro Equestre da Lezíria Grande, onde se realizou um jantar típico, antecedido de demonstração de hipismo de alta escola que, dado o seu elevado nível, foi do agrado geral. Quanto aos participantes no torneio, ontem pouco tempo tiveram para estar longe da prática desportiva, porque tiveram de realizar dois jogos e porque o calor apertou muito. Os recintos, especialmente ao ar livre, prejudicaram o rendimento dos jogadores, por causa do calor, ao fim e ao cabo, toda a gente encarou os problemas com o maior espírito de convívio e camaradagem.

Recorde-se que estão presentes em Vila Franca de Xira mais de 800 praticantes de andebol feminino e masculino, com idade até aos 21 anos, representando 52 equipas portuguesas (de quase todos os distritos) 24 estrangeiras de sete países: Dinamarca, Brasil, Espanha, França, Angola, Cabo Verde e Argélia. Os jogos são dirigidos por árbitros nomeados pela Federação Portuguesa de Andebol e a Vila Franca de Xira tem ocorrido muita gente ligada à modalidade, para tomar contacto com esta festa do que já ganhou prestígio internacional.

Os escalões A e C masculinos ainda têm hoje jogos da primeira fase, pelo que damos apenas as classificações finais das várias séries do Escalão B de rapazes:

Série A: 1.º Esporte Sirio (Brasil), 8 pontos; 2.º Olivais e Moscavide, 8; 3.º Coruchense, 5; 4.º Estrela e Vigorosa, 3; **Série B:** 1.º Águas Santas, 9 pontos, 2.º Bandeirante (Brasil), 7; 3.º UD Vilafranquense, 5; 4.º Lanaster (França), 3; **Série C:** 1.º Seixal FC, 9 pontos; 2.º Hebraica (Brasil), 7; 3.º Sanjoanense, 4; 4.º Colégio de Gaia, 4; **Série D:** 1.º Águeda, 9 pontos; 2.º Bairro Janeiro, 7; 3.º Santa Clara, 5.

No sector feminino, realizou-se a 1.ª jornada do Grupo D, que inclui as selecções de Portugal A e de promessas B, oito equipas em duas séries, com jogos no Pavilhão da União Desportiva Vilafranquense. Resultados na **Série A:** Portugal - A - Villejuif (França), 37-5; Dinamarca (mistos) - Angola, 14-25; **Série B:** Portugal - B - Colégio de Gaia, 14-25; Benguela (Angola) - Cabo Verde, 27-22.

Ainda no sector feminino, terminaram os escalões E e F, com as seguintes classificações finais da primeira fase no escalão E. **Série A:** 1.º Gladsaxe (Dinamarca), 9 pontos; 2.º S. Bernardo, 7; 3.º Zona Azul, 5; 4.º Coruchense, 3; **Série B:** 1.º Seixal FC, 9 pontos; 2.º AARUS (Dinamarca), 7; 3.º União de Leiria, 5; 4.º Caminha, 3. No escalão F, as classificações: **Série A:** 1.º Associação de Andebol de Lisboa, 9 pontos; 2.º Almansor (Espanha); 7; 3.º Vilafranquense, 5; 4.º Juventude Lis, 3; **Série B:** 1.º Encarnação, 9 pontos; 2.º A. Águeda, 7; 3.º KHK (Dinamarca), 4. **Série B:** Encarnação, 9 pontos; 2.º A. Águeda, 7; 3.º KHK (Dinamarca), 4.

Como nota final, diga-se que a jornada de amanhã destes escalões, os 1.ºs e 2.ºs jogam em duas séries para apurar quatro equipas para a meia-final e final. Os restantes actuam para apuramento dos restantes lugares da classificação final.

Hoje, realizam-se os últimos jogos dos escalões A e C masculinos e a tarde é aproveitada para uma visita às Caves Vinícolas de Carvalho Ribeiro e Ferreira. Amanhã realizam-se durante todo o dia os jogos de apuramento para as meias-finais e finais de sábado, último dia do torneio.

assim vai o

totobola

Penalti: 112 112 X21 1111; O Algarve: 112 111 212 21X1; Jornal de Amarante: 112 121 122 1111; Jornal da Beira: 112 X2X X21 1221; Correio de Coimbra: 11X 1X1 1X1 1111; Correio do Vouga: 1X2 121 1X2 1111; A Defesa: 1X1 1X1 11X 1111; Defesa de Espinho: X12 XX2 112 1211; Diário de Viseu: 111 1XX 122 X111; Folha do Domingo: 112 111 111 11X1; Ecos de Cacia: 11X 12X 121 11X1; Eu Sei Tudo: 112 XX1 12X 1121; Jornal de Felgueiras: X12 1XX 2X2 1X1X1; Jornal de Gaia: 11X 1X2 1XX 11X1; Rádio Guarda: XX2 X11 211 XXXX; Jornal da Graça: 1X1 121 111 1X121; Rádio Totobola: 112 X11 1X211; Linhas de Elvas: 112 1X1 122 1X21; Jornal da Lixa: 112 1X2

121 2111; Maria da Fonte: 112 XX1 121 1111; O Mensageiro: 111 X12 1XX 21X1; No Estádio e no Estádio: 112 X12 111 11X11; Notícias de Felgueiras: X12 1XX 2X2 1X1X1; Notícias de Gouveia: X21 121 211 112; Notícias de Viseu: XX1 11X 12X X111; Quadrante Norte: 112 1XX 121 1X2X; Informação Desportiva/Rádio Altimidade: 1XX 111 X22 11X1; Bom Dia/R. Comercial: 112 XX1 121 11XX; Tempo e Resultado/R. Comercial: 11X XX1 11X 11X1; Secção Desportiva/R. Comercial: 11X 12X 1X1 1111; Tempo de Desporto/R. Comercial: 11X 1X1X 12X 111X; Resenha Desportiva: 112 X11 1X2 1111; RR/Desporto: 11X 1X2 1X1

1111; RR/Bola Branca: 11X X1X 121 1111; RR/Frente Desportiva: 112 X12 XX2 1111; A Voz do Domingo: 111 11X 1X1 1111; Voz de Lamego: 1X2 X21 1X1 1111; A Voz dos Ridículos: 111 1X1 111 11X1; Desporto/Rádio Guarda: 12X 1XX X21 11X2; Encontro Com a Manhã/Rádio Guarda: 111 XXX 2X1 1X1X1; Meia Tarde/Rádio Guarda: X11 X22 XXX 121X; Convidámos Para Lanchar/Rádio Guarda: X11 X22 XXX 121X; Disco & Daqui/R. Altimidade: 112 11X 1X1 11X1; Tarde Desportiva/Antena Um: 1X1 2X1 1X1 1X21; Livre e Directo/Antena Um: X1X 1XX 1X1 1111; Um Caso Por Semana/Rádio

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 29/90 DE 15 DE JULHO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (")		
	1	X	2	1	X	2
1. Norrköping - Hammarby	47	12	1	9	2	1
2. Malmö - Östers	46	11	3	9	2	1
3. Örebro - Gotemburgo	17	13	30	3	3	6
4. Halmstad - Djurgårdens	34	25	1	6	5	1
5. Admira - Sparta Praga	21	23	16	4	5	3
6. Slavia Sofia - Bochum	31	18	11	6	3	3
7. Slovan Bratislava - MTK	35	16	9	7	3	2
8. Cottbus - Bohemians	16	22	22	4	4	4
9. Karlsruhe - Brondoby	32	14	14	6	3	3
10. Lucerna - Tatabánya	41	14	5	8	3	1
11. Viena FC - Vasas	44	9	7	9	2	1
12. Dusseldorf - Karl Marx	32	20	8	6	4	2
13. B. Uerdingen - Liubiana	47	8	5	9	2	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
112 1X1 1Xou21 1111

Covilhã: 112 X21 X2X 1111; Foi Notícia/Rádio Covilhã: 1X2 111 X21 1XX1; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 212 121 XXX 2121; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã: 112 X21 22X 1212; De Tudo Um Pou-

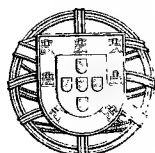
co/Rádio Covilhã: 1X1 X22 112 X11X; De Tudo Um Pouco/O Comércio de Leixões: 112 11X 12X X111; Jornal 1X2: 111 XXX 111 11X1; Litoral: X12 X11

121 1111; Alvo Desportivo: 112 112 X1X 1212; Rádio Alvo: X1X X11 1X1 111X; Alvo: 111 12X 1X2 1XX2; Alvo Suplemento: 111 XX1 121 1X11; Diário de Lisboa: X1X 111 11X 1X11.

AGENDA

I Série N.º 165
Dia 19 de Julho

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 560/90:
Aprova o Regulamento da Pesca na Ria Formosa.

Portaria n.º 561/90:
Aprova o Regulamento da Pesca no Rio Lima.

Portaria n.º 562/90:
Aprova o Regulamento da Pesca no Rio Sado.

Portaria n.º 563/90:
Aprova o Regulamento da Pesca na Ria de Aveiro.

Portaria n.º 564/90:
Aprova o Regulamento da Pesca no Rio Mondego.

Portaria n.º 565/90:
Aprova o Regulamento da Pesca no Rio Cávado.



ALFREDO AUGUSTO TORRES AMANTE

(chefe das oficinas gráficas
do «Diário Popular» — reformado)

FALECEU

Sua família informa que foi Deus servido chamar à sua Divina Presença este seu ente muito querido e comunica que o seu funeral se realiza, amanhã, dia 20, pelas 11 horas, da capela A, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João, realizando-se, pelas 10.30, missa de corpo presente.



MÁRIO DOS SANTOS DELGADO

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Seus filhos, netos e demais família, participam que amanhã dia 20, sexta-feira, pelas 19.30 horas, na Capela de Santa Joana Princesa (à Rua Gama Barros, freguesia de Alvalade), será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Aproveitam a oportunidade, para agradecer muito reconhecidamente a todos quantos de qualquer forma lhes testemunharem o seu pesar especialmente àqueles que por desconhecimento de endereços o não podem fazer directamente.

H O J E

CONTINENTE

Em todo o território: continuação de tempo quente com céu geralmente limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde.

Estado do mar - Costa ocidental: ondulação noroeste de um a dois metros. **Costa sul:** Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação sueste de dois metros.

Amanhã

Continuação do tempo quente. Com céu geralmente limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde.

Depois de amanhã

Continuação do tempo quente com céu geralmente limpo. Vento fraco, soprando de noroeste no litoral oeste, durante a tarde.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento norte fraco ou moderado. **Funchal:** Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Estado do mar - Costa norte: mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de dois metros. **Costa sul:** mar encrespado. Ondulação sueste inferior a um metro.

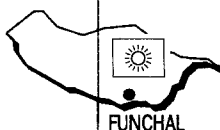
AÇORES

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco

Grupos Central e Oriental: períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste. Possibilidade de aguaceiros

Estado do mar: mar de pequena vaga a cavado. Ondulação nordeste de um a dois metros.

MADEIRA



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

M A R É S

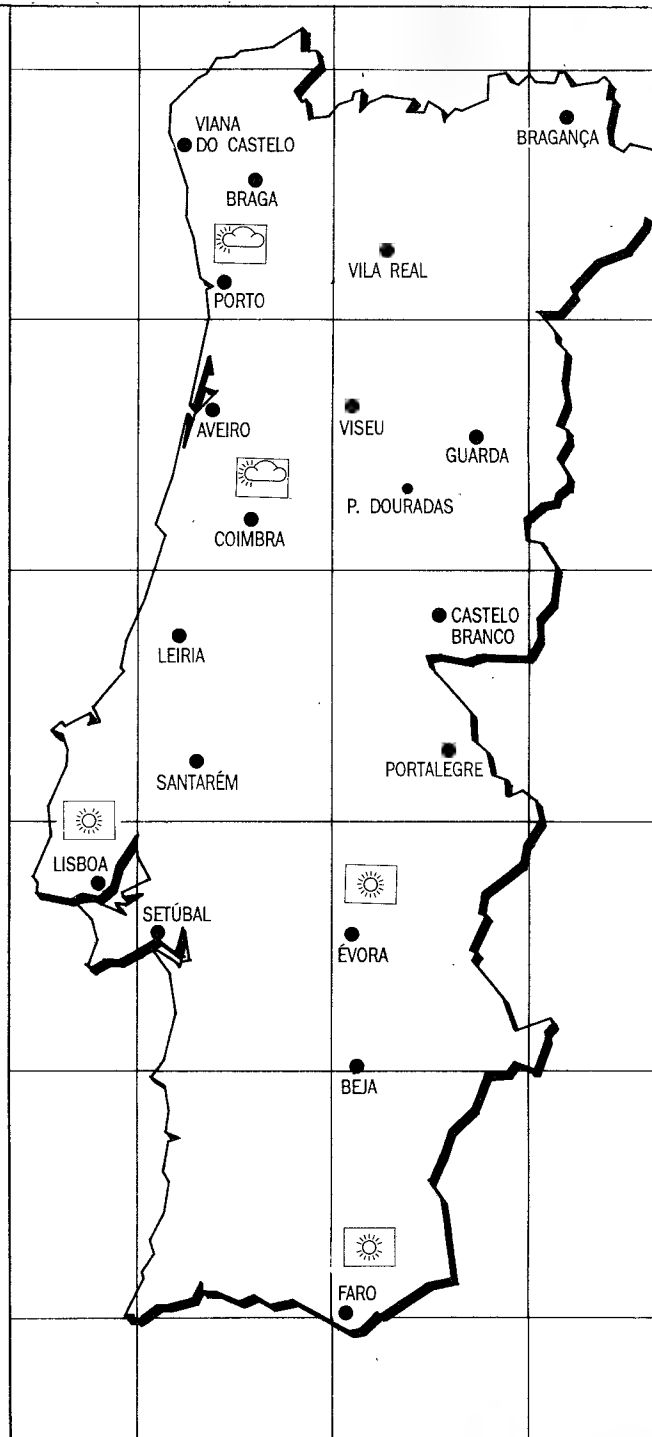
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.10 3.1m	06.59 1.0m
13.41 3.4m	19.39 0.9m

Amanhã

02.16 3.3m	07.57 0.9m
14.41 3.6m	20.36 0.6m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	24	24	P. nub.
V. Castelo.....	20	20	P. nub.
Vila Real.....	23	24	P. nub.
Porto.....	21	21	M. nub.
P. Douradas.....	—	—	—
Coimbra.....	21	21	Neblina
C. Carvoeiro.....	20	20	Limpo
C. Branco.....	27	29	Bruma
Portalegre.....	25	24	P. nub.
Lisboa.....	24	24	Bruma
Évora.....	25	24	Limpo
Beja.....	26	26	Limpo
Sines.....	23	20	Neblina
Faro.....	25	25	Limpo
Sagres.....	23	22	Limpo
P. Delgada.....	20	22	Limpo
Horta.....	18	18	P. nub.
Funchal.....	20	21	Limpo

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 38; Porto, 35; Faro, 32; P. Delgada, 26; Funchal, 28.

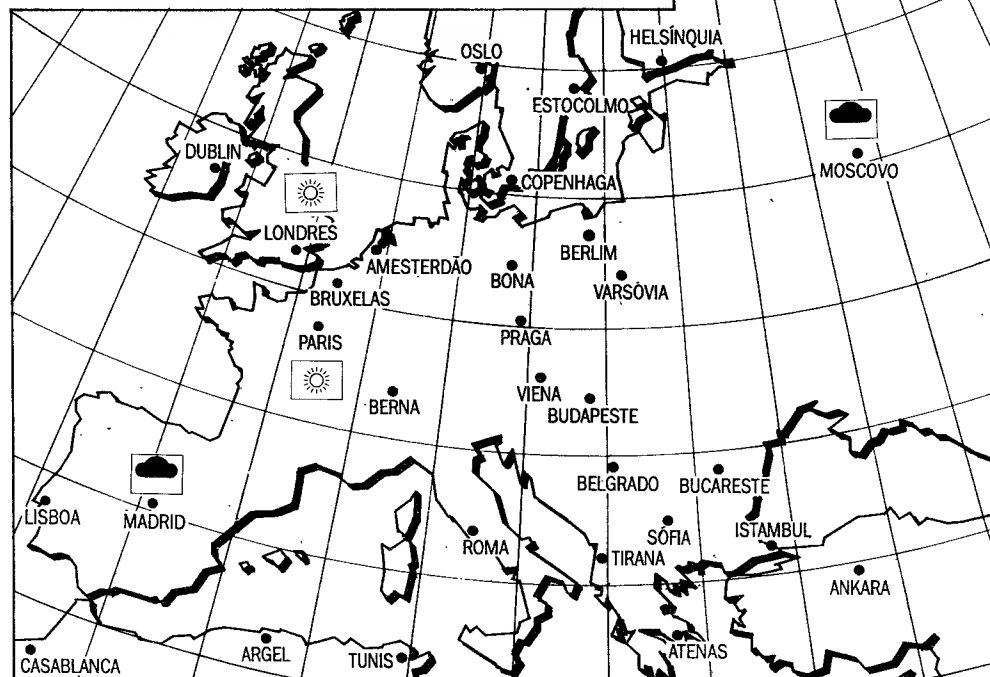
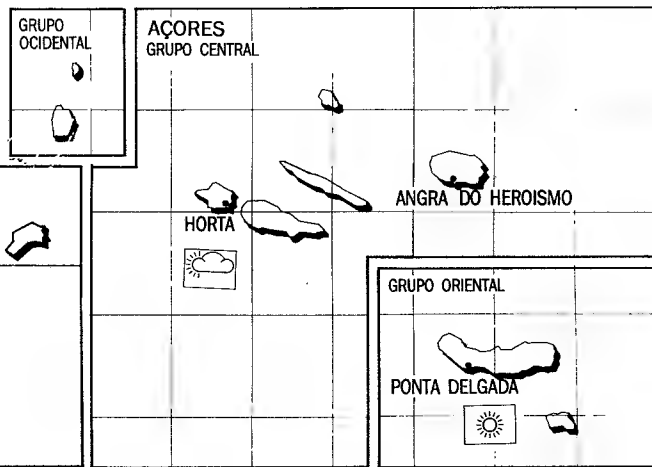
EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	22	23	M. nub.
Londres.....	14	16	Limpo
Paris.....	13	16	Limpo
Bruxelas.....	10	12	P. nub.
Amesterdão.....	7	12	P. nub.
Genebra.....	13	15	Neblina
Roma.....	19	21	M. nub.
Oslo.....	14	18	Limpo
Copenhaga.....	15	21	Limpo
Estocolmo.....	12	13	Bruma
Berlim.....	14	14	Encoberto
Viena.....	14	16	Limpo
Varsóvia.....	13	14	Neblina
Atenas.....	—	—	—
Moscovo.....	14	15	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	9	11	Chuva
Caracas.....	20	29	Nublado
Hong Kong.....	28	31	Limpo
Joanesburgo.....	5	18	Limpo
Los Angeles.....	21	29	Nublado
Montreal.....	18	28	Chuva
Nova Deli.....	28	37	Nublado
Nova Iorque.....	23	32	Limpo
Rio de Janeiro.....	19	28	Nublado
São Francisco.....	16	22	Nublado
São Paulo.....	—	—	—
Tóquio.....	27	34	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944; **Alcântara:** Vieira Rosa, Rua Prior Crato, 72, Tel. 660187; **Areeiro:** Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B, Tel. 884941; **Benfica - Estação - Uruguai:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; **Camões:** Sanitas, Praça Luís Camões, 22-24, Tel. 322798; **Campo Grande:** Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732009; **Campolide:** Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; **Gomes Freire:** Salutar, Rua Conde Redondo, 9-B, Tel. 533411; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Sebastião:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; **Brandão - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

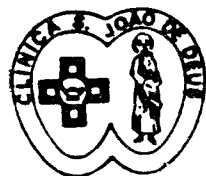
REFORÇO

Alto São João: Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; **Alvalade:** Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; **Anjos - Chile:** Antolin, Av. Almirante Reis, 88, B-C, Tel. 821773; **Av. República:** Cardote, Av. Visconde Valmor, 28, A-B-C, Tel. 772291; **Baixa - Coliseu:** Frazão, Rua Portas Santo Antão, 70-72, Tel. 8147019; **Benficiência - Sete Rios:** Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; **Cemitério Ingleses:** Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; **Chelas - Liceu D. Dinis:** Lopes Cortez, Rua Rui Sousa, Lote 65-A - Loja B, Tel. 8596565; **Lapa - Santos:** Eduardo A. César, Rua das Trinas, 102-A, Tel. 662631; **Santo Amaro - Calvário:** Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivá Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo



MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 4435147. Até às 22 h; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende - Quinta Marquês, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: S. Jorge, R. Pedro

del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Permanente; **Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050.** Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente; **Queluz:** André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487.** Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Pimenta, R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259, Tel. 2073012. Permanente.

HÁ 20 ANOS



Portugueses vencem europeu de «Snipes»

Paulo Santos e Fernando Silva, vencedores da quinta e última regata dos Campeonatos da Europa de «Snipes», que se disputou na Jugoslávia, conquistaram o título europeu da modalidade para Portugal. A seguir aos velejadores portugueses classificaram-se os jugoslavos Ivancic e Sirola e os espanhóis Gancedo e Burgos.

Nixon acusa o Congresso de causador da inflação

O presidente Nixon dos Estados Unidos, numa declaração distribuída pela Casa Branca à Imprensa, acusa o Congresso de fomentar a inflação no país. O presidente afirma concretamente que o Congresso obriga o Governo a gastar mais do que pode, o que desencadeia inevitavelmente o processo inflacionista.

Pipinellis morreu em Atenas

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Grécia, Panayotis Pipinellis, morreu durante a noite num hospital de Atenas. Pipinellis, figura carismática da cena política internacional, tinha 73 anos e sucumbiu a um ataque cardíaco. O Governo grego declarou luto nacional e a realização de funerais oficiais.

EFEMÉRIDES

1975

• Astronautas norte-americanos e soviéticos terminam a acoplagem espacial, que se prolongou por dois dias.

1983

• Representantes da administração e da comissão de trabalhadores da Lisnave assinam uma proposta de acordo (o primeiro do género em Portugal), que prevê o estabelecimento de uma paz laboral na empresa durante três meses.

1984

• Um jovem brasileiro, totalmente paralisado, é submetido, em Lisboa, a uma intervenção cirúrgica espinal medula, que se prolongou por 20 horas e que foi levada a cabo por uma equipa médica portuguesa chefiada pelo cirurgião norte-americano Kao.

• O francês Jacques Delors é nomeado presidente da Comissão Europeia, órgão executivo da CEE.

1985

• É constituído o Partido Renovador Democrático (PRD).

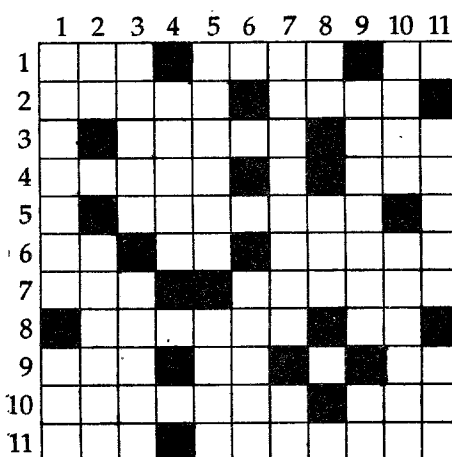
1986

• As autoridades soviéticas demitem quatro altos funcionários da central nuclear de Chernobyl, ao mesmo tempo que responsabilizam os trabalhadores da central pelo pior desastre nuclear do mundo.

1987

• Oito milhões de portugueses vão às urnas para escolher 250 deputados da Assembleia da República — e 24 para o Parlamento Europeu — dando a maioria absoluta ao PSD (148 deputados), facto que acontece pela primeira vez na história dos partidos portugueses.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17963

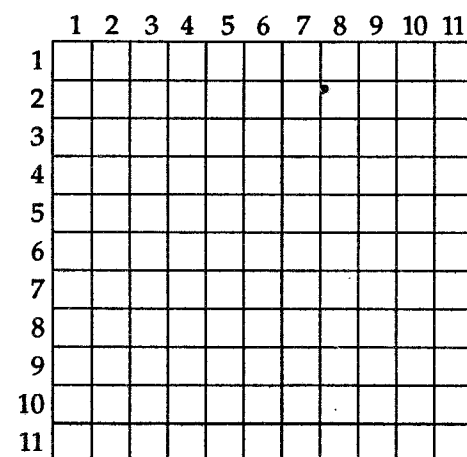
HORIZONTAIS:

- 1 - Também não. O essencial. Osório (s.q.).
- 2 - Igauria feita de massa de feijão, pimenta e pipericum. Rezou.
- 3 - Medo. Nome de jogo.
- 4 - Além. Preposição e artigo (pl).
- 5 - Açoitais.
- 6 - Rénio (s.q.). Letra árabe. Cama.
- 7 - Pegadeira. Envolvi em pão ralado.
- 8 - Natas. Artigo definido.
- 9 - Pronome relativo. Brisa. Em o.
- 10 - Cidade da Índia. Morro do litoral do Estado de Santa Catarina.
- 11 - Deusa da Aurora. Casta de uva de grossas bagas.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho e distrito de Braga. Pronome relativo.
- 2 - Estibordo (abrev. naut.) Amparo (fig).
- 3 - Apelido. Medida de uma superfície. (pl).
- 4 - Resplandece. Tempo do verbo ser.
- 5 - Nome de fruto. Catálogo.
- 6 - Namorados ridículos.
- 7 - Freguesia do concelho de Aguiar da Beira. Reis.
- 8 - Sufixo que designa estado. Unidade monetária do Japão.
- 9 - Enjeço. Bromo (s.q.).
- 10 - Metal precioso de cor amarela. Enfarruscai.
- 11 - Restos mortais. Sigla de Organização da Unidade Africana.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16773

HORIZONTAIS:

- 1 - Parte de uma casa onde se guarda o vinho ou o azeite envasilhado. Pequena rede com que as mulheres amparam o cabelo.
- 2 - Predestinara. Saem frequentemente à rua.
- 3 - Fértil. Preposição latina que designa movimento. Centiare.
- 4 - Interjeição que exprime nojo ou desprezo. Seguir o rasto ou a pista de.
- 5 - Cidade de Itália. Causa nenhuma.
- 6 - Acreditel. Ocultar.
- 7 - Tribo de indígenas brasileiro. Cólera.
- 8 - Falta de dinheiro (gir). Nota musical. Centímetro.
- 9 - Anjo. Pátrio.
- 10 - Cingidouro de couro ou de outra substância que se põe ao pescoço de alguns animais. (pl). Vossa Santidade.
- 11 - Osório (s.q.) Gritos (Bras). Hólmio (s.q.).

VERTICAIS:

- 1 - Soprar da serpente (Prov). Acometo.
- 2 - Mooda de cobre, que corria em Damão. Gravuras a cores.
- 3 - Cidade dos Países Baixos. República federativa e maior estado da América meridional.
- 4 - Caloiros (fig). Európio (s.q.).
- 5 - Limpar metais. Velho.
- 6 - Fecha as asas para descer mais depressa. Anel.
- 7 - Átomo. Ementas.
- 8 - Mandarias.
- 9 - Interjeição de dor (inv). Esteira tecida de folhas de palmeira (Bras).
- 10 - Golpe de faca. Verso.
- 11 - Polísemos no mar (os aviões).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17962

HORIZONTAIS: LADRAM. OS. 2 - Avia. Acordo. 3 - Haifa. AC In. 4 - Oil Asara. Ao. 5 - Pescador. 6 - Aliava. 7 - SN. Aspar. 8 - Ciava. Ada. 9 - Mareassem. 10 - Açaf. Sra. 11 - Se. Amara. rais.

VERTICAIS: 1 - Lahore. CÂES. 2 - Avaf. Si. E. 3 - DIL. Panamá. 4 - Rafael. Vaca. 5 - A. Assinaram. 6 - Ma. Aca. Eia! 7 - CARAVANA. 8 - Tocadas. 9 - PASSA. 10 - Odiar. Aderi. 11 - Sono. Tramas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16772

HORIZONTAIS: 1 - Cádiz. Marta. 2 - Ataçaram. Ri. 3 - Li. Al. Rolas. 4 - In. Ro. Sras. 5 - Fa. Om. No. Tm. 6 - Arm. Assa. Ea. 7 - Autos. Ir. 8 - La. Suas. 9 - Alapara. Na. 10 - Xeta. Uiva. 11 - Ordenados.

VERTICAIS: 1 - Califa. Caxe. 2 - Atinara. Le. 3 - DI. Mulato. 4 - Ícaro. Tapar. 5 - Salomão. 6 - SS. Rue. 7 - Marsos. Ain. 8 - Amornais. VA. 9 - La. Ru. Ad. 10 - Traste. An. 11 - Ais. Mas-sais.

PROVÉRBIO:
LADRAM OS CÂES
E A CARAVANA
PASSA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

NA CORDA BAMBÁ
Filme de John Badham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

SERES DO ESPAÇO II
Filme de Mick Garris
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

PESADELO EM ELM STREET IV
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00
21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - Às 13.45, 16.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES
EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30
21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
FÊMEAS INCONTROLÁVEIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMOES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
VIOLÊNCIA NOS MARES
DA CHINA
Filme de Li Kimin
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30
A NOITE DOS TUBARÕES
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Centro Comercial da Portela
T. 9434762
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

RAID SOBRE O INFERNO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
PORNO FAMILIAR
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO ISABEL DE CASTRO
NO CINEMA ESPANHOL
HAY UN CAMINO
A LA DERECHA/1963
Filme de F. Rovira Beleta
Às 18.30
EUSEBIO
LA PANTERA NEGRA/1973
Filme de Juan de Orduña
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.45

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
ROGER E EU
Filme de Michel Moore
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00
20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15
e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

OS DELINQUENTES



«Sempre», a mais recente longa-metragem de Steven Spielberg, em exibição actualmente em Lisboa

M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

O CADILLAC COR DE ROSA
ATA-ME
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

DURO DE ROER
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
SEDE DE VENCER
Filme de Rick King
M/6 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
A CRIADINHA AMERICANA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir
das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
T. 606847
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45
21.15 e 23.45

PLAZA 2

ASTÉRIX
E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO,
CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,

19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

COOKIE
M/12 anos - Às 15.00, 16.45,
18.30, 21.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

OS FANTASMAS DE UMA
ESTRELA
Filme de Peter del Monte
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 15.30, 18.30
e 21.30

SÃO JORGE 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15
e 21.45

SÃO JORGE 3

DURO DE ROER
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
O MEU TIO SOLTEIRO
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADENSE

Telef. 2752127
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
SALA 1
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

SALA 2
DURO DE ROER

M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2465550
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 246555
OS DELINQUENTES
Filme de Chris Thompson
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

SALA 1
Telef. 2479169
ATA-ME
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30
SALA 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
SALA 1
UM HOMEM INOCENTE
filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

SALA 2
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

SALA 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

SALA 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
AMOR E PAIXÃO
Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

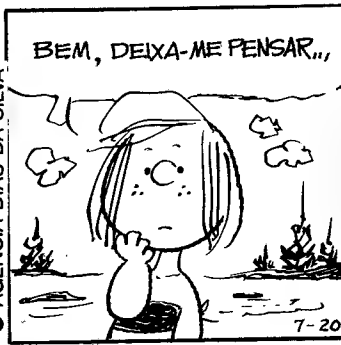
SALA 2
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

SALA 3
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

09.00 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
Inclui: «Os Marretinhas»
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.20 - PESCADORES
14.40 - TOM PETTY EM ISRAEL
15.30 - CASA DE IRENE
16.10 - DERRICK
17.10 - O MUNDO ANIMAL
17.30 - BRINCA BRINCANDO
- A Hora do Lecas -
«A Baleia Decimal»
«Vamos à Galeria»
«Tao-Tao»

18.35 - OS MARRETINHAS
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.15 - RODA DE FOGO
21.10 - UM ESPÍÃO NO PURGATÓRIO
22.10 - LUTA PELA DEMOCRACIA

Em Outubro de 1970, o Governo canadiano decretou a lei marcial, suspendeu as liberdades civis e prendeu mais de 450 pessoas suspeitas de pertencerem a um grupo terrorista do Quebec, a Frente de Libertação do Quebec (FLQ). A aprovação geral da opinião pública a esta acção e a fraqueza da oposição levantaram algumas questões fundamentais que o autor desta série, Patrick Watson, nos coloca. Que significado tem a democracia, quais as suas origens, como funciona, que perspectivas? Em busca de uma resposta para tantas questões Watson parte para uma odisseia por trinta países em todo o mundo.

23.10 - MURPHY BROWN
23.35 - 24 HORAS
00.10 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - ESPAÇO INFANTIL



Sinais do Tempo na RTP2, pelas 21.55

«O Mundo de Jorge»

«Beany e Cecil»

15.05 - FILHOS E FILHAS

15.30 - AGORA, ESCOLHA!

Bloco A: «Dick Powell»

Bloco B: «Fugitivo»

16.55 - OS CENTURIÕES

17.15 - ESPANHA ROMANA

Os vestígios da cultura romana na Espanha de hoje

17.45 - OS DESAFIOS DA LEI

18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

19.15 - ESPAÇO INFANTIL

«Paulus - O Duende»

«Uma Pequena Maravilha»

19.55 - VIA RÁPIDA

20.05 - CLÁSSICOS DA TV

«Ruas de S. Francisco»

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - EMOÇÕES

21.55 - SINAIS DO TEMPO

«Compas e Contrás» é uma reportagem realizada por Joaquim Furtado durante o primeiro mês do Governo de Violeta Chamorro (Maio), onde se traça o panorama político e social da Nicarágua, após as eleições que afastaram os sandinistas do Poder.

A reportagem reflecte sobre as razões da

derrota da Frente Sandinista nas eleições de Fevereiro e mostra as primeiras acções de contestação ao Governo de Violeta Chamorro, assim como o início do desarmamento dos Contra. Inclui, designadamente, entrevistas com o Cardeal de Manágua, Monsenhor Obando Y Bravo, com o leader dos empresários nicaraguenses, Gilberto Cuadra, com o chefe dos Contra, comandante Franklin e com dois filhos de Violeta Chamorro, directores dos jornais adversários: «Barricada» (sandinista) e «La Prensa», diário antes dirigido pela actual presidente.

Além da sua natural actualidade, a oportunidade da reportagem é acentuada pela passagem — precisamente na 5.ª feira — do 11.º aniversário do derrube de Anastásio Somoza.

22.55 - O PROCESSO FRANCHISE
23.25 - UNIVERSIDADE ABERTA
00.05 - ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

AMANHÃ

RTP-1

09.00 - BOM DIA

10.00 - ÀS DEZ

Inclui: «Os Marretinhas»

12.05 - A GATA COMEU

13.00 - JORNAL DA TARDE

13.27 - BOLSA DIA A DIA

13.30 - GLOSS

14.20 - O MAR E A TERRA

«Peniche tráfico-marítimo»

14.40 - BRUCE WILLS

«The Return of Bruno»

15.40 - CASA DE IRENE

16.20 - OS AMORES DE NAPOLEÃO

E JOSEFINA

17.05 - 17.05 - O MUNDO ANIMAL

17.30 - JUNTOS E AO VIVO

18.35 - OS MARRETINHAS

19.00 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

20.15 - RODA DE FOGO

21.10 - WOLF

22.10 - XIII FESTIVAL DAS BANDAS

MILITARES

22.40 - PRIMAVERA EM VIENA

23.30 - CHEFE, MAS POUCO

00.00 - 24 HORAS

00.30 - REMATE

00.50 - PELA NOITE DENTRO:

«A Estrada do Amanhã»

(Bloodbrothers)

PARABÓLICAS ALBA

• Antena de 90 cm Off-Set
equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Recetor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
• Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat
II a ser lançado

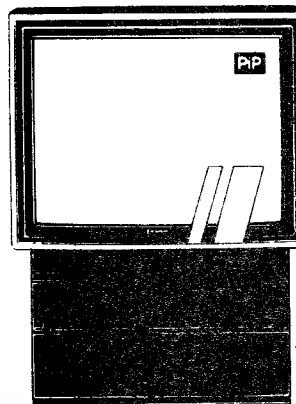
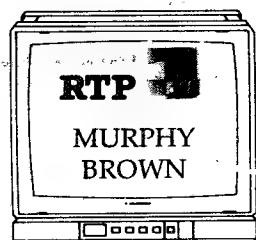
AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - ESPAÇO INFANTIL
«O Mundo de Jorge»
«Beany e Cecil»
15.05 - FILHOS E FILHAS
15.30 - AGORA, ESCOLHA
Bloco A: «Justiceiro»
Bloco B «Quem sai aos seus...»
«Casa de Irene»
16.55 - HERÓIS
17.20 - AVENTURA
DO SILÊNCIO
17.45 - PRIMEIRO ANDAMENTO
«O Livro dos Jardins Suspensos»
18.20 - ZIRCUS
18.45 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
20.00 - VIA RÁPIDA
20.10 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.40 - BUCHA E ESTICA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
22.55 - ROTAÇÕES
23.50 - HAJA MÚSICA
00.50 - ENCERRAMENTO
DA EMISSÃO

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL

O SEU CABELEIREIRO

MAIS RÁPIDO
ECONÓMICO
EXTRAÇÃO DE PELOS

ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



«A famigerada reunião de Sesimbra pôde impunemente ter lugar, com o falso pretexto de não haver leis que a proibam»

Armando Bacelar, «Diário de Notícias», 18.07.90

A PERGUNTA DO DIA



Miguel Macedo
secretário de Estado
da Juventude

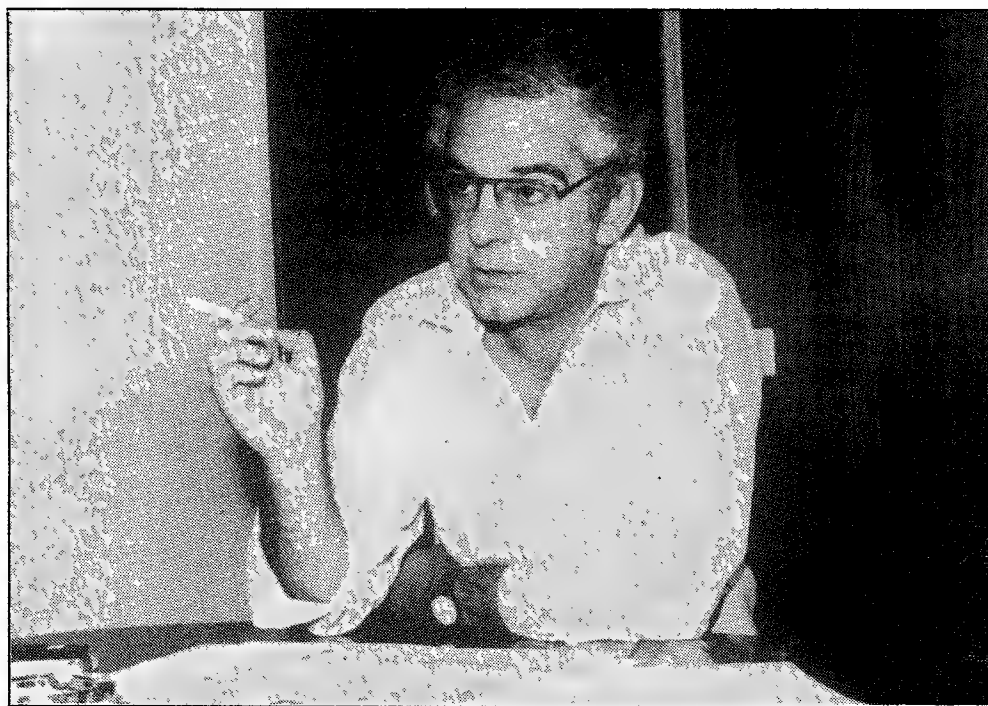
Além do Inforjovem, que outros programas de formação estão a ser desenvolvidos durante o Verão pelo Instituto da Juventude?

«O programa Inforjovem é um programa de formação que se desenvolve ao longo de todo o ano. Além do Inforjovem, existem outros programas de formação no Instituto da Juventude, traduzindo na prática a importância que atribuímos à área da formação. Destes programas queremos destacar os seguintes: o programa de preparação pedagógica de formadores, o de animadores juvenis e o de gestores associativos. São programas que têm entre 340 e 750 horas de formação teórica e prática e que decorrem durante 15 a 25 semanas. Estes programas têm como objectivos gerais dotar os formadores de técnicas pedagógicas de transmissão de conhecimentos, desenvolver a apetência pelas formas de interacção associativa, formar jovens capazes de intervir no quotidiano pela prática de actividades socio-culturais e socio-educativas e ainda dotar o movimento associativo dos meios humanos indispensáveis ao desenvolvimento qualitativo do mesmo.»

ENTREVISTA

Carlos Pinto Coelho, desaparecido há alguns anos dos ecrãs, dedica-se agora à cooperação televisiva com os países africanos e com as comunidades de língua portuguesa. Optimista quanto a este projecto, lamenta, porém, os erros feitos na privatização do sector

«Sou um bicho da televisão»



D.L. - Em que consistem actualmente as suas funções na televisão?

C.P.C. - A televisão resolveu elevar ao grau máximo de prioridade a cooperação com os países africanos de língua portuguesa e com as outras televisões de língua portuguesa espalhadas pelo mundo - que são, neste momento, 16 - as relações televisivas com as comunidades portuguesas e as relações internacionais. Pegou nestas três áreas e fundiu-as numa nova direcção, que me está confiada, e que se chama Direcção de Cooperação e Relações Internacionais.

D.L. - Penso que os países africanos ocupam aí uma posição muito especial...

C.P.C. - Neste momento, constituem a primeira prioridade. E digo neste momento porque estamos a preparar-nos para, muito rapidamente, abrímos a frente de trabalho para as comunidades emigrantes, que também têm que ter televisão portuguesa. Nesta Direcção avançamos no sentido Sul-Sueste.

D.L. - Em que consiste a cooperação com os PALOP?

C.P.C. - A cooperação com os PALOP faz-se nas áreas da formação profissional, do fornecimento de programas - todos os dias parte um avião para qualquer dos cinco países com programas portugueses - e na área técnica: construímos de raiz uma televisão na Guiné-Bissau, no mês que vem vamos inaugurar formalmente a novíssima televisão de São Tomé e Príncipe e estamos em fase de arranque do projecto da novíssima televisão de Moçambique. Na área das cooproduções, a RTP criou há dois anos um clube chamado «Encontros de televisões de língua portuguesa», que tem 16 membros e que emite para 200 milhões de pessoas.

D.L. - Porque desapareceu dos ecrãs?

C.P.C. - Porque tenho para mim que quem dirige não pode executar e quem executa não deve dirigir.

D.L. - Não tem saudades de aparecer?

C.P.C. - Saudades de aparecer não tenho, saudades de fazer televisão, tenho muitas. Eu sou um bicho da televisão, mas estou suficientemente empenhado neste projecto de fazer televisão para fora das nossas fronteiras. A prioridade da minha Direcção, nesta altura é, em colaboração com o Estado português, iniciarmos o mais rapidamente possível uma emissão diária por satélite, destinada aos

PALOP e às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

D.L. - Que pensa da televisão que se faz actualmente em Portugal?

C.P.C. - É muito fácil dizer que não vejo televisão e com isso evitar a pergunta, mas dou a minha solene palavra de honra que agora vejo muito pouca televisão e por isso não posso responder.

D.L. - E quanto à informação?

C.P.C. - Informação vejo e não tenho dúvidas de que deu, nos últimos três anos, um grande salto. Começámos a ver o mundo exterior através de olhos portugueses, de repórteres portugueses. Considero isso um avanço notável: em vez de estarmos dependentes de reportagens vindas das agências internacionais, somos nós próprios que vamos aos sítios.

D.L. - Uma vez afirmou que em Portugal não existe opinião pública. Continua a pensar da mesma forma?

C.P.C. - Rigorosamente da mesma forma. Continuo a pensar que não há opinião pública em Portugal no sentido de que não vejo uma influência imediata entre a notícia e efeitos imediatos, no grande sentido nacional. O que vejo, com muita preocupação, é que começa a notar-se um certo sabor a sangue na imprensa portuguesa. Começa a tornar-se moda o escarafunchar na ferida, que ainda não existe, e transformá-la em ferida que passa a existir. Vejo com muita preocupação que a regra de ouvir a outra parte quando se constrói uma notícia, nem sempre é aplicada pela imprensa portuguesa.

D.L. - Que pensa da forma como está a ser conduzida a abertura da actividade televisiva à iniciativa privada?

C.P.C. - Lamentável! Não aprendemos a lição dos outros, nem mesmo dos que estão mais próximos.

D.L. - Há algum tempo, afirmou também que era favorável a um espaço televisivo para a Igreja Católica ou qualquer outra confissão religiosa, desde que fossem estabelecidas regras claras...

C.P.C. - É evidente que quando eu digo lamentável, quero dizer que não aprendemos com a experiência dos outros para construir a tais regras claras, que nos teriam poupado tanto tempo, tanto dissabor e tanto desperdício...

meteorologia

Rei de Queijas

Que triste ideia, dirão os snobes e outros amigos, ir ver *King Lear* em português, e nem sequer do Avilez. Rima. Mas Shakespeare do Avilez ainda choca, e para que a minha ideia ficasse totalmente inclassificável, fui ver sem ser obrigado o dito Shakespeare em Queijas, no Centro Paroquial, representado pelo Grupo de Alunos dos Cursos de Teatro da Câmara Municipal de Oeiras.

Masquista? Sádico? Eu? O organizador? Arriscamos? Arrisquei. E não só que não foi catastrófico e *«old Bill»* aguentou, mas direi mais: sem qualquer espírito de filantropia afirmo que não é aquilo que aparenta ser, isto é apenas um exercício; eis um espectáculo shakespeariano livre, moderno, inteligente, dramaturgicamente ousado, achados justos, o cenário aproveitando o palco, a escada (do poder) de lusálite duro, o trabalho de muitos, calculo, e do bom perdigueiro, aqui o encenador, de nome Paulo Filipe, não desconhecido no meio teatral.

Shakespeare em Queijas: sei, dois mundos em colisão. Como uma loja de bicicletas no Pólo Norte, como uma piscina cheia de máquinas de escrever ou Ivan Lendl terrorista na Namíbia.

Dois mundos: um, do inferno isabelino que se aproxima do barroco existencial, outro, Queijas, antigamente e não há tanto tempo um lugarejo de pastores e moinhos de vento, tal como Linda-a-Pastora vizinha, hoje dormitórios melancólicos. Antigamente não se dormia? Em Shakespeare de facto as personagens não dormiram. Mas também não faziam dormir, na sua época, e não o farão amanhã, sábado e domingo em Queijas.

Jorge Listopad



Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Os desafios do Brasil no novo contexto internacional

Aborto: a lei nada alterou

Calor: uma reportagem escaldante

A.M.A. Auto Monumental do Alentejo S.A.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 19 DE JULHO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Bergamín e os intelectuais, pág. 2; Graciliano Ramos e a língua portuguesa, pág. 3; Oliveira Martins descreve as cadeias, págs. 4 e 5; Um conto de Jaime Rocha, pág. 6; Leituras e Ideias, pág. 7; Mistérios e assombrações, pág. 8

BERGAMÍN

O vivo esqueleto que foi José Bergamín, andaluz de infância malaguenha, madrilenho da Praça Maior e da Praça do Oriente, recebeu o afago da «mão de neve» em Euskadi, para onde se retirara no último ano de vida, num gesto a que os seus amigos dos sectores abertzales vascos atribuíram um alto significado político.

Unia-o a Herri Batasuna o que ali ainda havia de esquerda e o distanciava de uma Espanha que não lhe agradava, de uma Espanha do «consenso», onde a esquerda, precisamente, de joelhos no chão, se desfigurava com tanta transigência.

«Ouvimos agora», escrevia ele em 1983, «ao centro, à esquerda e à direita que as três coisas são o mesmo, que já há duas Espanhas. Que significa isto? Que há só uma? Então, e a outra? Ou será que já não há definitivamente nenhuma, nem Espanha nem anti-Espanha possíveis?»

Há quatro anos, em Fuenterrabía, amigos vascos lançavam sobre a ikurriña com que lhe tinham envolvido o caixão as últimas mancheias de terra. Encerrava-se a derradeira etapa da longa e dolorosa peregrinação que compartilhou com tantas centenas de milhares de espanhóis, uns suicidados, outros anos e anos a apodrecer na enxovia, outros fugindo de exílio em exílio ou encontrando a morte em terra estrangeira.

Espanhol dos mais espanhóis que viram a luz primeira em Espanha, Bergamín não podia passar muito tempo sem o ar da sua terra. Na primeira vez que voltou, Fraga Iribarne mandou prendê-lo (o mesmo Fraga que em anos recentes pretendeu dar-lhe lições de democracia). Na segunda, acoassaram-no, levaram-no terra adentro até à fronteira e expulsaram-no. Na terceira, foi ele mesmo que se pôs a andar. «Me siento triste y cansado, / triste sin saber por qué. / Cansado de estarlo tanto. / Tudo se me va acabando... / No sé por qué no se acaban / mi tristeza y mi cansancio».

Ninguém sabe que fazer desta esquelética figura de Don Quixote, cujo único afã, no tempo final que lhe sobrou de vida, carregando a

cruz de uma pobreza que tocava as raíças da indigência, parece ter sido conquistar a pulso a solidão, o anonimato e o silêncio.

Quando morreu, não faltou, entre os sinaleiros da frenética «movida» madrilenha, quem ainda vomitasse bñis sobre os seus ossos acabados de retirar da circulação: apesar de pretextarem não o compreender, tinham-no entendido bem de mais... «Aqui quem manda é um morto comido pelos seus vermes, que lhe obedecem comendo-o» (carta a Alberti). «Depois de Franco, não há esquerda espanhola: a que existe está morta de medo, e o que aí se designa por democracia

é um caldo turvo, espesso e indigesto» (entrevista a La Calle).

Estranha personagem esta, que nunca facilitou a vida aos arrumadores da literatura e da política. Católico de confessar e comungar, nem por isso se identificou menos com Mefistófeles: «Yo soy aquel que negándolo todo, todo lo afirma»; com uma obra que é toda ela um grito de esperança na redenção e salvação cristãs, sempre se sentiu atraído pelos ideais do socialismo: com os fascistas às portas de Madrid e as bombas incendiárias a cair do outro lado da rua, levanta o ânimo e desperta o riso de um auditório

de milicianos, ao avisar: «Estou com os comunistas até à morte, mas daí para a frente nem mais um passo»; acusado por José António Primo de Rivera de ser «um homem de duas caras», responde, escarninho: «Você acha que se tivesse outra cara, andava com esta?»

Filho de um pastor de ovelhas que chegou a ser deputado e ministro, Bergamín começou a escrever aos 14 anos, «ouvindo falar os analfabetos, escutando a linguagem poética que utilizavam para contar as lendas, provérbios, romances das suas aldeias. «Devo-lhes os primeiros materiais do meu dialecto literário...

sempre muito difícil de entender pelos doutos professores».

O seu primeiro livro chamava-se *O Foguete e a Estrela*, título que caracteriza bem o jogo de luzes repentinas e efémeras que foi sempre o seu. «Don de aire, donaire ou Don Aire», dizia por exemplo, falando de Madrid: «Don Aire de Madrid, con su habitual airoso, luminoso, señorío, dominio de si mismo...» Bergamín recria o idioma: modismos, vocábulos desgastados pelo uso, frases feitas recuperam nas suas páginas os significados originais ou adquirem facetas insólitas, de um brilho inesperado.

A qualidade e originalidade da sua voz lírica, a fidelidade ao que Unamuno chamava «o Santo Ofício de inquirir verdade», a indagação incansável da autêntica essência da espanholidade e da poesia, a leitura dos clássicos com um olhar capaz de isolar numa única expressão a profundidade do todo («Um homem completo é um povo em pequeno»), fizeram de Bergamín — escritor ascético, difícil e irónico — uma das personagens mais profundas, curiosas, inconformistas e inquietas da literatura espanhola.

Aquele a quem uma ideia se lhe mete na cabeça, enlouquece. Por isso Bergamín só tolerava as ideias *liebres*: «Ideas liebres son las ideas que corren, y, por consiguiente, las que nadie tiene». Uma dessas ideias, a que se manteve fiel, é a de que o fenómeno estético consiste na percepção da constante possibilidade do impossível, isto é, da conversão de um momento histórico num instante eterno: «Tenemos que ma-tar el tiempo para alimentarnos de su sangre».

Ernesto Sampaio



Segundo Dante, o inferno é a morada dos que perderam «o bem do intelecto». Quem são? Os que deixaram de ser intelectuais. A condenação infernal primeira é tirar, arrancar ao homem o bem do entendimento, da inteligência. A malícia ou malignidade do inferno inicia o seu castigo despojando o homem do «bem do intelecto», ou seja, idiotizando-o ou bestializando-o. O Satanaz dantesco é um horrível e repelente monstro de inteligência; uma espantosa besta acorrentada à tenebrosa prisão da bestialidade ininteligente, da fétida, negra imbecilidade ou estupidez. Dizia Unamuno que a maior tragédia humana é a estultícia ou estupidez. Para Nietzsche, o inferno dantesco é muito mais trágico do que a tragédia grega, e Dante o mais trágico de todos os poetas. Porque escreveu o nome do amor na própria entrada do inferno. E o da sabedoria. E o do poder. Amor, sabedoria, poder, a Santíssima Trindade Divina que (lemos em Dante) fundou o inferno na sua eternidade; «nenhuma coisa criada eterna se fez antes do inferno». Esta afirmação aparece aos olhos do poeta escrita a inapagáveis letras negras sobre as portas infernais, incitando, ao mesmo tempo, quem entra nessa eterna cidade da dor e das penas sem fim, a deixar fora a esperança, abandonando-a para sempre. A esperança, que com o amor e com a fé é tripla virtude teologal ou intelectual: bem da inteligência. Intelectual é o homem vivo que se salva ou pode salvar-se da condenação infernal eterna, que é perder para sempre o bem único da inteligência. E muitos são os chamados _ intelectuais _ E muito poucos os escolhidos. No coração destes, dos escolhidos, diz-nos o místico São Bernardo que «o sangue de Cristo grita mais alto que o sangue de Abel». O crente cristão escuta o grito desse sangue no seu coração sempre que o sangue de Abel, o inocente, lhe pede justiça. É esse sangue de Cristo que torna inteligível para o homem o outro sangue vertido: aquele que a cegueira bestial, estúpida, ininteligente de Caim arrebatou, com a vida, a seu irmão. O Caim dantesco é o mais terrível dos condenados, o que está mais perto de Satanaz pela sua ininteligência totalizadora, pela enormi-

dade incalculável do seu estúpido crime.

Os românticos, contudo, equivocaram expressamente, expressivamente, o sentido e razão intelectual, bestial, estúpida, do satanismo, devolvendo a Satan, metaforicamente, a luz que havia perdido, e com ela a sua inteligência formosa e luminosa. Volveram-no anjo, arcanjo novamente, como antes fora, de um brilho inapagável. Incendiando-o e acendendo-o, contraditoriamente, em Anjo Mau. «Sub angelo lucis». Satan foi para os românticos uma portentosa figura divina, em si

simbolizando inteiramente o contrário do que dele afirma a fé cristã, perpetuado na sua trágica «visão admirável» pelo poeta Dante: a ininteligência. Esta inversão total, esta conversão das trevas em luz, da fealdade em beleza, da negação em afirmação, do nada no tudo, da estupidez em entendimento, do horror, em suma, em maravilha, culmina no romantismo oitocentista, singularmente no romantismo inglês (desde o pré-romântico Blake ao falsamente satânico Byron). Porque as suas raízes, a sua seiva vivificante, em Inglaterra, vem de antes do século XVIII e é, para os ingleses, popular e tradicional, miltoniana e shakespeariana. Os pais ou avós desta sobrenatural criatura, deste mentiroso Satan inteligente, afigura-se-nos que são Milton e Shakespeare. É um facto que Chateaubriand o importa e aclimata ao romantismo francês, e é dele que Victor Hugo o toma. O seu desvio «intelectual» recolhe-o Goethe cepticamente no Mefistófeles do seu Fausto, com ele nos oferecendo a fórmula, mais do que a forma, da sua própria identificação contraditória: a sua autodefinição de ser «aquele que por tudo negar, tudo afirma». Da luminosa inteligência satânica ao sombrio «intelectualismo» mefistofélico vai apenas um passo. Deu-o Goethe.

E deu-o Goethe pela sua situação fronteira entre a ciência e a poesia. O Satan inglês era criatura poética, e por isso mesmo impossível, contraditória, irreal. O endiabrado ou endemoninhado espírito mefistofélico do alemão des-sataniza-se para sê-lo; de Satan não lhe resta nada: desangeliza-se humaniza-se em absoluto. Mente-se a si mesmo. Deixa de ser e de existir. Como o próprio poeta que o inventa quando precisamente deixa de ser poeta, que é sempre que se autocritica e mefistofeliza a si mesmo. E de modo tão inteligente que nunca pode acercar-se do inferno de veras: da horrível, repulsiva imagem ininteligente de Satan.

O escritor Bernanos, em novelas estremecedoras, descreveu este horror satânico, este espanto, esta agonia humana repassada de mistério. Trágica como a de Dante. Grande poeta, Bernanos, nas suas novelas, cobriu de sarcasmos cruéis os chamados «intelectuais» por causa da sua tontice em julgar-se mais inteligente do que são, e também devido à sua falsificação intelectualista da trágica estupidez e ininteligência satânica e ao seu vão orgulho, apagam a luz da inteligência verdadeira, transformando-a em tenebrosa, mentirosa «intelectualidade» ou «intelectualismo».

E será este intelectualismo ininteligente um intelectualismo de falsos «clercs» do pensamento? Em francês, continuou a chamar-se-lhe desse modo clerical que corresponde à nossa antiga «cleresia» medieval, oposta à profana «julgaria». E o que nesta oposição ou diferença ao separar-se, se nos manifesta, é um divórcio entre duas inteligências arraigadas ou desarraigadas na imaginação poética. Uma cleresia julgaresca (Berceo, Juan Ruiz...) não trai a inteligência porque a sustenta de poesia. A prova da inteligência, o «bem do intelecto», é precisamente a poesia. É-se inteligente na medida em que se é capaz de poesia. A inteligência manifesta-se por essa sensibilidade aparente para o canto e encanto poético: pela sua própria transcendência luminosa, mística, poética. O homem é criatura de criação, de poesia divina. Ao orgulhar-se de sê-lo, ao julgar sê-lo por si mesmo, sataniza-se, apaga-se, perde o dom divino da inteligência, idiotiza-se ao golpe de asa da imbecilidade satânica, como o sentiu Baudelaire. Intelectual é palavra perigosa, palavra-navalha, de duplo fio. Por isso devemos desconfiar dos que de si mesmos nos dizem que são poetas ou intelectuais. Estão pré-condenados ao inferno dantesco.

(Em Al fin y al cabo)
José Bergamín

INTELECTUAIS



«Los años se me vinieron a los ojos...»



Bergamín e Alberti na praça de Las Ventas de Madrid, em Junho de 1981

UMA PALESTRA

Não me aventuro a discussões: limito-me a dar alguns palpites, que provavelmente não serão aceites, pois contrariam juízes bastante espalhados.

Acho-me talvez em erro, mas arrisco-me a falar, procurando fugir a dificuldade que possam comprometer-me. Vamos ao essencial.

Ouvi, com espanto, um escritor afirmar que, em literatura e noutras coisas, era necessário suprimir a técnica. Não nos disse porquê: referiu-se apenas à necessidade. Essa economia de razões levou-me a impugná-lo do mesmo jeito: declarei, simplesmente, o contrário do que ele declarou. E o caso morreu, sem perda nem ganho para o auditório.

Não é conveniente, porém, ficarmos aí: reconheceremos sem esforço que o dito desse homem não tem pé nem cabeça. Se no trabalho simples não nos eximimos da aprendizagem, como evitá-la em trabalho complexo, na produção de um livro?

Ali por volta de 1935 realizou-se em Moscou uma *enqête* sobre a literatura soviética. Lembro-me da resposta de Romain Rolland. Havia nela uma frase de arrojo: «A arte é uma técnica» — o avesso do que ainda neste país asseveram, reproduzindo conceitos em moda entre 1922 e 1930. Com certeza o romancista se exagerou: se a definição dele fosse justa, qualquer pessoa alcançaria bom êxito folheando um desses manuais que nos ensinam, em duzentas páginas, a maneira favorável de escrever. Isso não basta, suponho.

Em conversa, um crítico português jogou-me esta fórmula: dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração. Chega-me também à memória a receita do espanhol a propósito de versos: maiúsculas no princípio, rima no fim, talento no meio.

Mas pergunto a mim mesmo se a busca da rima não influirá no talento, se a transpiração demasiada não será vantajosa à inspiração. Acho que sim. É o pensamento de um sujeito medíocre, estão julgando os senhores. De acordo, mas se me for possível, em rija labuta, reduzir um pouco a mediocridade, considero-me bem pago.

Um cavalheiro nos amola querendo atenuar os prováveis defeitos de uma novela forjada em quinze dias. Falhas naturais, não é verdade? Foi a pressa. Quem exigiu tanta pressa? O nosso autor exporia obra mais aceitável se aguentasse dois anos, teimoso e paciente, o suadouro mencionando pelo crítico português. O dever do tipo que se dedica a este ofício é diminuir as suas imperfeições. Impossível dar cabo delas. Bem, já é um triunfo minorá-las. Não devemos confiar às cegas num amável dom que a Divina Providência nos ofereceu. Em primeiro lugar não é certo havermos recebido tal presente. E, admitindo-se a dádiva, não nos ensinou as regras indispensáveis à factura de um romance.

Essas miudezas são na verdade horivelmente chatas. Surgiram na aula primária, alongam-se, originam complicações — e não conseguimos livrar-nos delas. Não conseguimos, que o pensamento vem daí, dessas pequenas arrumações de insignificâncias. Se não tivéssemos o verbo, seríamos animais, na opinião dos entendidos. O grito — emoções traduzidas em berros. Depois a interjeição. Em seguida a onomatopeia. Tornamo-nos afinal pal-



Graciliano Ramos

radores, distanciamo-nos dos nossos irmãos mais velhos — e no fim da semana bíblica Deus viu que isto era bom. E aqui estamos a remexer ideias, impossíveis há alguns milénios, quando a humanidade vivia em nudez.

Temos o direito de achar desagradáveis as palavras que nos impingiram na infância, a maneira de flexioná-las e juntá-las. Mas é com essa matéria-prima, boa ou má, que fabricamos os nossos livros.

No Brasil, nesse infeliz meio século que se foi, indivíduos sagazes, de escrúpulos medianos, resolveram subir rápido criando uma língua nova do pé para a mão, uma espécie de esperanto, com pronomes e infinitos em greve, oposicionistas em demasia, e preposições no fim dos períodos. Revolta, cisma, e devotos desse credo tupinambá logo anunciaram nos jornais uma frescura que se chamava «Gramatiquinha da fala brasileira.»

Essa gramatiquinha não foi publicada, é claro: não existe língua brasileira. Existirá, com certeza, mas por enquanto ainda percebemos a prosa velha dos cronistas. De facto, na lavoura, na fábrica, na repartição, no quartel, podemos contentar-nos com a nossa gíria familiar. Seria absurdo, entretanto, buscarmos fazer com ela um romance. Às vezes a expressão vagabunda consegue estender-se, dominar os vizinhos, alargar-se no tempo e no espaço.

Homens sabidos queimam as pestanas para dizer-nos porque uma palavra se fina sem remédio e outra tem fôlego de sete gatos. Respeitamos esses homens, quando eles metem uma delas no dicionário, respiramos com alívio. Estamos na presença de uma autoridade. No correr do tempo, achamos falhas na autoridade e vamos corrigindo, com hesitações e dúvidas, um ponto, outro ponto. Mas afinal é bom que ela nos oriente. Desejamos saber o que nos diz, embora, depois de reflectir, a mandemos para o inferno com

muitos desaforos, redigidos, está visto, na sintaxe que abominamos. Enfim paciência. O homem tem rugas e cabelos brancos.

Não toleramos é que um novato nos ordene, esquecendo a regra, desrespeito aos frades. Por quê? Os frades não nos fizeram mal e não terem morrido em automóveis, em aeroplanos, não é motivo para os matemos no papel. Já não existem galeões nem caravelas, mas a gente da minha terra abrasada, população que nem se pode lavar, conserva expressões dos mareantes aqui desembarcados no século XVI.

Perguntaram-me há dias porque uma personagem sertaneja, esquecida em livro meu, se mexe *de vante a ré*. Sei lá! Sei que ela fala assim. Perdida no interior, longe da água, a minha parentela exprime-se desse modo. — «Como vai, seu Fulano?» — «Assim, assim. Por aqui, navegando.» Navegar ali é impossível; contudo a palavra persiste, como no tempo das galés e dos bergantins. — «Anda ao socairo dele». Talvez isso em Portugal se tenha arcaizado, mas no sertão do Nordeste, descendentes dos marujos que endurceram manejando socaios ainda guardam a locução esquisita, hoje corrompida. Não dizem ao *socairo* dizem *assucár*.

O que não existe, ao sul, ao norte, a

leste, a oeste, são as novidades que pretendiam enxertar na literatura, com abundância de cacofonias, tapeações badaladas por moços dispostos a encoivarar duas dúzias de poemas em vinte e quatro horas e manufacturar romances com o vocabulário de um vendeiro.

Ninguém por estas bandas, que me conste, usou na linguagem falada preposições em fim de período. Essa construção inglesa não nos dará nenhum Swift. Porque em francês se diz *jouer avec*, o literato nacional descobre a pólvora escrevendo: «Temos aqui uma coisinha para a gente brincar com.» Tencionarão justificar isso lembrando a sintaxe dos índios, mas a verdade é que não falamos *nheengatu*, e a composição insensata, alegremente recebida por garotos propensos a conquistar a glória num mês, é falsa.

De nenhum modo insinuo que devemos escrever como frei Luís de Sousa, mais isto não é razão para acolhermos extravagâncias. Nos dois casos há pedantismo e ausência de clareza. E se não conseguimos ser claros, para que trabalhamos? O nosso interesse é que todas as pessoas nos entendam, *de vante a ré*.

(Em Linhas Tortas)
Graciliano Ramos



AS CADEIAS

O Limoeiro era em Lisboa a sala de espera de S. Julião, cujas casamatas e segredos regurgitavam de habitantes. Durante o Terror miguelista via-se o que se vira na França e por toda a parte, em condições idênticas. A natureza humana é sempre uma. A denúncia torna-se um ofício e uma necessidade: vive-se dela, para satisfazer ódios, para eliminar inimigos, rivais, credores incômodos, e pratica-se para afastar suspeitas de traição de tibieza. Uma «vez organizada e admitida, uma sociedade divide-se em denunciadores e denunciados: vale mais ser dos primeiros, e só é permitido ser uma coisa ou outra. Os magistrados, ainda quando queiram ser justos, não podem: se repelem os denunciadores, são logo denunciados por tibios, ou por traidores. Pactuar com o dolo, com a injustiça, é uma necessidade para os fracos, e desses é a maioria dos homens. O Terror cria, pois, uma atmosfera mórbida que todos respiram, círculo vicioso de que apenas saem os que têm força bastante para preferirem a morte, ou fortuna para alcançarem um exílio salvador.

À sombra do Terror, bafejados pelo ar viciado, prosperam e engordam sempre muitos, com o trabalho simples de afectar uma fúria superior à do vizinho. Esse pequeno esforço dá mais do que a segurança: dá a impunidade para o rorbar. Ao lado dos energúmenos, aparecem os que fingem sê-lo, e constitui-se uma ditadura clamorosa de doidos e patifes. A história de D. Miguel mostra que o primeiro elemento predominou no governo e no povo, o que é uma honra para o carácter português. Os que têm estudado a Revolução Francesa acham lá predominante o segundo.

Mas seria impossível que no meio de um tão grande desvairamento, não houvesse quem lucrasse com ele; e esse lado torpe do Terror viu-se nas cadeias que era o tumor purulento do Governo. No Limoeiro, os carcereiros espremiavam o preso, vendendo-lhe caro as graças da prisão. Para aumentar o valor do serviço, agravavam a mísera condição dos infelizes, lançando as mulheres arrebatadas às famílias para o seio das enxovias atulhadas de meretrizes e ladras: um monturo de impudicícia torpe, obscena. Os homens eram amontoados, empurrados a pau para a sociedade dos assassinos, nessas salas imundas, habitação de misérias infernais. Davam-lhes sovas de cacete miguelista, e por dia um quarto de pão e caldo, onde flutuava, raro, alguma erva. Sócios na cadeia, o assassino, o ladrão, o pedreiro-livre, sofriam a fome em comum. Viam-se de rastos, esfarrapados e nus, com a cinta apenas coberta por um farrapo sujo, com a pele áspera, escamosa, da imundície, da fome e da lepra, com a face esquelética, os cabelos pegados de suor e terra habitados de bichos; viam-se roendo ossos como cães, ou devorando as casacas podres das frutas. De noite dormiam em pilhas.

A cadeia era um mercado: vendiam-se trocavam-se lá dentro os roubos feitos na cidade, e os carcereiros, os escrivães, os juizes e até desembargadores, aproveitavam desse modo de comprar barato numerosas prendas para as famílias. O constitucional, que nada rou-

bara, nada tinha para vender: merecia, por isso e por outros motivos, maior rigor do que os ladrões. Mas, senão tinha que vender, por via de regra tinha que dar. Pertencia quase exclusivamente à classe média, e ainda que não fosse rico, por força deixara em casa alguma prata, um relógio, os brincos das filhas - sobretudo a amizade dos parentes que viriam a socorrê-lo! Por isso eram duros para com ele. Esse processo fazia logo aparecer dinheiro, com que se comprava a brandura dos carcereiros. Eles dispunham dos quartos, que alugavam por bom preço, conforme as posses do preso. E o negócio de sugar o malhado era uma obra meritória para a causa, e para o bolso próprio. Toda a gente do Limoeiro engordava e aplaudia o sistema: fizeram-se fortunas de 80 e 100 mil cruzados (Lopes, Hist. do cativ.).

Mas o Limoeiro era para os presos políticos uma estação provisória. O seu armazém estava na barra do Tejo, em S. Julião, confiado à guarda de um cêrbero fiel, honrado e bruto, entusiasticamente cruel. O Teles Jordão era o tipo do demagogo fardado. Ardiam-lhe no peito todas as cóleras plebeias contra os malhados. Era alto, corpulento, empertigado, como quem aprenda a disciplina de Beresford. Sentara praça de soldado, fizera a guerra da Península, chegando a brigadeiro por distinção e bravura. Amancebrou-se com a lavadeira de um tambor, a Mariana da Faia, e, apesar de

elevado ao generalato e à confiança do rei, ficara o mesmo: soldado analfabeto, mais bruto do que perverso. Era mau como um cão-de-fila. Corria os presos a pontapés, desprezando-os sinceramente, sem o esconder, confessando-o em invectivas chulas e obscenas. Tinha uma grande opinião de si próprio e da sua missão. Costumava dizer que nem todos os liberais do mudo faziam tanto como um dedo seu, e via os destinos da Europa dependentes daquele antro povoado de infelizes, confiados à sua guarda. Toda a basófia portuguesa antiga, toda a brutalidade soez, toda a ignorância bronca dos costumes nacionais, parecia terem vindo reunir-se, para fazerem dele o custódio duma Nação debatendo-se em violentas agonias de morte. Despachou assim um requerimento que pedia humanidade: «Neste Reino e nos mais civilizados não se põem em prática as leis da Natureza, mas sim d'El-Rei N.S.». Escrevia deste modo: infolmação, mixilanea, seuxão (se usam), o Correr, e subretudo, sempre, indefrido, a todos os pedidos dos encarcerados.

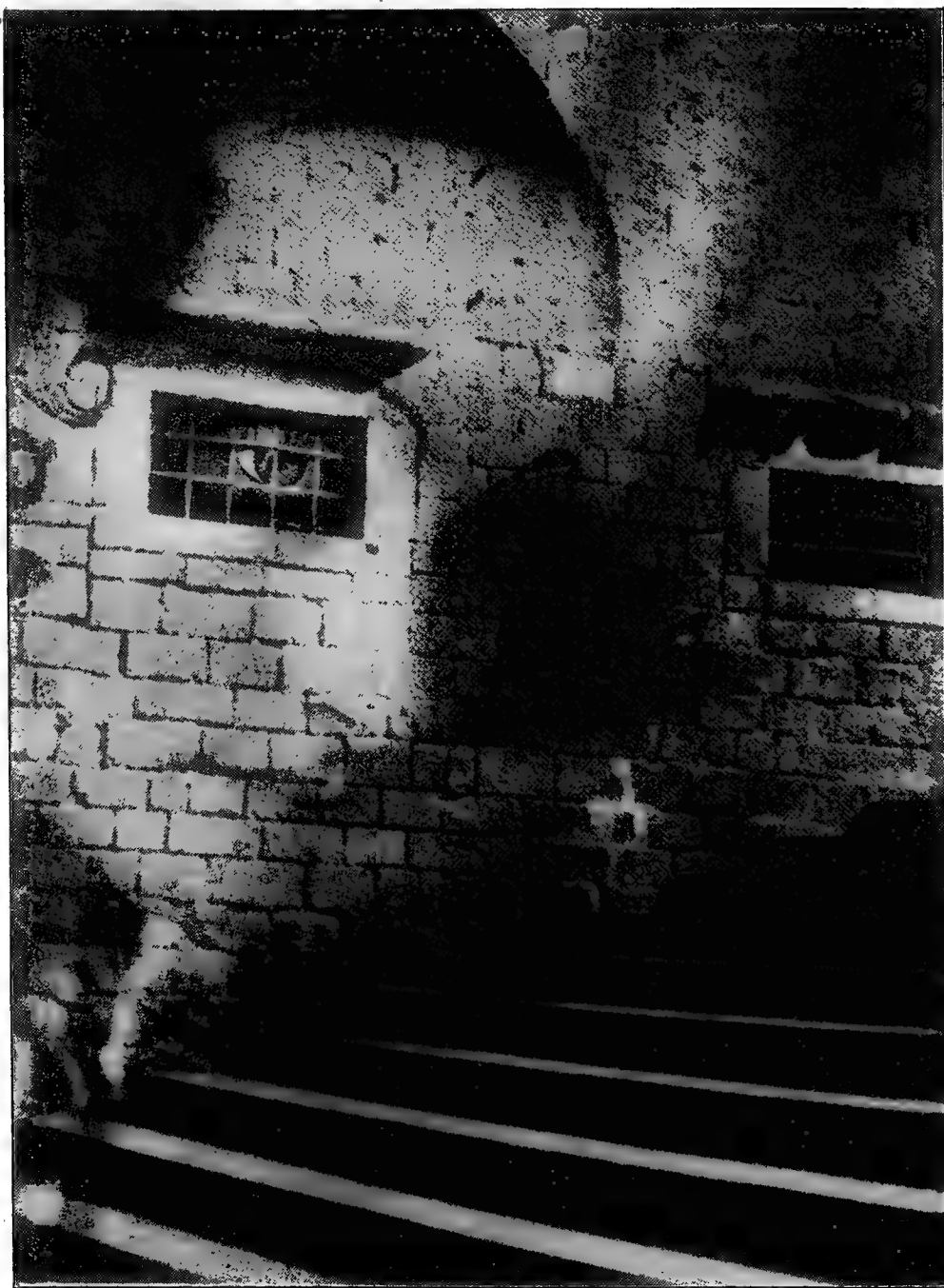
Empertigado e cruel, era tão beato como ignorante. Obrigava os presos a rezar o Terço às noites, em voz alta, nas casamatas e segredos; e então ouvia-se zumbir dos alvéolos desse favo de miséraveis um sussurro de vozes, confundindo-se com o marulhar das ondas que batiam nas muralhas da Torre. Mas a sua devoção era tão fiél que, se sus-

peitasse que Deus fosse pelos malhados, renegaria Deus e o Céu, para se entregar ao diabo. Havia na Torre uma capela da Conceição, com azulejos azuis e brancos e imagens da Virgem vestidas das mesmas cores: mandou vesti-las de cores fiéis, arrancando os azulejos; mandou pintar tudo a vermelho cor do sangue, e azul-ferrete, quase negro como o Terror. Queria um Céu bem miguelista; mas o seu ardor fiel neta D. Miguel per-

doava, quando o via tibio, inclinado à moderação: «Se mudar, faremos outro!» Em 28, de Espanha, ele próprio e Silveira e Magessi diziam, nos seus papéis apostólicos - Viva D. Miguel rei, se o merecer! E observando os presos do alto da sua gola militar, com o pescoço hirto, erguido, quando às noites visitava as casamatas e segredos, dizia-lhes com segurança desdenhosa: «Malhados e patifes, é o que vocês todos são!».

Nessas visitas ia o cêrbero acompanhado pelo seu estado-maior, canzoada miúda com os dentes agudos apontados, ladrando em falsete, vis, perversos, abjectos. Era o Maia, capitão da tropa; eram o Caleça, o Timóteo, o Reis, o Barata-Feio cantor da Patriarcal, réus de morte ou roubo, depravados sevandijas que compravam a impunidade entrando nas prisões, espiando os infelizes. Era por fim o Cacada, compadre do brigadeiro, e que engordava fornecendo as comidas aos presos. Não esqueça, porém, um - o menino, filho do soldado e da lavadeira do tambor, e no qual toda a imundície das roupas do regimento ficara no sangue. Era um lebreuzinho de raça atravessada, pouco pêlo e eriçado, ladrar miúdo e breve, rir frio e escarnicador. Divertia-se com os presos que o pai lhe concedia para brinquedo. Usava um cacete pequenino, e dava bofetadas com a mãozinha na cara de muitos velhos. Gabava-se de lhe doer o braço das cacetadas que distribuía, divertindo-se. Era cheia de gracinhas, a criança! Tinha só catorze anos, mas cantava a primor o *Rei chegou*, com estribilhos seus: mata-malhados! Era lugar-tenente do pai que o mandava fazer-lhe as vezes, inspecionar as prisões, onde agonizavam. E morriam Borges Carneiro e Breyner, o marquês de Nisa, e o moderado Sub-serra, tão querido de D. João VI.

O Maia, capitão, cheio de graça nacional como os soldados que o imitavam, tinha invenções picarescas. Por coisa nenhuma trocaria esse posto da Torre, de uma alegria inaudita! Pedia-lhe um preso água, e ele rindo respondia: «beba m... só malhado!» O menino, não podendo conter-se, desmanchava-se em riso. Quando chegavam as tigelas de comida, da estalagem do Cacada, o Maia, empertigado, remexia-se com a ponta da bengala, fazia de tudo uma salada imunda, partia os ovos, baldeava



literário



Oliveira Martins

França e pela Inglaterra para vir tomar o javardo no seu fojo ocidental.

Teles Jordão voltou à Torre, voltou o Maia, voltou o menino. Os miseráveis encarcerados levavam uma existência de dores cruciantes, e o infortúnio desenvolvia neles as faculdades infantis, instintivas, selvagens, próprias das cadeias. Brincavam, bordavam, divertiam-se com entretenimentos chineses, nas casamatas onde viviam à luz do dia. Mas nos lóbregos segredos, respirando um ar quente, húmido e pútrido, esmagando com os pés nus um lodo in-

fecto sarjado de fios de água do mar que se infiltrava pelos muros, com a roupa bolorenta, molhada e podre, com a atmosfera negra povada dos miasmas dos barris só vazados uma vez por dia, espessa do fumo da candeia mortícia; nos segredos, os encarcerados tinham inventado um telégrafo de toques subtis nos muros e uma linguagem nova, em que as palavras eram notas de assobio. Correspondiam-se também em cifra, trocando papéis à custa de propinas dadas aos carcereiros: D. Maria II era Tia Mariana, D. Pedro o Jacinto, a Inglaterra Alberto, etc.

Desta forma sabiam mais ou menos o que ia por fora. Carlota Joaquina morrera (Jan. de 30); Carlos X caíra em França (Fevereiro); a Europa virava; D. Pedro viera com a rainha; os Açores estavam ganhos; preparava-se uma expedição para libertar o reino, etc. — factos cuja influência estudaremos oportunamente.

O conflito com a França, a entrada de Roussin, a captura da esquadra miguelista (11 de Julho de 31) encheram os presos de esperanças, e os carcereiros de medo, de fúrias. Havia na tropa que os guardava sérios desejos de uma revolta, para autorizar a conclusão da tragédia com uma chacina. Repetiam-se episódios sangrentos, como o que sucedeu com o Torga. Fora varado, e, com o lombo em farapos, metido na sua masmorra. As feridas torciam-no com sede e por um dia inteiro pediu água sem lhe darem. Quando na manhã seguinte foram vê-lo e abriram, acharam-no hidrófobo, numa raiva. Atirou-se à porta e despedaçou-a, investindo armado com uma acha contra os carcereiros que fugiam. Rugia vivas a D. Pedro, a D. Maria II.

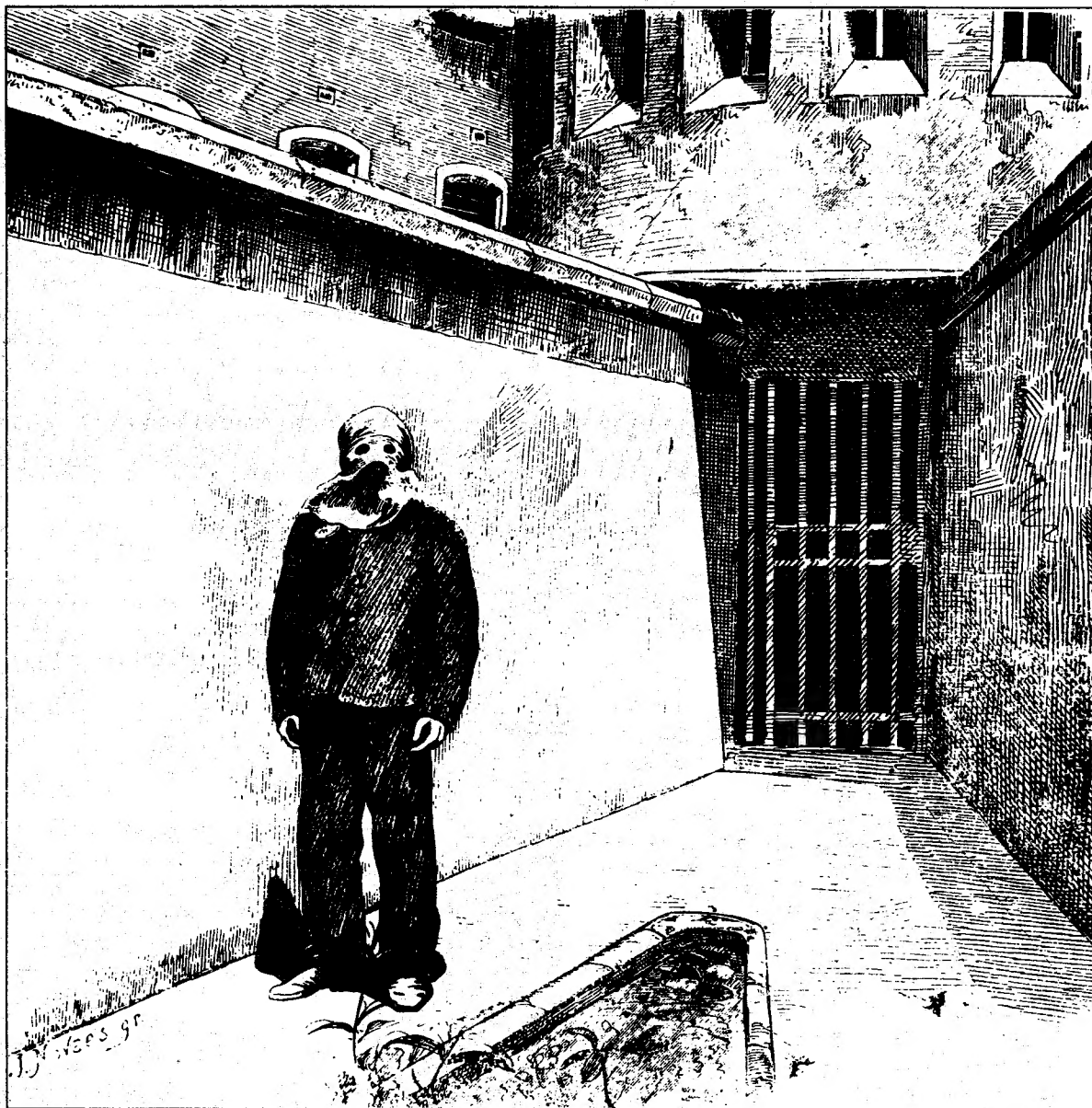
Acudiram todos e o Teles Jordão em pessoa. O Torga do vão da porta defendia o seu baluarte — a abóboda. Já soldados tinham ido por fora e pela estreita clarabóia do tecto faziam fogo. Uma bala varou-lhe uma perna e um dos oficiais atreveu-se a investir com ele. O ferido abate-o com uma arrochada, tirando das mãos do agressor a espingarda que levava. Pelos pés, de fora, agachando-se, os soldados puxaram de rastos o oficial caído. Ninguém ousava investir com o doido. O sangue escorria-lhe pela perna e pelas costas, a baba pelos cantos da boca, as lágrimas de raiva pelos olhos. Teles Jordão, não

vendo outro meio de o amansar, mandou vir o pai, que também estava preso e deitou-lho. O Torga parou, apiedado: «Ah! meu pai, deixe-me morrer, mantendo esta canalha!» Teles Jordão assegurava que nenhum mal se lhe faria, e ele, observando o pai, domado, entregou-se. Então os soldados, e o Maia, e o menino, e todos, caíram sobre pai e filho, deixando-os ambos deitados numa poça do próprio sangue, a gemer na escuridão da abóboda.

Dos lados, de toda a parte saíram gemidos, ais, uivos, exclamações de

cabisbaixo, recordando os nomes dos traidores que cercavam D. Miguel e o perderiam. Bem o dissera... ele bem o dissera...

Irritados com a alegria dos presos, os carcereiros negavam a verdade da notícia; e o padre Albuquerque, ex-bernardo, expulso do convento, acompanhava os chaveiros, bradando aos postigos dos cárceres: «Pedreiros-livres, filhos da p... , cornos do diabo! Já se acabou tudo: agora pagarão caro que têm feito. Lá se foi a sua Maria do zabumba e o imperador dos macacos!...



lástima e dor; e o bater dos cacetes, o gargalhar dos guardas misturavam-se num coro semelhante ao das ondas, quando raivosas estalavam espadando contras as muralhas da Torre. De manhã, um dia, ao abrirem a casamata n.º 10, onde estava o Caldeira, acharam-no enforcado. Na véspera levava uma sova e bofetadas do menino. Gemeu, ferido, aflito, até que, perdendo a esperança, rasgou em tiras o lençol, prendeu-o ao gancho do tecto, pôs-se em pé sobre o barril da imundície, lançou-se, deixou-se cair e morreu: ia alta a noite... Tinha a cara roxa da congestão, e o menino, vendo-o, deu um pulo, batendo as mãos: «Cá está morto!» acrescentando com ironia que morrera de morte própria e honrosa, enforcando-se por suas mãos, o pedaço de maroto! Os vizinhos batiam em vão no muro a chamá-lo para lhe dar notícias: D. Pedro desembarcara no Porto! Mas o infeliz ia já a caminho da praia, onde o enterraram como cão que era.

D. Pedro desembarcara, estava no Porto; e Teles Jordão, passeando nos terraços, olhando para o mar, pensativo, tinha confidências: «Ora aí está: bem dizia eu que aquela cidade devia ser arrasada. Lá os têm! Deixaram-nos meter o c... dentro: agora aturem-nos... Se não foi traição parece-o.» E recolhia-se

Morram, seus malhados!»

Mas na prisão do revelim, o Borja Amora, doido, estava no meio dos duzentos companheiros de enxovia, amarrado ao catre, gritando desabridamente «Povos, levantai-vos! A causa é vossa! Venha a marcha da República... réo, catapléo... réo, catapléo...»

Assim rufavam os tambores, do Mindelo para o Porto, numa marcha a que nós assistiremos. Teles Jordão deixou a Torre pelo exército; e os presos viram melhores dia até chegar o último — quando o duque da Terceira entrou em Lisboa. Tudo isso vem longe ainda. Há muito que contar. Deixámo-los emigrados em Plymouth, e a história do Reino passa-se dentro dele e fora: não há os portugueses de cá, pois é mister não esquecer esses milhares de homens expatriados que estão aprendendo coisas e ideias, com que virão, quando voltarem, criar uma Pátria nova. Ao som do tambor os veremos desembarcar, e entrar no Porto, e combater essa guerra curiosa por tantos títulos. Agora cumpre-nos ouvir o rufar do tambor de Palmela. Cândido José Xavier, sobre as costas dos canalhas de Plymouth... réo, catapléo... para o Brasil

(In Portugal Contemporâneo)
Oliveira Martins



A MULHER DO TEAR

A mulher do tear acabara de fazer trinta e sete anos. Almoçara pela manhã junto a uma mesa sem toalha, com dois copos, um dentro do outro. Quando o homem chegou para comer, a mulher preparava-se para transportar sozinha o tear para a rua. Puxava por uma corda e carregava o linho enrolado ao pescoço.

«Vou pôr o tear lá fora, há trinta e sete anos que teço, agora quero trabalhar à chuva», disse ela.

«Mas como é que podes, mulher», admirou-se ele.

«Não sei, mas é isso que quero fazer».

O homem foi-se embora. A mulher estava certamente doida. Trinta anos de tear, vinte de casada, agora queria pôr aquilo lá fora à chuva.

A mulher do tear começou a tecer de olhos postos no cimo da serra, onde estacionava quase sempre um clarão de

nevoeiro e de onde vinham uns sons parecidos com os cânticos das aves. O homem chegou tarde a casa, ainda a mulher permanecia agarrada aos fios verticais, sentada num banco pequeno de palha raso ao chão.

«Ainda a tecer, mulher», perguntou o homem.

«Até que a chuva pare», respondeu ela. Três dias passou a mulher encostada às tábuas do tear. Endoideceu, pensou o homem. Achou que seria melhor ir dormir fora, mudar-se para casa da mãe, alojar-se na cabana do gado. Depois de oito dias, indeciso, resolveu emigrar.

«Vou para França», ameaçou.

«Fazes bem, isto aqui não está bom».

«Vens comigo».

«Eu fico, até que ele cante».

«Quem, mulher», perguntou ele.

«O tear».

O homem emigrou. Um, dois, quatro, sete anos. Quando regressou, a mulher estava na rua sentada em frente do tear de olhos postos na serra, abanando a cabeça como um pardal.

Mexia os dedos num frenesim como se tocasse uma harpa. Do tear saía um fumo branco que se espalhava pelo vale até à serra, no meio dos cães. A mulher cantava com o tear. As tábuas baloiçavam numa dança de inverno. A mulher instalara um toldo e duas asas de anjo que escorriam uma seiva incandescente para dentro de baldes. Estava de costas. Nunca olhou para o marido.

O homem não disse nada. Fugiu. Durante mais sete anos esteve ausente em França, sem falar. Comprou um automóvel, um gravador, uma máquina de filmar, muitos electrodomésticos, uma espingarda, a maquete de uma vivenda. Voltou de vez com a indemnização que lhe cabia.

No dia do regresso encontrou a mulher a tecer com os dentes, a olhar sempre para a serra, para o rasto dos lobos, debaixo da chuva. O tear deitava uns ruidos estranhos.

«Mulher, cheguei».

A mulher do tear, então, voltou-se. Tinha dois diamantes nos olhos, a

língua em sangue.

«Como é que podes, mulher».

«Não vês o vale, olha bem».

O homem então viu. Uma manta de diversas cores cobria o vale de linho até ao pé da serra. Pelo meio corria um fio de água doce onde se banhavam os patos.

«Foste tu que a teceste sozinha?».

«É a estrada para os anjos que cantam lá no cimo da serra e vêm dançar comigo e com os lobos».

«Sozinha mesmo».

«Com estas mãos».

Ao ver-lhe as mãos, roídas até aos pulsos, o homem segurou-a petrificado.

«Os dedos, onde estão?».

«Foram os lobos. Foi este tear. Durante a noite, a dança».

O homem ligou-lhe os punhos com um pano branco. Limpou-lhe as lágrimas. Arrastou o tear para casa. Quando a quis levar para dentro, apoiado a um pau, a mulher saltou para trás como um puma. Tinha uma ferida mortal nos olhos. O homem viu o tear ser levado em chamas, suspenso nas duas asas de anjo. A

mulher desapareceu no meio dos lobos pelo fio de água que cobria a manta, em direcção à serra.

Jaime Rocha

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

☐ 1 ANO	— 18 000\$00
☐ 6 MESES	— 9 000\$00
☐ 3 MESES	— 4 500\$00
☐ 1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA



METÁFORAS DA SIDA

Tendo começado por abordar A doença como metáfora (1978), onde descrevia as fantasias punitivas e sentimentais que oneram a experiência privada do paciente e a aceitação social da doença, nos casos exemplares da tuberculose e do cancro, Susan Sontag relê o processo de metaforização da enfermidade à luz da Sida, a nova praga do século.

A metáfora que mais interessa desconstruir na Sida é a metáfora militar, que, remontando às políticas de saúde pública inauguradas no século XVIII por uma autêntica *bellum contra morbum*, configurou uma medicina das doenças de ambiente e viria a condicionar toda a microbiologia pasteuriana, de modo que, como nos diz S. S., «foi somente quando se passou a ver como invasor não a doença, mas o microrganismo que a causa, que a medicina começou a ser realmente eficaz e as metáforas militares ganharam nova credibilidade e nova precisão. A partir daí, as metáforas militares vêm cada vez mais sinserindo-se em todos os aspectos da descrição médica» (p. 13). Disso dá exemplo a Imunologia, em cujos primórdios a patologia é «encarada como invasão de organismos alienígenas, aos quais o organismo reage com as suas próprias operações militares, tais como a mobilização de 'defesas' imunológicas, e a medicina passa a ser 'agressiva' como na linguagem da maioria das quimioterapias» (pp. 13-14).

Mesmo a partir da altura em que, no Ocidente desenvolvido, se consideraram superadas as grandes pandemias causadas pelas más condições higiénicas e ambientais, e então a medicina se ocupou das doenças de comportamento, as metáforas militares não perderam acuidade. Além de provocarem uma mobilização social excessiva, que assume os contornos ideológicos de uma guerra de informação e contra-informação, de indicissociabilidade do combate espiritual e da luta corpo-a-corpo, têm por corolário uma representação exagerada que muito contribui para a estigmatização da fragilidade pessoal, física e psíquica, e sobrecarregam a vítima com um certo grau de culpa. Apesar de a Imunologia ter vindo a substituir um modelo cognitivo

do sistema imunitário ao anterior modelo bélico que corroborava a apropriação moralizante, e de os discursos da prevenção e da profilaxia se restringirem cada vez mais aos procedimentos técnico-científicos da medicina, abstendo-se de juízos acerca dos comportamentos de risco, as características com que surgiu a nova epidemia foram de molde a ressuscitar, ao nível da sua recepção social, antigos imaginários da insegurança. E assim que a Sida, explica S.S., vem contrariar o declínio geral da exploração moralizante das doenças, excepto das sexualmente transmissíveis. Pelo facto de se incluir nelas, a Sida é metaforizável como uma peste, sinónimo de flagelo e calamidade, de condenação moral das atitudes permissivas: «As doenças infecciosas associadas à culpa sexual sempre dão origem ao medo do contágio fácil e a fantasias absurdas sobre a transmissão por meios não venéreos em lugares públicos» (p. 33). Neste sentido, a Sida suplanta o cancro como doença mais estigmatizante; enquanto o segundo era entendido como uma doença provocada pelos hábitos de um indivíduo e que revelava algo acerca dele, a Sida é concebida como provocada pelo indivíduo enquanto membro de algum «grupo de risco», cuja conspurcação intrínseca traz consigo a fatalidade da sua própria condenação.

Isto mesmo acaba por ser reproduzido por certos *mass-media* que se comprazem numa iconografia do Sida em que o espectáculo da decomposição cumula a obscenidade física com a obscenidade psíquica. A agonia lenta e degradante dos doentes de Sida tornam-no numa doença desumanizadora e repulsiva que, ao atacar o rosto, desenterra o estatuto privilegiado que lhe atribui o conceito de pessoa assente na separação entre ele e o corpo. A intensidade da desfiguração reflecte o grau de dissolução da pessoa, revelando que, «por trás de alguns juízos morais feitos em relação às doenças, encontram-se juízos estéticos a respeito do belo e do feio, do limpo e do sujo, do conhecido e do estranho ou insólito» (p. 49). Só assim se entende a postura antiliberal que acusa as campanhas de informação de diluírem a diferença entre um «nós» e um «eles» cuja identidade deteriorada pré-existe à

própria doença.

Culpabilizada a vítima, a sua culpa não é, todavia, aleatória, pois a Sida expõe ou confirma uma identidade (sexual, cultural) negativamente valorada que poderia ter permanecido oculta. Ao reactualizar-se, por esta via, a associação entre a sexualidade e a doença ou a morte, a sexualidade deixa de retirar da esfera do social aqueles que a ela se entregam. O medo da sexualidade é o novo registo do mundo contemporâneo: ao medo do ambiente poluente, associado ao cancro, sucede o medo das poluentes, associado à Sida.

Na verdade, o comportamento estimulado pela Sida faz parte de um processo maior de retorno às convenções, tanto éticas como estéticas, num clima de exaustão dos ideais puramente seculares da modernidade esclarecida. Se o seu amplo questionamento já ganhava intensidade na década de setenta, muito antes, portanto, do aparecimento da Sida, a reacção a este veio dar força às tendências mais chauvinistas que, nos EUA, se acobertaram sob o reaganismo, ou, em França, sob o Front National de Le Pen. Ao acusarem o espírito dos anos 60 de incentivar o libertinismo, tais tendências obscurecem o facto de ter sido o próprio funcionamento do sistema económico, com o qual de todo se identificam, a tornar possíveis liberdades sem precedentes, cujas formas mais preciosas são a mobilidade física e a prosperidade material que estimulam os indivíduos a desafiar os limites, fazendo da imoderação a imagem da realização pessoal, desfrutada ou exercida solitariamente, do corpo o respectivo instrumento e da sexualidade opção de consumo — «A sexualidade recreativa e sem riscos, longe de ser uma invenção da subcultura homossexual masculina, é uma reinvenção inevitável da cultura do capitalismo, garantida pela medicina, ainda por cima» (p. 92).

A retórica preservadora da prática comunitária, que afirma que o que está em jogo é a sobrevivência da comunidade, da nação, da sociedade civilizada e do próprio mundo, além de justificar o autoritarismo, a intolerância e a xenofobia, ignora que a circulação universal de bens, imagens e pessoas é o fundamento do

mundo contemporâneo. De facto, a crise da Sida aponta para o facto de vivermos num mundo em que nada de importante é regional e a Sida «é um dos arautos distópicos da aldeia global, aquele futuro que já chegou e ao mesmo tempo está sempre por vir, e que ninguém sabe como recusar» (p. 109). Nem as retóricas apocalípticas que, com a sua cumplicidade imaginária com o desastre, indiciam tão-só mal-estar cultural e vontade de redenção, aliás garantida pela suspensão da ameaça, a qual é sempre tomada pelas suas projecções futuras e não pelas condições presentes.

Este agonismo delirante escora-se na origem africana da Sida, conotada com o primitivismo, a animalidade e a licença sexual, conjugando ainda temores ancestrais e o terror do inaudito que potenciam a metáfora da contaminação e da mutação a respeito do agente infeccioso: «A ideia de conspiração se exprime naturalmente na imagem do vírus implacável, insidioso, infinitamente paciente» (p. 81), que, por transmitir informação genética, relembra a atmosfera de ficção científica de guerra *high-tech* de que é exemplo a guerra das estrelas. «Se a ideia de 'peste' ainda tem futuro como metáfora é através da noção de vírus, cada vez mais difundida» (p. 82) e carregada de animismo.

Efectivamente, da disputa pela propriedade retórica da doença depende muito do que respeita tanto à experiência individual como à política social, como se depreende da distinção feita por Jonathan Mann, responsável da OMS, entre três epidemias: a dos doentes de Sida, a dos seropositivos ao HIV e a das atitudes face à doença.

É em relação a estas últimas que se pode avaliar a importância das reflexões de S.S. sobre a crise da Sida, que «nada tem de 'total'. Não estamos sendo invadidos. O corpo não é um campo de batalha. Os doentes não são baixas inevitáveis, nem tão pouco inimigos» (p. 111). E quanto à metáfora militar, que a guardem os guerreiros.

(Susan Sontag, *Aids e suas metáforas*, São Paulo, Companhia das Letras, 111 págs.)

António Fernando Cascais



A HORA DO MEIO DIA

A SUPERSTIÇÃO MERIDIANA ainda é viva e forte no Brasil. Tanto quanto em Portugal e Espanha de onde a tivemos.

Não sei da percentagem que poderia caber aos incas, astecas e maias por uma credence referente ao Sol no zênite, perdurando nas populações ameríndias. Não conheço lenda referente ao meio-dia entre os nossos ameríndios. O salmo 91,6 cita o Demônio do Meio-Dia, *daemonio meridiano*, tão de reechar-se quanto à calamidade mortífera ocorrente nessa hora: *a perniciæ quæ vastat meridiem*. Sobrevive na imaginação coletiva a vaga imagem demoníaca, liberta do Inferno e operando na coincidência horária.

No *Meléagro* (Rio de Janeiro, 1951), divulgo uma «Oração do meio-dia» com força de atracção amorosa. As pragas irrogadas a essa hora são de eficácia indiscutível. No *Relógios falantes*, Dom Francisco Manoel de Melo regista a versão

obstinada: «Velha conheci eu já, que ensinava às moças que as pragas rogadas das onze para o meio dia eram de vez, porque todas empéciam». Também, na face benemérita, as súplicas são atendidas desde que coincidam com o coro dos anjos, cantando as glórias a Deus, justamente no pino do meio-dia.

Hora sexta, parada e morna para os romanos que a temiam. Hora sexta, criando a sesta. Na Grécia, silenciavam cantigas e avenas pastoris porque era a hora em que Pan, o grande Pan, adormecia, farto de correrias. Interrompido o sono, pagaria caro o atrevido perturbador. Na campina de Roma respeitava-se a sesta dos deuses silvestres fatigados. Na Idade Média era possível ouvir-se o fragor tempestuoso da cavalgata fantástica, seguindo o caçador eterno, *Wuotan Heer*,

das *wiltende Heer*, infernais. As pedras deslocam-se na França. O homem-das-águas rapta as crianças na Morávia, repetindo as Nereides gregas e a Poledinice da Boémia. Surge em Palermo a feia Grecu Livanti. O Demônio do Meio-Dia persegue nas montanhas as mulheres de Creta. Um espectro feminino ronda a pirâmide de Quéops. Em Portugal, o Homem-das-sete-dentaduras aparece no Cêro Vermelho, Algarve, ao meio-dia, como, de sete em sete anos, corre a Zorra de Odeloca, a Berradeira, espavorindo a região. No dia de São João o Sol dá três voltas ao meio-dia e está cercado por nove estrelas fiéis.

Para nós, brasileiros do sertão, o redemoinho, os súbitos pés-de-vento, a poeira que sobe, brusca, diante das portas, o canto estridente do galo, os rumores inexplicáveis no telhado, nas camarinhas sombrias, nos alpendres solitários, denunciam presenças misteriosas e sobrenaturais.

É uma das horas abertas em que o Diabo se solta. Os doentes pioram. Os feitiços ganham poderio nas encruzilhadas desertas.

Não pragueje, não cante alto, não assobie, não abra os braços quando os ponteiros do relógio estiverem de mãos postas.

Notem que é uma hora estranha, imóvel, com um arpejo sinistro nas folhas, tangendo os animais lentos. Hora em que o cão se enrosca para não ver os fantasmas. No sertão, hora das miragens, do falso fumaceiro nos capoeirões, denunciando um fogo inexistente. Trote de comboio, obrigando o viajante a volver-se para identificar invisíveis caminhantes.

Os animais reais dormem, escondidos nas sombras das malhadas. Os encantados galopam procurando apavorar os caminheiros do Sol-a-pino. Relincho de cavalo que ninguém enxerga. Uivo de raposa que não nasceu. Bafo de coivara, sopro quente de braseiro, jamais localizado. Vento que

passa açoitando as árvores e deixando os galhos imóveis, recortados em bronze.

Cuidado com o Mal que desejar nessa hora fatídica. Voto, praga, invocação, esconjuro, têm projeção mágica.

Todos os ocultistas recordam a batalha astral entre l'abbé Boullan e Stanislas de Guaita, combate de magia negra, à *coups d'envoûtements*, duelo à distância, sem pausa e sem mercê. Boullan sucumbiu, acusando Stanislas de Guaita de havê-lo assassinado astralmente. As horas preferidas foram sempre meia-noite e meio-dia. Valem tanto, para a feitiçaria, macumba, catimbó, a hora do Sol-a-pino como a meia-noite tenebrosa. Mas é hora poderosa para as orações benéficas. Rogos, promessas, súplicas, pelas horas que são. Nunca a Igreja regulou esse horário que é superstição milenar, trazida pelo europeu para o continente americano. Não se verificou que as culturas pré-colombianas a tivessem motivado.

Certas rezas assumem valores surpreendentes quando ditas no pino-do-meio-dia. Ditas de pé e sem telhas acima da cabeça, ao ar livre, ao Sol. Explicam a intervenção prodigiosa pela obediência inarredável ao toque do meio-dia. Batendo o relógio as doze badaladas quando o devoto está orando, há convergência de fatores imponderáveis para o êxito. Nunca perdi um meio-dia, justificava-se alguém de um acontecimento venturoso, solução vitoriosa, em antiquíssima e semiperdida questão. De um funcionário estadual a quem o Governador parecia perseguir tenazmente e sem visíveis vantagens ouvimos: Ele não pode com a reza do meio-dia! feita pela mulher, teimosa e crente.

- Só tenho neste mundo a revólver descarregado e praga ao meio-dia! - dizia-me um professor eminente, veterano de gerações.

«Demônio do meio-dia» chamavam ao Rei Filipe II da Espanha.

Mas, para o povo, é bem outra a força miraculosa em sua ameaça imortal.

(Em Coisas que o povo diz).
Luís da Câmara Cascudo

